

ILYA VIRGATCHIK

a

LUA

*sua influência sobre
o homem e a natureza*

Pensamento



CASA FRETIN

1005



A LUA

SUA INFLUÊNCIA SOBRE O HOMEM E A NATUREZA

ILYA VIRGATCHIK

A LUA
SUA INFLUÊNCIA SOBRE O
HOMEM E A NATUREZA

Tradução

REGINA LAURA DE SOUZA PINTO



EDITORA PENSAMENTO

São Paulo

Título do original:

Le Guide marabout de la Lune et des influences lunaires

Copyright © Les Nouvelles Editions Marabout, Verviers, 1983

Edição

1-2-3-4-5-6-7-8-9

86-87-88-89-90-91-92-93

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 São Paulo, SP — Fone: 633141

Impresso em nossas oficinas gráficas.

SUMÁRIO

Capa – Orelha - Contracapa

Introdução	7
O astro lunar	9
Os fenômenos visíveis	21
As marés	21
Os eclipses	25
A Lua e os ritmos vitais	35
As influências da Lua sobre o homem	43
As perturbações físicas e psíquicas	44
A Lua e a mulher	50
As crenças populares	58
Simbolismo da Lua	61
A Lua nas tradições populares	63
As expressões lunares	68
A Lua e as religiões	70
A Lua nas ciências divinatórias	75
A Lua e a astrologia	75
A Lua e a acupuntura	88
A Lua na astrologia chinesa	90
A Lua no tarô	92
A Lua na quiromancia	94
A Lua e os vegetais	97
A Lua e a pesca	111
A Lua e a meteorologia	113
A Lua ruiva	120
Conclusão: O poder econômico da Lua	125
Anexos	131
Bibliografia	147

INTRODUÇÃO

Filhos da Lua! A idéia de escrever este livro surgiu numa noite de Lua cheia, quando eu não conseguia conciliar o sono. O astro resplandecente exercia seus múltiplos efeitos e, com a imaginação vagando, como se sonhasse acordada, lembrava-me de todas as influências da Lua cheia sobre os seres vivos: cenas sabáticas, quadros românticos, agitação do mar... E esse projeto foi germinando lentamente, até que a semente lunar, fortalecida por numerosas leituras, floresceu.

Desabrochando, mês após mês, tão perto — e no entanto ainda tão longe — de nós, a Lua permanece quase desconhecida da maioria dos homens. A euforia generalizada que se seguiu aos primeiros passos do homem sobre nosso satélite deu origem a uma importante literatura que, infelizmente, centrou-se quase sempre no aspecto técnico. O homem habituou-se muito rapidamente às maravilhosas proezas espaciais, e essa literatura envelheceu logo. Entrementes, a Lua saiu de moda, sendo, pois, hoje, difícil encontrar uma obra que lhe seja consagrada de modo inteiro e único.

Apenas os astrólogos ainda escrevem textos importantes sobre os efeitos da Lua. As conseqüências das radiações lunares, no entanto, não se restringem ao aspecto por eles analisado, de modo algum! Terei oportunidade de demonstrar que a Lua exerce numerosos efeitos sobre a Terra e seus habitantes: efeitos físicos (as marés), efeitos meteorológicos (o regime das chuvas), efeitos sobre os vegetais, sobre o homem e os animais (ação biológica e psíquica) etc. Hoje chega-se até a pensar que o ritmo do homem e de muitos animais esteja sob o seu controle.

Ao escrever este pequeno volume, pretendi preencher essa lacuna e apresentar um apanhado geral sobre a estrutura de nosso satélite e sobre as influências lunares, conhecidas e desconhecidas. Uma parte da obra será consagrada à Lua física, tal como é vista pelos astrônomos hoje. Outra parte será reservada às diversas tentativas de o homem se apropriar simbolicamente da Lua. A astrologia, primeira tentativa humana de unificação dos conhecimentos, será igualmente considerada neste livro. Enfim, a última parte será destinada aos numerosos efeitos produzidos pela Lua.

Este trabalho levanta mais questões do que as resolve; porém, espero que, ao terminar a leitura, você possa olhar o astro lunar de modo totalmente novo.

O ASTRO LUNAR

Origem da Lua

Convém admitir que ainda não sabemos muita coisa a respeito da Lua; até mesmo sua origem nos é desconhecida. Evidentemente, não faltam hipóteses, mas nenhuma delas nos parece inteiramente satisfatória...

Existem essencialmente três hipóteses para explicar a origem da Lua:

- 1 - formação simultânea da Terra e da Lua, no centro da nebulosa primitiva;
- 2 - separação da Lua, que se teria desprendido da Terra; e
- 3 - captura da Lua, que se originaria de outra região do universo.

O estudo recente de amostras lunares, sem trazer nada de absolutamente certo, lançou, no entanto, novas luzes sobre esta questão. Atualmente se sabe que a natureza das amostras colhidas na Lua é diferente da do material terrestre. A primeira hipótese (a formação simultânea da Terra e da Lua) e a segunda hipótese (Lua = fragmento da Terra) parecem, pois, descartáveis. Contudo, não se pode rejeitá-las totalmente, já que as transformações contínuas do solo lunar (de aproximadamente 4 bilhões de anos) — em total ausência de atmosfera — poderiam explicar certas particularidades do solo.

A terceira hipótese é, portanto, a que parece mais plausível. Ela defronta-se, porém, com vários pontos de interrogação. Sem entrar em detalhes, assinalemos simplesmente que seria mais provável a criação da Lua no interior da órbita de Mercúrio. Essa hipótese (firmada em

numerosos argumentos) encontra, no entanto, uma dificuldade maior: nas amostras de rocha lunar encontram-se isótopos de oxigênio em abundância, idênticos aos descobertos na Terra. Isso levaria a supor uma formação próxima ao planeta Terra, que teria capturado a Lua, recentemente formada, e esta última teria sofrido modificações ao constituir a dupla Terra-Lua.

Descrição da Lua

- ❑ *O Diâmetro:* 3.476 km.
- ❑ *Superfície:* 37.960.000km²
- ❑ *Massa:* 1/81 da Terra.
- ❑ *Raio:* 1/5 da Terra.
- ❑ *Libração ótica:* 6,7 graus (longitude e latitude).
- ❑ *Superfície visível* (da Terra): 59% (em consequência da libração).
- ❑ *Densidade:* 3,33.
- ❑ *Distância Terra-Lua:* variável. No perigeu: 356.000 km; no apogeu: 406.000 km.
- ❑ *Revoluções:* draconítica: 27,2 dias — sideral: 27,3 dias — síndica: 29,5 dias.
- ❑ *Inclinação da órbita* (sobre a eclíptica): 5 graus e 9 minutos.
- ❑ *Aceleração da gravidade:* 16,6% da Terra.
- ❑ *Temperatura:* de +100° a -150°C.
- ❑ *Atmosfera:* traços.

■ Quadro comparativo Terra-Lua

	<i>Terra</i>	<i>Lua</i>
❑ <i>Duração da revolução sideral</i> (em dias)	365,24	27,3
❑ <i>Duração da rotação sideral</i>	23h54'04"	27dias07h43'
❑ <i>Diâmetro</i> (em km)	12.756	3.476
❑ <i>Volume</i>	1	0,016
❑ <i>O Massa</i>	1	0,012
❑ <i>Densidade Média</i>	5,52	3,33
❑ <i>Aceleração da gravidade</i>	1	0,16
❑ <i>Velocidade de afastamento</i> (km/s)	11,2	2,4

As fases da Lua

A Lua não propaga luz própria, mas reflete a luz solar, quase como se fosse um espelho. Ninguém duvidaria disso, já que, regularmente, se assiste no céu ao desaparecimento do astro lunar.

As fases da Lua provém da configuração variável, no céu, a cada mês sinódico, dos três astros: Sol, Terra, Lua.

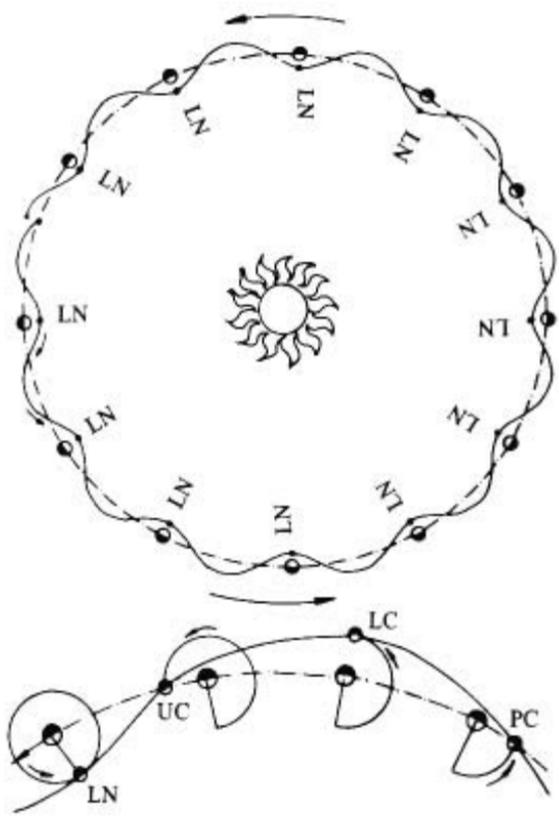
Denomina-se *mês sinódico* um mês de 29,5 dias de duração; esse mês é um pouco mais longo que o *mês lunar*, e corresponde à rotação da Lua em torno da Terra. Isso porque, enquanto a Lua gira em torno da Terra, esta vai avançando em sua órbita em torno do Sol; a Lua deve alcançar a Terra em seu percurso. Esse mês sinódico, ou *lunação*, dura exatamente 29 dias, 12 horas e 44 minutos. O número de dias transcorridos a partir da Lua nova determina o que os astrônomos denominam a *idade da Lua*

A *lunação* é certamente um dos fenômenos celestes mais extraordinários; não chega, pois, a surpreender o fato de muitos povos terem se baseado nela para organizar seus calendários.

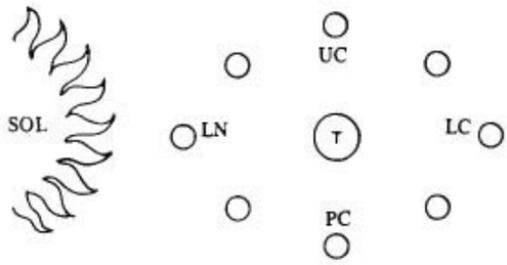
Observemos de passagem que, se dividirmos 29 por 4, obteremos, um número inteiro, 7. Se, continuando a dividir, fizermos a seguinte operação: $365,5 : 29,5$, o número inteiro obtido será 12. É mais provável que a origem dos números sagrados 7 (como os dias da semana) e 12 (como os meses do ano etc.) esteja ligada a esse pequeno cálculo.

Notemos ainda que, não tendo o mês sinódico e o mês lunar a mesma duração, haverá uma defasagem das fases lunares a cada ano. Esse ciclo dura 19 anos (ver, adiante, o capítulo destinado aos eclipses) e tem o nome de *ciclo de Meton*.

As principais características das fases lunares são apresentadas no quadro seguinte.



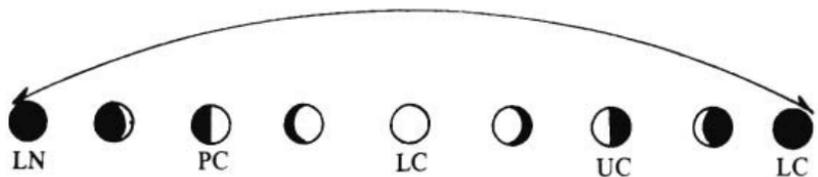
O movimento real da Lua e da Terra.



O movimento aparente da Lua ao redor da Terra e as diversas fases.

■ ***O aspecto das fases lunares***

LUNAÇÃO: 29,5 dias



<i>Aspecto</i>	<i>Posição</i>	<i>Visibilidade</i>	<i>Nascimento</i>
LN Invisível	Perto do Sol (em conjunção)	–	Aurora
PC Semicírculo	A 90° do Sol (em quadratura)	Fim da tarde, início da noite	Meio-dia
LC Círculo inteiro	Oposto ao Sol (em oposição)	Toda a noite	Crepúsculo
UC Semicírculo	A 90° do Sol (em quadratura)	Fim da noite, início da manhã	Meia-noite

Note-se que a Lua crescente surge à noite e a Lua minguante aparece pela manhã.

■ ***O calendário das fases lunares***

	<i>Efeito</i>	<i>Nome</i>
Lua nova (dia 0)	Lua invisível	Sizígia
Primeiro quarto (dia 7)	Crescente em semicírculo	Quadratura
Lua cheia (dia 14)	Lua totalmente visível	Sizígia
Último quarto (dia 21)	Crescente em semicírculo	Quadratura

□ *Nota: as extremidades do crescente lunar sempre se dirigem para o lado oposto ao Sol.*

Quando observar a Lua?

■ **As fases da Lua**

A Lua não se nos apresenta, sempre, da mesma maneira no céu: é a isso que chamamos fases da Lua. Embora conhecidas pela maioria das pessoas, convém mencioná-las:

- ❑ *Lua nova* (a Lua fica ausente do céu);
- ❑ *Primeiro quarto* (apenas um quarto dela é iluminado);
- ❑ *Lua cheia* (toda a Lua fica iluminada);
- ❑ *Último quarto* (apenas um quarto aparece iluminado, antes que ela volte a desaparecer — Lua nova).

Estudaremos essas fases, mais detalhadamente, num próximo capítulo; contentemo-nos, no momento, em observar o céu.

■ *As noites de Lua cheia*

Em certas noites, o astro aparece tão belo que se toma impossível deixar de contemplá-lo. Mesmo a olho nu — e mais claramente com binóculos — podem-se ver algumas de suas manchas.

A cor da Lua não é uniforme; ela apresenta sempre certo número de manchas acinzentadas, cujo aspecto evoca o rosto humano: são os *mares*. Não se trata de extensões de água (que a superfície da Lua não possui), mas de espaços desertos. Essa denominação data da época em que se acreditava que a Lua fosse semelhante à Terra; e assim permaneceu, apesar da descoberta de como é a Lua na realidade.

■ *Entre a Lua nova e o Primeiro crescente*

Após alguns dias de desaparecimento (Lua nova), o astro reaparece, gradativamente, sob a forma de um delgado crescente. A observação do céu mostra, no entanto, que a parte da Lua não iluminada pelo Sol é, apesar de tudo, visível: ela tem um tom cinza pálido. É o que chamamos de *luar cinzento*. Esse luar, que nos faz ver o astro inteiramente, apesar da ausência de iluminação solar, deve-se simplesmente ao reflexo da luz terrestre: é a luminosidade terrestre que se reflete na Lua. Essa luminosidade cinzenta pode ser observada entre a Lua nova e o Primeiro crescente.

■ *O Primeiro e o Último quartos*

O melhor momento para observar a topografia lunar não é, como se poderia pensar, a Lua cheia, porque, nesse momento, o astro é frontalmente iluminado e toma-se difícil perceber os seus relevos.

Lembre-se do que acontece na Terra por volta do meio-dia, à luz do Sol: tudo parece "achatado", os relevos são eliminados. Algumas horas mais tarde, no momento em que os raios solares tornam-se mais oblíquos,

os relevos aparecem. No que se refere à observação da Lua, acontece o mesmo: o melhor momento para observar seus relevos é quando a luminosidade torna-se rasante: no Primeiro e no Último quartos.

O limite entre o lado dia (parte iluminada) e o lado noite (parte escura) recebe o nome de *terminator*.

Os mapas lunares

Para observar bem a Lua, torna-se necessário não apenas escolher um bom momento (Primeiro e Último quartos), mas também munir-se de binóculos, de um telescópio (uma objetiva de 5 a 10 cm de diâmetro é suficiente para observar a maioria dos detalhes principais) e de um bom mapa lunar.

Para um neófito, será inútil escolher o mapa mais completo possível; ele se perderia nos detalhes. O mapa aqui apresentado (muito simplificado) já é suficiente para uma primeira exploração.

Quando se vai observar a Lua a olho nu, não se pode esquecer que os mapas quase sempre apresentam o sul no alto,¹ como aparece no visor da luneta (em consequência da inversão da imagem).

O que se deve observar?

■ *Ver a Lua nova* é um espetáculo raríssimo, que só acontece por ocasião de um eclipse do Sol; esta é uma das razões pelas quais os astrônomos tanto se interessam pelos eclipses. Estudaremos esse fenômeno num capítulo à parte.

■ Ao contrário, *a observação da Lua cheia*, muito freqüente, é, conforme já o dissemos, bem pouco instrutiva; o neófito esclarecido procurará os seguintes lugares:

□ *mares lunares* (locais acinzentados);

1. Desde 1961, indica-se o sul embaixo. De fato, decidiu-se orientar os mapas do ponto de vista de um observador situado na Lua (e não na Terra). Quando se olha a Lua com uma lente normal (sem sistema de correção), não se pode esquecer de fazer essa alteração.

- juvens crateras* (manchas muito brilhantes, em número de meia dúzia);
- raios brilhantes* (que partem das crateras).

■ O observador habitual perceberá que *a grandeza do astro é variável*, segundo as épocas; isso não resulta de uma ilusão de ótica, mas realmente do fato de a distância Terra-Lua ser variável. Se ele for minucioso, observará que, de uma Lua cheia a outra, os objetos situados nas proximidades não são iluminados de maneira igual. Isso provém de uma pequena oscilação da Lua (libração), que faz com que ela não se nos apresente sempre exatamente sob o mesmo ângulo.



Mapa simplificado da Lua: o Norte acha-se embaixo, o Sul no alto (visão telescópica sem sistema de correção). O nome das crateras está sublinhado.

■ No que se refere *aos nomes dos mares* (escolhidos por Riccioli), deve-se saber que provém da crença de que a Lua influencia o tempo (veremos adiante o que se pode pensar a respeito...).

A Lua crescente anuncia bom tempo; a Lua minguante, mau tempo.

Partindo dessa idéia, Riccioli deu aos "mares", que aparecem na fase crescente (Primeiro quarto), nomes que evocam o tempo bom, a tranqüilidade, a felicidade de viver: *Mar da Tranqüilidade* (onde pousou a nave Apolo XI), *Mar da Serenidade*, *Mar da Fecundidade*, *Mar do Néctar* etc.

Os "mares" que aparecem no Último quarto receberam nomes que evocam o mau tempo, o desespero, o esquecimento: *Mar das Chuvas*, *Oceano das Tempestades*, *Mar das Nuvens*, *Mar dos Humores*, etc.

■ Entre *as crateras visíveis*, quando é Lua cheia, devemos citar *Tycho*, mancha brilhante, ao Sul, circundada por numerosos raios.

■ Durante o Primeiro e o Último quarto, a observação da Lua é muito mais instrutiva, principalmente *ao longo do "terminator"* (como a Lua não tem atmosfera, a luz não se difunde, e o limite entre as partes sombrias e as partes iluminadas aparece bem nítido). Por meio de uma simples luneta, pode-se observar a iluminação progressiva dos principais pontos da Lua.

Essa zona fronteira interessa muito aos astrônomos. Nesse nível, pode-se assistir (já com o binóculo) ao nascer e ao pôr-do-sol sobre as montanhas lunares. Com o deslocamento regular da fronteira, são outros os pontos que se podem explorar. Ademais, as sombras são muito amplas e toma-se fácil observar o relevo, por mínimo que seja.

Os melhores momentos para observar a Lua e seu relevo são, pois, os de alguns dias antes e de alguns dias depois do Primeiro quarto (que se vê no início da noite) ou do Último quarto (que se pode ver no final da noite).

Geografia lunar

Embora o nosso tema, neste livro, seja o das influências lunares, é contudo útil saber a que se assemelha essa bela das noites, de estranhos poderes.

As principais formações lunares são em número de seis:

1) os mares;

- 2) as crateras;
- 3) as montanhas;
- 4) os traços brancos (raios);
- 5) as cúpulas; e
- 6) as fendas e formações venosas.

As duas últimas formações são menos interessantes de se analisar; não nos demoraremos nelas.

■ *Os mares*

São em número de vinte e quatro e dão à Lua, quando observada a olho nu, a aparência de um rosto humano. Já mencionamos isso antes. Se alguns desses mares são visíveis a olho nu, os outros são inteiramente visíveis com um simples binóculo.

■ *As montanhas*

Seus nomes são quase todos tirados da cartografia terrestre (*Cárpatos, Alpes, Cáucaso* etc.). A montanha mais elevada (*Leibniz*) fica situada no Pólo Sul da Lua e chega a mais de 8.000 m.

■ *As crateras*

Ao longe, são as formações mais características da Lua: calcula-se que sejam mais de 50 milhões. A maior delas mede 300 km e a menor, alguns decímetros. Sua origem provém do impacto de meteoritos com o solo lunar; como a Lua não tem atmosfera, nada diminui o impacto desses meteoritos, e a reduzida gravidade do astro permite a ejeção de detritos a grandes distâncias.

Na Terra, as crateras são raras (mais ou menos trinta); nos outros astros, nos quais não há atmosfera (Marte, Mercúrio...), são bastante freqüentes.

As grandes crateras têm o nome de *circos*, porque suas paredes são em forma de degraus. A cratera mais profunda é *Newton*, com 7.300 metros de profundidade.

Da Terra, dever-se-ia perceber e contar mais de 200 mil crateras; com uma simples luneta de 6 cm de diâmetro, poder-se-ia contar 200. A forma dos circos e das crateras é muito variável.

As crateras têm nomes de cientistas. Recentemente (em 1973) algumas foram batizadas em homenagem a cientistas contemporâneos. Estranhamente, entre os astrônomos de todas as nacionalidades, figura o pai da psicanálise, *Sigmund Freud*.

A Lua não é um astro inteiramente morto; observam-se, por vezes, fenômenos lunares transitórios sob a forma de clarões, que são, na realidade, resultantes de gases que escapam do subsolo.

■ *Os raios*

De algumas crateras (principalmente *Tycho*, mas também *Kepler*, *Copérnico*...) partem traços brancos bem visíveis, que se estendem por milhares de quilômetros. Esses raios são constituídos por detritos lançados da cratera central.

A superfície da Lua

Para colocar com o máximo de segurança um engenho sobre qualquer superfície, é bom conhecer sua composição.

■ Portanto, *a estrutura do solo lunar* foi, assim que possível, analisada.

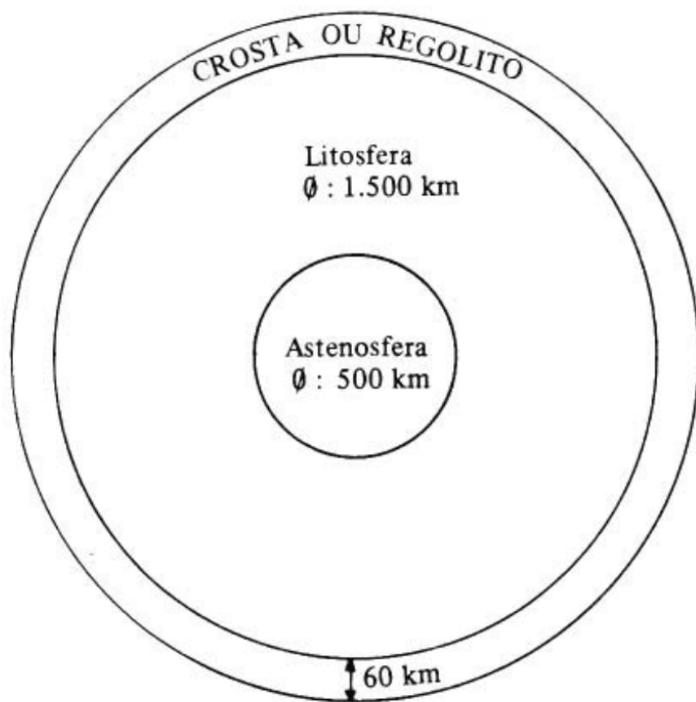
A camada superficial, com alguns metros de profundidade, denomina-se *regolito*. É um conjunto de poeiras finas (a poeira lunar) e de blocos que podem atingir alguns metros. Essa poeira — que recobre todo o solo lunar — proveniente da incessante afluência de meteoritos, jamais é levada pelo vento (ausente sobre a Lua), mas sofre, apesar de tudo, uma mistura, em consequência da ação dos meteoritos. A composição dessa camada de *regolito* conta principalmente com sílica.

Antes que o Luna IX pousasse sobre a Lua, acreditava-se que essa camada de poeira fosse muito profunda; na realidade, ela é bastante compacta (os sinais dos passos ficam bem marcados) e tem apenas alguns centímetros de profundidade.

Em resumo, a análise do solo lunar permite afirmar que sua estrutura é muito diferente da da Terra: a Lua não é, pois, um fragmento que se soltou da Terra, como alguns poderiam acreditar.

■ *Do ponto de vista sísmico*, a Lua é muito calma e o homem não perceberia nenhum movimento (escala 1-2 de Richter). O impacto de um objeto (por exemplo, o impacto do foguete "Saturno" voluntariamente largado sobre a sua superfície) provoca um leve tremor em todo o planeta, que persiste durante muito mais tempo (10 vezes mais) do que acontece na

Terra. Esse comportamento particular da Lua provém de sua estrutura muito compacta.



Corte da Lua.

Corte da Lua

Um corte da Lua mostra uma crosta de 60 quilômetros de espessura. Essa crosta, *o regolito*, é composta de materiais triturados e da fina poeira lunar.

Sob essa crosta acha-se uma parte compacta e sólida, com mais ou menos 1.500 quilômetros de espessura: *a litosfera*.

O centro da Lua ou *astenosfera* é composto de um núcleo líquido de 500 quilômetros de diâmetro, cuja temperatura eleva-se a 1.300 graus centígrados.

OS FENÔMENOS VISÍVEIS

As marés

Certamente, a influência mais sensível da Lua consiste na produção das marés. *Estas são movimentos oscilatórios do mar, devidos à atração conjugada da Lua e do Sol.*

As marés, sabe-se, não são idênticas, nem quanto ao lugar nem quanto ao tempo. Essa diferença provém das variações da influência solar, da topografia, mas também — e principalmente — das fases da Lua.

O pequeno quadro, a seguir, focaliza algumas marés importantes.

■ *Amplitude das marés no Oceano Atlântico (França)*

Granville	14,6 m
Chausey	11,7 m
Bréhat	9,9 m
Ouessant	8,6 m
Brest	8,3 m
Bayonne	4,8 m

■ *A maré mais forte* verifica-se na Baía de Fundy, no Canadá: 16,7 metros. *As marés mais fracas* produzem-se sobre o Adriático e o Mediterrâneo (que são mares fechados).

■ *A corrente de maré*, muito variável, só é observada próximo à costa; sua rapidez vai de 1 a mais de 30 km/h (velocidade de um cavalo a galope). Na baía do monte Saint-Michel, a maré descobre mais de 20 km e não leva mais de quarenta minutos para voltar a cobri-los.

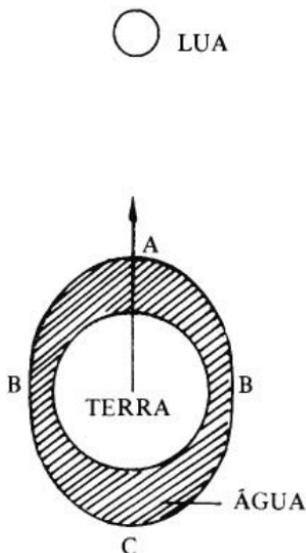
O mecanismo das marés

Newton foi o primeiro a explicar, em 1687, o fenômeno das marés, relacionando esse movimento das águas com sua célebre lei da gravidade universal: "todos os corpos se atraem mutuamente na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado de sua distancia".

Isto significa que todas as partes de nosso planeta, e também a própria Terra, estão sob a influência da força de atração da Lua e do Sol.

A Lua, mais próxima da Terra, exerce uma atração mais forte do que o Sol, cuja massa é muito maior; mas fica muito mais afastado.

■ *Para explicar as marés*, suponhamos a Terra inteiramente rodeada de água e observemos o comportamento da massa líquida em presença da atração lunar.



No ponto A, a massa líquida é mais atraída pela Lua do que a Terra, que se acha mais afastada; ao contrário, no ponto C, é a Terra, então mais próxima da Lua, que sofre maior atração. Formam-se, pois, duas massas líquidas (as marés altas), uma dirigida à Lua (ponto A), outra na direção oposta (ponto C).

A Lua gira em tomo da Terra e dá origem a esses fenômenos ao longo de sua trajetória; assim se explica a propagação das marés.

■ Suponhamos a Terra inteiramente circundada de água e sofrendo apenas a influência lunar. Na *realidade*, será necessário, igualmente, levar em conta a topografia e a influência, menor mas concreta, do Sol, para calcular a importância das marés.

A importância das marés

Sendo, pois, as marés provocadas pela atração da Lua e do Sol, elas serão influenciadas segundo a posição desses astros:

- posição do Sol* (variação das marés segundo as estações);
- posição da Lua* (variação das marés segundo as fases lunares).

■ *A Lua cheia e a Lua nova*

Quando a Lua e o Sol acham-se alinhados em relação à Terra (isto é, quando estão em conjunção), as forças de atração dos dois astros se combinam e temos o que se denomina *uma maré de água viva*.

As águas-vivas mais importantes se verificam na proximidade dos equinócios (*marés de equinócio* de março e setembro).

■ *Primeiro e Último quartos*

Ao contrário, quando a Lua, a Terra e o Sol formam um ângulo reto (a Lua e o Sol estão em quadratura), as forças de atração dos astros se opõem e as marés são fracas: são as *marés de água morta*.

■ O deslocamento da água depende igualmente da *topografia* (quase não há marés em mar fechado!) e das *condições meteorológicas* (o vento, por exemplo, pode ter forte influência sobre a celeridade das ondas).

Essa influência da topografia manifesta-se igualmente na velocidade da maré montante e da maré descendente. Sem entrar em detalhes,

assinalemos simplesmente que a celeridade de uma onda depende igualmente da profundidade; se essa profundidade for grande, não haverá diferença sensível entre a maré montante e a maré descendente; ao contrário, se ela for reduzida, o cume da onda (ou seja, a vaga) avança mais depressa do que sua concavidade: a maré montante será mais rápida do que a maré descendente. É o que se verifica no célebre monte Saint-Michel.

Um ciclo quase regular

Deixemos de lado a influência de outros elementos (Sol, topografia etc.) para cuidar unicamente da influência preponderante da Lua. A maioria das marés se produz duas vezes ao dia; e cada maré se compõe de um fluxo e de um refluxo.

Notemos, de passagem, que, nas proximidades de certas praias do Pacífico, não se produz mais que uma maré por dia; ao contrário, na região de Southampton, na Inglaterra, pode-se constatar três marés ao dia.

■ *O ciclo de uma maré* se decompõe em dois tempos:

□ *fluxo*: o mar sobe até certo nível, característico do lugar (é o *aluvião de alto-mar*) e aí permanece durante pouco menos de uma hora (*preamar*);

□ *refluxo*: o mar volta a descer até certo nível (o *aluvião de baixo-mar*) e aí permanece durante algum tempo (*baixa-mar*) antes de recomençar o ciclo.

Esse ciclo recomença a cada dia com cinqüenta minutos de atraso. Isto se deve ao fato de a Terra girar, enquanto a Lua se desloca: esta não ocupa o mesmo lugar em relação à Terra a não ser às 24 horas e 50 minutos, a cada dia, portanto.

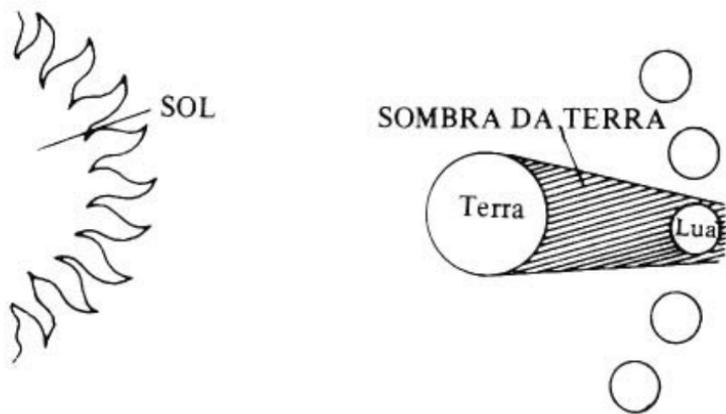
Os eclipses

Entre os numerosos efeitos visíveis da Lua, nada é mais perturbador, mais envolto em mistérios do que o eclipse. Certamente, hoje, conhecemos os mecanismos celestes que presidem ao desaparecimento do astro... mas nem sempre foi assim. Durante o transcorrer dos séculos, foram inseridos nesse fenômeno numerosas lendas, mitos e múltiplas superstições.

■ Entende-se por eclipse uma manifestação que se produz quando a *sombra da Lua cai sobre a Terra* ou, ainda, quando a *sombra da Terra cai sobre a Lua*. No primeiro caso há o eclipse do Sol, no segundo, o eclipse da Lua. Nesse pequeno capítulo, só discutiremos, evidentemente, os eclipses lunares, o que não nos impede de mostrar de modo sucinto o que os diferencia.

■ Há, pois, *eclipse da Lua* quando a sombra da Terra cai sobre a Lua. Esse fenômeno não é naturalmente possível, senão quando a Lua e o Sol acham-se em oposição (quando há alinhamento Sol-Terra-Lua). Não haverá, pois, eclipse da Lua a não ser durante a Lua cheia.

■ Ao contrário, não pode haver *eclipse do Sol* a não ser quando este e a Lua se acham em conjunção: isto é, na fase de Lua nova (há um alinhamento Sol-Lua-Terra).



Eclipse da Lua: a Lua atravessa o cone de sombra da Terra.

■ Para a explicação ser (quase) completa é ainda importante assinalar uma *diferença de natureza entre os dois fenômenos*:

□ *o eclipse da Lua é um fenômeno objetivo;*

□ *o eclipse do Sol é um fenômeno subjetivo.*

Isso exige algumas explicações.

A Lua é um astro não-luminoso. Quando a luz solar, que normalmente lhe chega por ocasião da Lua cheia, é interceptada pela Terra, qualquer pessoa situada no mesmo hemisfério, voltando-se nesse momento na direção da Lua, observa idêntico fenômeno. Portanto, qualquer que seja o local de onde esse fenômeno é acompanhado, a observação de um eclipse lunar por um só homem deveria teoricamente bastar.

Isso não é verdadeiro no que se refere aos eclipses solares. Sendo o Sol um corpo luminoso por si próprio, nem todos os lugares do mesmo hemisfério registram o eclipse de maneira semelhante. Para observar um eclipse solar é, pois, indispensável que haja grande número de observadores em lugares diferentes. Por essa razão, diz-se freqüentemente que o eclipse solar é um fenômeno subjetivo, pois aparece de modo diferente aos diversos espectadores.

Acrescentemos ainda que um eclipse total da Lua assim o será para todos os espectadores, enquanto um eclipse total do Sol não o será, de fato, senão para um pequeno número de observadores.

Enfim, no que se refere à Lua, o cálculo do eclipse (hora de aparecimento, duração, desaparecimento) será único, enquanto, no que se refere ao eclipse do Sol, a rotação da Terra modifica as horas a partir das quais o eclipse será visível.

Generalidades referentes aos eclipses

■ *A descrição de um eclipse da Lua é relativamente simples: tomemos como exemplo um eclipse total.*

A Lua apresenta sua borda, de início, apenas levemente obscurecida: é a *entrada na penumbra*.

Esta zona de penumbra progride lentamente, e apenas no final de uma hora é que a Lua mergulha inteiramente na penumbra da Terra.

A seguir, a mesma borda se obscurece ainda mais e se torna negra: é a *entrada na sombra*.

Esta se estende progressivamente sobre a Lua toda, que, após uma hora, está completamente mergulhada na sombra.

O eclipse permanecerá total durante um tempo que deverá variar entre alguns minutos e 1: 45 h.

O final do eclipse apresenta-se como o início, com a diferença, apenas, de que a parte que sai da sombra não é necessariamente a que havia penetrado em primeiro lugar na penumbra. O fim do eclipse leva duas horas. A duração de todo o eclipse vai de 4 a 6 horas.

■ Em um ano civil, *o número mínimo* de eclipses é de quatro e *o número máximo* é de sete.

■ Quem assiste pela primeira vez a um eclipse fica surpreso com o fato de que, *em nenhum momento, a Lua deixa de ser visível*. Isso resulta da existência da atmosfera terrestre: os raios solares são refratados pelas camadas inferiores da atmosfera. Esses raios refratados são responsáveis pela desigualdade da aparência do eclipse, e pelo aspecto avermelhado que por vezes assume.

■ Os eclipses da Lua aparecem, já o vimos, com relativa regularidade. Já se constatou que, após um período de 18 anos e 10 ou 11 dias (ao todo 6.585 dias), os eclipses se reproduzem na mesma ordem. Esse período tem o nome de *Saros* e equivale a 223 lunações. O Saros não diz respeito unicamente aos eclipses da Lua, mas também aos eclipses do Sol. Um Saros compreende, em média, 84 eclipses que se dividem de modo equitativo: 42 eclipses solares e 42 eclipses lunares.

■ Observemos, de passagem, que não se pode confundir o Saros, que se refere a eclipses, com o *ciclo de Meton*. Este, que desempenha importante papel no cômputo eclesiástico, baseia-se na quase-similitude numérica entre 19 anos e 235 lunações:

19 anos = 365,2422 X 19, ou seja, 6.939,6017 dias;

235 lunações = 29,5306 X 235, ou seja, 6.939, 6881 dias.

Esse cômputo *serve* para fixar as datas das festas religiosas, mas o leitor pode constatar que, ao final dos 19 anos, há duas horas de diferença... Com o tempo, toma-se necessário corrigir essa diferença.

Quadro comparativo dos eclipses

	<i>Eclipse da Lua</i>	<i>Eclipse do Sol</i>
Estado da Lua	Lua cheia	Lua nova
Natureza do alinhamento	Sol-Terra-Dia	Sol-Lua-Terra
Posição dos astros (Sol-Lua)	Oposição	Conjunção
Natureza do fenômeno	Objetivo	Subjetivo
Eclipse total	Para todos os expectadores	Para alguns expectadores
Cálculo do eclipse	Simple e único	Difícil e múltiplo

Interesse do estudo dos eclipses da Lua

O estudo dos eclipses trouxe enorme progresso à ciência. Toma-se impossível para nós a discussão de todos os progressos alcançados, graças à observação e ao estudo dos eclipses da Dia. Contentar-nos-emos em assinalar as principais descobertas.

■ *A Terra é redonda*

Graças à compreensão do mecanismo dos eclipses é que, desde o século V a.C., os gregos verificaram que a sombra circular produzida sobre a Lua se explica pelo fato de a Terra ser redonda.

■ *A Lua é um astro morto*

Essa afirmação deve ser entendida no mesmo sentido em que um habitante de uma cidade grande diz de urna cidade do interior, não iluminada à noite, que é uma cidade morta. A observação dos eclipses lunares tem demonstrado, de fato, que a luz do astro lunar não é, na realidade, mais que o reflexo da luz solar.

■ *A natureza obedece a leis matemáticas*

Os gregos observaram igualmente que os eclipses não se produziam ao acaso, mas obedeciam a um ciclo regular. Graças a cálculos matemáticos e à utilização de tabelas, eles já podiam prever os próximos eclipses: primeira dominação do universo.

■ *A Lua está bem perto da Terra*

Baseando-se nos eclipses, os gregos (Aristarco de Samos e depois Hiparco) chegaram a determinar, com grande precisão, a distancia entre a Terra e a Lua.

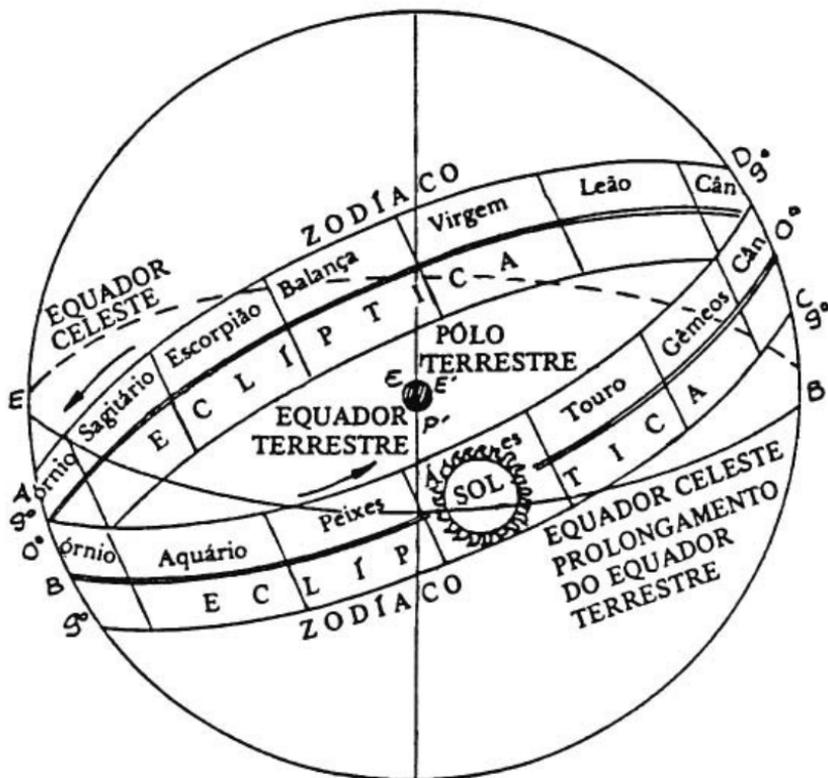
Puderam também precisar as dimensões da Lua e o fato de a distancia Terra-Lua ser variável (isso ao estudar os eclipses do Sol).

■ *Do eclipse à eclíptica*

A rota anual do Sol no zodíaco é denominada eclíptica. Isso provém do fato de seu caminho ser traçado pelos eclipses.

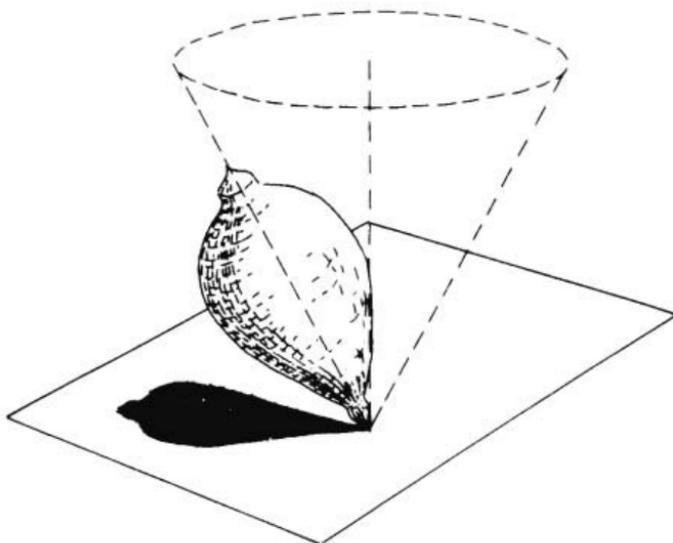
■ *Os equinócios se encaminham no sentido contrário*

Baseando-se ainda nos fenômenos observados por ocasião dos eclipses, Hiparco descobriu a precessão dos equinócios. Isso merece uma pequena explicação.



A precessão dos equinócios: o deslocamento do ponto vernal.

Uma vez por ano, no equinócio da primavera, isto é, a 21 de março (no Hemisfério Norte) o Sol nasce num ponto que corresponde à intersecção do círculo do Equador com o da elíptica. Esse ponto, denominado vernal (de *vernus* = primavera), é um dos mais fixos da astronomia. É, pois, no ponto venial que começa, a 21 de março, a primavera e onde se situa o primeiro grau do zodíaco.



*O movimento de pião da Terra:
a posição central só é retomada após 26 mil anos.*

Segundo a tradição, trata-se de Áries. Infelizmente, esse ponto fixo não o é.

A Terra não é perfeitamente esférica (tem pólos achatados e intumescência equatorial) e, como gira em torno de si mesma, a atração do Sol e a da Lua produzem nela um movimento de pião (movimento giroscópico). O eixo dos pólos é, de fato, animado por uma espécie de movimento cíclico de pião. Esse movimento é centrado no único eixo imutável do céu: o eclíptico. Disso resulta que a Terra mude constantemente de estrela polar, e leve mais tempo para fazer seu movimento anual de revolução, do que o Sol leva para percorrer a eclíptica. A Terra fica, pois, com ligeiro atraso em relação ao Sol. Esse atraso provoca um deslocamento do ponto vernal, mas no sentido contrário ao da rotação terrestre em torno do

zodíaco. Esse ponto é, pois, retrógrado e costuma-se dizer que há uma precessão dos equinócios. Em um ano, o deslocamento desse ponto é insignificante. Calculou-se que são necessários 26 mil anos para que o ponto vernal volte a sua posição primitiva ou, em outras palavras, para que a Terra reencontre a mesma estrela polar. Esse grande ano (*magnus annus*) recebeu o nome de *ano platoniano*.

É impressionante pensar que, muitos séculos antes de nossa era, os gregos já haviam registrado um fenômeno cuja lentidão é enorme (convém repetir: 26 mil anos)!

Os eclipses na memória dos povos

Os eclipses raramente são considerados como de bom augúrio. Tanto entre os povos da bacia do Mediterrâneo, como entre os chineses ou no Oriente, os eclipses sempre são interpretados como um acontecimento dramático. Parece que apenas os cambojanos considerariam algumas vezes os eclipses como anunciadores de eventos favoráveis. Não existe ainda explicação para essa divergência.

Os chineses foram os primeiros a descrever os eclipses. Assim, "desde as primeiras inscrições sobre ossos, achamos observações astronômicas: eclipse da Lua em 1361 a.C., e eclipses do Sol em 1216 a.C." (ver item 47 da Bibliografia, p. 85). Para eles, um eclipse provém de uma desordem microscópica. Já que todo acontecimento no macrocosmo reflete um acontecimento do microcosmo (e vice-versa), um acontecimento tão dramático quanto um eclipse não pode provir senão de um acontecimento dramático produzido no microcosmo. A única pessoa suficientemente influente para provocar essa desordem é o Imperador. Convém, desde logo, dar fim, rapidamente, a essa desordem, atirando flechas na direção do céu. Esse procedimento devia satisfazer os sábios chineses, pois o eclipse desaparecia rapidamente. De toda forma, um eclipse anuncia, sempre, o final de um ciclo. Um paralelo da história da China e dos eclipses seria muito esclarecedor (se é que posso me expressar assim...).

É interessante constatar que os chineses, que tão bem conheciam a mecânica celeste, tenham conservado, "como dogma, a antiga idéia de que os eclipses são provocados pela conduta desregrada dos soberanos e de suas esposas" (ver item 30 da Bibliografia).

Para os judeus, o eclipse ocorre quando os pecados dos homens ofendem a Deus e particularmente por ocasião de um falso testemunho.

Para os árabes, "a Lua empalidece de tristeza diante dos acontecimentos vergonhosos que ela prevê ou ainda se esvanece num momento de fraqueza" (ver item 16 da Bibliografia, p. 199).

Mais próximo de nós, Camille Flammarion conta que "a morte do general ateniense, Nícias, e a ruína de seu exército na Sicília, que iniciaram a decadência de Atenas, tiveram como causa um eclipse da Lua. Sabe-se como Cristóvão Colombo, ameaçado de morrer de fome na Jamaica, com seu pequeno exército, conseguiu obter víveres ameaçando os caraíbas de privá-los, doravante, da luz da Lua. Tão logo se iniciou o eclipse, eles se renderam".

A mesma aventura feliz aconteceu com Tintin (ver *Le temple du Soleil*) [O templo do Sol], mas tratava-se dessa vez de um eclipse do Sol.

Na astrologia, os eclipses são igualmente considerados como maléficos, principalmente quando se reproduzem no signo do nascimento ou do ascendente.

Na astrologia mundial, leva-se em consideração, principalmente, o ciclo do Saros; notemos que o último Saros começou a 13 de outubro de 1977.

Recomendamos ao leitor que desejar conhecer algo mais sobre a simbologia dos eclipses, a notável obra coletiva *Lune, mythes et rites* (Lua, mitos e ritos), das edições Seuil.

Colin de Plancy² salienta que, "no Peru, quando o Sol entrava em eclipse, os habitantes da região diziam que o astro estava aborrecido com eles, e acreditavam-se ameaçados de grande infelicidade. Tinham ainda mais receio do eclipse da Lua. Eles a consideravam doente, quando aparecia negra, e achavam que ela morreria, infalivelmente, se chegasse ao obscurecimento total; que então cairia do céu, e todos eles pereceriam, e se acabaria o mundo; tinham tamanho terror disso que, tão logo começava o eclipse, faziam um ruído enorme com suas trombetas, cometas e tambores; chicoteavam os cães para que ladrassem, na esperança de que a Lua.

2. Nascido em 1794, Colin de Plancy interessou-se durante toda sua vida pelo ocultismo. Seu *Dictionnaire* infernal, publicado em 1818, obra de um erudito, contém muitas informações raras ou inéditas.

que nutria afeição por esses animais, sentisse piedade dos clamores deles e percebesse o mal causado por sua doença. Ao mesmo tempo, homens, mulheres e crianças suplicavam, com lágrimas nos olhos e com grandes gritos, que a Lua não morresse, com medo de que sua morte fosse a causa da destruição universal. E todo esse ruído só terminava quando a Lua reaparecia, trazendo a calma aos espíritos aterrorizados" (ver item 50 da Bibliografia, p. 143).

A LUA E OS RITMOS VITAIS

Tudo o que tem vida está sujeito a ritmos; eles dominam tanto o macrocosmo quanto o microcosmo. Imperadores das galáxias, governadores dos planetas, soberanos de nossos destinos, os ciclos presidem tanto a sorte do inanimado como a do ser vivo.

Os universos, os planetas, as espécies, tudo submete-se aos ritmos; além disso, cada raça, cada indivíduo se submete a ciclos que lhe são próprios. Cada célula, tecido, órgão, função, cada sistema do indivíduo também está sob a influência dos ritmos. A vida só é possível graças à oscilação, magistralmente orquestrada, desses diversos ciclos ou ritmos. A perda do ritmo é sinal de degenerescência, seguido de morte.

Alguns ciclos nos são muito familiares: eles dirigem nossos lazes, nossos sentimentos e até mesmo o nosso trabalho. Entre eles, vamos nos deter simplesmente no ciclo do Sol: ciclo cotidiano do dia e da noite, ciclo anual responsável pelas quatro estações. Para descrever os ritmos, em função desses ciclos de base, utiliza-se, desde algum tempo, os termos *ciclo circaniano* (de *circa* = mais ou menos) e *ciclo circadiano*, ou seja, ciclo de mais ou menos um ano ou um dia.

A cronobiologia

De alguns anos para cá, os estudiosos se preocuparam muito com os ciclos; dessa preocupação nasceu uma ciência: a cronobiologia. Foi, de fato, por acaso — como acontece freqüentemente com as descobertas —

que se percebeu que, injetando a mesma dose de uma droga em animais da mesma espécie, mas em horas diferentes, alguns morriam rapidamente, enquanto outros não pareciam sofrer nenhuma perturbação. Prolongando essas experiências, descobriu-se que alguns tipos de câncer reagiam melhor a doses mínimas, quando eram injetadas a certas horas do dia (variáveis, segundo as drogas). A explicação surgiu quando se constatou que as células cancerosas (como provavelmente todas as outras células do corpo) só se multiplicam durante certas horas do dia. Se é durante o período de multiplicação que a célula se toma mais vulnerável, basta conhecer esse período para agir com maior eficácia. Quando se conhece a toxicidade dos medicamentos anticancerosos, entende-se o fato de essa descoberta ter imediatamente engendrado considerável número de pesquisas. Estas chegaram a uma ciência nova: *a cronofarmacologia*.

■ *O bom uso do relógio*

Os laboratórios mundiais, em sua maioria, testam hoje os períodos do dia durante os quais seus medicamentos são mais ativos. Isso leva a modificações extremamente importantes, no que se refere à posologia. Em breve, não mais se dirá ao paciente que tome pílulas três vezes ao dia, mas que as tome, por exemplo, às 16:30 h. Evidentemente, será necessário também levar em conta as características do doente (alguns têm vida mais intensa à noite, outros, durante o dia).

Isso não deve nos surpreender demais, pois quem quer que tenha se submetido a um exame de sangue para verificação da dosagem hormonal sabe que deve ir ao laboratório várias vezes no mesmo dia: a taxa de hormônios circulantes varia durante todo o dia.

Finalmente, é preciso salientar que a cronobiologia (e um de seus ramos, a cronofarmacologia) não são descobertas recentes...

■ *A cronobiologia da Antigüidade à Idade Média*

Os chineses conheciam muito bem os ritmos do corpo. Só se distribuía drogas e só se fazia acupuntura em certas horas do dia, dependendo da moléstia a ser tratada. Para os chineses, a energia circula no corpo num ciclo de 24 horas; ela persiste em cada meridiano principal (estes são doze ao todo) durante duas horas, e passa em seguida para o meridiano seguinte. Isso ocorre segundo uma ordem invariável. Tal constatação combina, perfeitamente, com as descobertas ocidentais referentes à hora do aparecimento de certas moléstias.

Toda a medicina chinesa, assim como a acupuntura, a fitoterapia, a ginástica, consiste numa aplicação da lei universal dos ciclos que, na filosofia chinesa, tem o nome de *Tao*.

Hipócrates, o pai da medicina, também havia constatado a existência dos ritmos no homem e a importância de sua aplicação direta no tratamento das enfermidades. Numa de suas obras (traduzida pelo Dr. Martiny), encontra-se a seguinte passagem: "Se dermos um purgante a um mesmo homem, utilizando o mesmo medicamento, quatro vezes ao ano, em quatro estações diferentes, verificaremos que no inverno ele eliminará fezes bastante pituitosas (com secreções brancas); na primavera, diluídas e sanguinolentas; no verão, com muita bÍlis e, no outono, com atrabÍlis."

Na Idade Média, utilizava-se uma ciência nova — que tinha o mérito de ser a primeira a condensar um saber único, uma soma de conhecimentos fragmentários e disparatados a respeito do homem e do universo —, a astrologia. Ela também se baseia na existência dos ciclos (o zodÍaco). Pode-se ler, num almanaque, a seguinte passagem, que ilustra claramente toda a filosofia da época: "Aquele que ousar tomar um remédÍo sem considerar os signos, ou que não o faça de acordo com eles, irá se arrepender?"

Esse rápido vôo por várias centenas de anos, em apenas algumas linhas, ilustra a maneira de o homem tomar consciência da importância dos ciclos, para organizar sua vida e manter a saúde.

■ *Da Idade Média a nossos dias*

Todas as pesquisas científicas, ou pseudocientíficas, tinham como único objetivo a descoberta dos grandes ciclos do universo ou, em outras palavras, as grandes leis da vida.

Numerosas tentativas de síntese foram propostas: não temos aqui espaço suficiente para falar disso. Numerosos ritmos foram descobertos recentemente, entre eles, os *biorritmos*. Apenas uma dessas descobertas nos interessa aqui: a *selenorritmologia* ou ciência das influências da Lua sobre os seres vivos. Foi, portanto, útil para nós expor previamente os pontos-chave do estudo dos ritmos.

Quadro dos principais ritmos e ciclos

- | | |
|---|---|
| ■ <i>Ciclos expressos em centenas ou milhares de anos</i> | ■ <i>Ciclos expressos em dias</i> |
| — Ciclos planetários | — Fases lunares |
| — Ciclos solares | — Rotação da Terra |
| — Ciclos astrológicos | — Ritmos vegetais |
| | — Ritmos animais |
| | — Ritmos humanos |
| ■ <i>Ciclos expressos em anos ou meses</i> | ■ <i>Ciclos expressos em horas</i> |
| — Erupções solares | — <i>Ritmos celulares</i> |
| — Ciclo das estações | |
| — Saros (ver o capítulo dedicado aos eclipses) | ■ <i>Ciclos expressos em segundos ou frações de segundo</i> |
| — Rotações planetárias | — Ondas sonoras |
| — Biorritmos | — Ondas luminosas |

Os ritmos biológicos da Lua

Conforme iremos ver, a Lua é responsável por numerosos ritmos biológicos, em consequência dos ciclos lunares. O ritmo das marés (marés oceânicas, marés atmosféricas, marés terrestres) é provocado pela rotação da Terra, sujeita à atração lunar, sendo que as fases lunares resultam principalmente da rotação da Lua no plano da eclíptica.

Em outros capítulos, descreveremos os numerosos ritmos físicos, cuja origem deve ser procurada nos ciclos da Lua; este capítulo cuidará unicamente do estudo dos ritmos biológicos, estando estes em superposição, segundo teremos oportunidade de esclarecer, aos ciclos físicos.

Antes de falarmos da criatura humana, "jóia da Criação", analisemos o que se passa nos reinos vegetal e animal.

As algas-marinhas

A *Dictyota dichotoma* é uma alga-marinha que desperta muito interesse entre os especialistas. Um destes, o Prof. E. Bünning, pôde

demonstrar que a luz da Lua desempenha papel de primeiro plano no ciclo de reprodução desse estranho habitante do mar. Após minuciosos estudos, ele provou que a reprodução dos ovos acontece dez dias após a exposição à luz da Lua. Como é na fase da Lua cheia que a luz é mais viva, compreende-se facilmente que as fases lunares determinam o ciclo de reprodução dessas algas. Ainda não há qualquer explicação científica para essa ação da luz lunar.

Citemos, no entanto, que muitos vegetais reagem de modo favorável ou desfavorável à duração e à intensidade da luz. Assim, há plantas de dias curtos, plantas de dias longos, plantas afeitas a forte intensidade luminosa etc. Aprendendo a bem conhecer os parâmetros que presidem à floração, os botânicos e os horticultores conseguem provocar florações paradoxais. Um fenômeno idêntico poderia entrar em jogo aqui: a luz diurna — solar — seria o elemento motor, enquanto a luz noturna seria o catalisador da eclosão. A fraca luz da Lua desempenharia simplesmente o papel de desencadeador. Uma luz artificial até poderia desempenhar o mesmo papel que a Lua (ver a esse respeito o capítulo dedicado à lunacepção).

Outros habitantes do mar, por exemplo, o ouriço-do-mar, são muito dependentes da Lua: parece que a fecundação destes só ocorre na fase da Lua cheia.

Voltando a falar das marés...

À ação "direta" da luminosidade lunar sobre a vida aquática, convém acrescentar todos os casos em que o astro lunar age por intermédio das marés. Assim, o ciclo de reprodução do *grunion* (pequeno peixe da Califórnia) depende estritamente da Lua. No momento das marés mais fortes (marés de águas-vivas), ele se aproxima da margem, "esperando" as últimas marés importantes; põe seus ovos, fertiliza-os e se deixa levar pelas vagas. Os ovos, bem presos à areia, não têm nada a temer quanto às marés mais fracas, que sucedem à Lua cheia. Durante duas semanas de repouso, as larvas se desenvolvem tranqüilamente.

Na Lua nova, as vagas, novamente fortes, quebram a casca dos ovos: os peixinhos são levados pelas ondas.

Esse ciclo, exato como um relógio, tem o Sol como ponteiro pequeno (a postura dos ovos só se faz de março a agosto) e, como ponteiro grande, as fases da Lua.

Outro exemplo clássico é o do *palolo* das ilhas Samoa e Fidji. Esse

molusco, que se esconde na maior parte do ano no interior dos recifes de coral, não deixa seu abrigo marítimo a não ser para acasalar-se. Mas não faz isso a qualquer momento! Escolhe as noites de outubro e de novembro, pouco antes da Lua cheia.

Durante essas noites, as caudas dos palolos, repletas de esperma e de ovos, desprendem-se, flutuam na superfície do mar e liberam seu conteúdo. O mar adquire, então, durante alguns instantes, um aspecto leitoso, tão amplo é o fenômeno. Para os indígenas, que colhem com muita facilidade os ovos, esses dias são de festa (ficando esta, também, na dependência de um calendário lunar!).

Pôde-se observar que em outras partes do mundo os palolos se comportam de modo semelhante: a Lua é diretamente responsável pela liberação dos ovos.

Se a Lua influi de modo tão preciso no processo da reprodução dos palolos, por que não iria influenciar também no processo de reprodução dos homens? Essa questão é abordada no capítulo dedicado à influência da Lua sobre a mulher.

As ostras são pontuais

Algo ainda mais extraordinário: as ostras conhecem as horas!

O Prof. Franck Brown, da Universidade de Evanston (EUA), durante muito tempo estudou-lhes os hábitos; as conclusões a que chegou são surpreendentes. Vamos dar-lhe a palavra: "Nós tínhamos estudado, à beira-mar, em New Haven, Connecticut, a abertura da valva das ostras em função das marés, com o Dr. Ross Stevenson, da Universidade do Estado de Ohio. Um dia, enviamos um grupo de quinze ostras colhidas em New Haven para o nosso laboratório de Evanston, situado a cerca de 1.800 km a oeste, perto de Chicago. Depois, estudamos a atividade de abertura de suas valvas, colocando as ostras dentro de um recipiente de vidro e submetendo-as a iluminação fraca e contínua. Em New Haven, as ostras abrem suas conchas ao máximo, durante a maré alta, e as fecham quando o mar se retira. Em nosso laboratório, registramos, graças a uma aparelhagem automática, a tendência das ostras a se abrirem, para saber se essa tendência podia variar com a hora da maré, ou seja, com o horário do dia lunar. Analisando os resultados das duas primeiras semanas em Evanston, constatamos que as ostras abriam suas valvas no momento em que se produzia a maré alta em seu lugar de origem. Mas nas duas semanas que se seguiram,

constatamos uma mudança surpreendente: o ritmo começava a diminuir, deslocava-se três horas no dia lunar, e esse ritmo defasado iria se manter invariável, durante as duas semanas em que ainda durou nossa experiência. Anotando os resultados e comparando-os com um almanaque que dava as horas de culminância da Lua, percebemos que as ostras haviam atrasado a abertura de suas valvas, de modo a fazer com que ela correspondesse à passagem da Lua no meridiano de Evanston. A abertura acontecia a cada dia na hora em que haveria maré alta em Evanston se, bem entendido, Evanston se situasse no litoral" (citado no item 27 da Bibliografia, p. 110).

Da ostra ao homem

Essa história das ostras é totalmente extraordinária, pois percebe-se claramente que elas são sensíveis às fases da Lua. As condições em que a experiência se realizou eram irreprocháveis — as ostras eram mergulhadas em condições de laboratório: longe do mar, longe da influência visível da Lua. Deve-se, portanto, admitir que essa influência emana das ondas, provavelmente de natureza eletromagnética, que atuam sobre os seres vivos.

Outro exemplo, não menos convincente, é o dos bichos-de-areia. Essa experiência fica ao alcance de alguém que tenha um pouco de paciência... Basta colocar pequenos bichos-de-areia num aquário sem iluminação natural e observar seu comportamento. Duas vezes por mês, nas fases da Lua nova e da Lua cheia, os pequenos bichos emergem da areia do aquário em direção à suposta luz da Lua. Não é, pois, a luz por si só que atrai os bichos-de-areia, mas a energia desenvolvida por ela (a Lua agiria como um ímã...).

Poderíamos multiplicar os exemplos *ad infinitum*, mas fugiríamos ao objetivo deste pequeno livro. É importante, no entanto, observar bem que a influência lunar não se exerce unicamente sobre habitantes do mar, mas igualmente sobre pássaros, mamíferos em geral, inclusive o homem.

Muitos pesquisadores puderam demonstrar que o aparecimento dos mosquitos se dá em função da Lua; que o rato, isolado num meio que não lhe permita diferenciar o dia da noite, adota progressivamente um ritmo lunar (o que se constata ao estudar seu comportamento espontâneo: alimentação, atividade, sono etc.). Essas experiências com o rato foram retomadas com o hamster. Constatou-se que o animal, inteiramente isolado, adota um certo comportamento durante algum tempo, em função de

um ciclo lunar, abandonando-o depois, para retomá-lo em seguida. Em conclusão, o hamster (do mesmo modo que outros animais) obedece a um duplo ritmo: solar e lunar.

As experiências de isolamento

Se é relativamente fácil isolar totalmente um rato ou um hamster, isso se toma um pouco mais difícil em relação ao homem. Alguns voluntários, no entanto, já se dispuseram ao isolamento, com um objetivo científico, durante algumas semanas ou alguns meses. Essas experiências foram bastante enriquecedoras para os cientistas e especialmente para os especialistas em cronobiologia.

Na França, são bem conhecidas as proezas de Michel Siffre, o primeiro a aceitar isolar-se durante 58 dias, na gruta de Scarasson. Alguns anos mais tarde, uma mulher, Josy Laures, isolou-se também numa gruta, durante três meses. Enfim, dois homens (P. Englender e J. Chabret) isolaram-se durante cinco meses, na gruta de Olliver, situada no maciço de Audoubert.

É claro que esses voluntários não dispunham nem de relógio nem de nenhum ponto de referência que lhes pudesse indicar a hora ou o transcorrer do tempo. Ligados por telefone com o mundo exterior, eles deveriam informar a respeito de todas as suas atividades (sono, funções orgânicas, alimentação etc.). Eram regularmente submetidos a testes, como medição de temperatura, pulso, eletrocardiograma etc. Constatou-se que, na maioria dos casos, o ritmo dos voluntários se prolongava e — o que nos interessa particularmente — seu dia aproximava-se muito (quando não coincidia exatamente) do dia lunar. A média dos dias de todos os voluntários em de 25 horas: o que mais se aproxima da jornada lunar do que do dia solar. Coisa igualmente curiosa, o tempo parecia mais curto: Michel Siffre, que passara 58 dias sob a terra, ao sair, acreditava ter passado ali apenas um mês.

A maneira como a Lua intervém no ciclo do homem "fora do tempo" ainda permanece um enigma, mas é certo que desempenha um papel não desprezível. Uma melhor adaptação aos ritmos lunares provavelmente conduziria o homem a dispor melhor de seu tempo, dormindo menos e ficando menos fatigado pelas jornadas de trabalho.

AS INFLUÊNCIAS DA LUA SOBRE O HOMEM

Se a Lua pode agir sobre os líquidos da Terra (na formação das marés), por que não seria capaz de agir sobre o homem, que é essencialmente composto de água?

Essa influência da Lua sobre nosso comportamento, que a sabedoria popular reconhece no folclore (expressão quase sempre simbólica de um saber oculto), e mesmo na nossa linguagem cotidiana, até há poucos anos, jamais fora estudada cientificamente. Neste capítulo, vamos descrever as diversas influências da Lua sobre nossa vida mental. Depois, analisaremos as pesquisas científicas que tentam demonstrar o que "o homem da rua" sempre soube, e que as civilizações orientais afirmam desde a Antiguidade, ou seja, o homem é uma "antena instalada entre a Terra e o céu" ou, numa linguagem mais atual, "um ressonador cósmico".

A esse respeito, é interessante constatar que um estudo, realizado por uma Faculdade de Medicina da Índia (Universidade de Vellore), mostrou que 60% da população acreditavam na influência da Lua sobre as doenças mentais. Temos certeza de que um estudo realizado na Europa daria um resultado semelhante...

O Sol e a Lua

Não é preciso ser astrólogo para compreender, de imediato, a oposição existente entre o Sol e a Lua. Desses dois astros, o primeiro é vivo, aquece-nos e nos ilumina, dá-nos a vida. Tudo o que é dinâmico faz pensar

no Sol. Para os povos orientais, o Sol corresponde a tudo o que é *Yang*, gerador de vida. A Lua, ao contrário, não nos ilumina, senão através do Sol; é um astro morto (veremos em outro capítulo que ela sempre foi vista assim) e sua energia provém unicamente do Sol. É, pois, um astro frio. Os orientais dizem que a Lua é *Yin*. A Lua exerce sua influência principalmente quando cessa a do Sol, ou seja, durante toda a noite, quando o homem abandona a vida ao ar livre, ao Sol, para mergulhar na reflexão ou na meditação.

Se o Sol é a fonte energética de toda vida, a Lua faz circular essa energia. Uma das manifestações mais visíveis dessa circulação é a formação das marés. Agindo sobre os fluidos da Terra, a Lua age igualmente sobre os fluidos do homem (particularmente sobre a circulação do sangue e da linfa) e dos vegetais (circulação da seiva). Essa propriedade explica claramente a influência da Lua sobre nossa saúde, sobre a saúde e o crescimento dos vegetais e mesmo sobre os resultados da pesca.

Se o Sol exerce constantemente sua influência sobre a Terra e os seres vivos (sem ele a morte é imediata), a Lua, ao contrário, exerce sua influência de modo transitório e cíclico, representando, pois, o que há de versátil, de transitório, de esporádico.

Os chineses, primeiros a integrar uma soma de conhecimentos numa disciplina única (de cujas facetas a mais conhecida é a acupuntura, mas que se acha inteiramente contida no Tao), resumem as relações da Lua e do Sol nesse duplo axioma:

+ Sol = Yang = Positivo = Ativo = Masculino;

- Lua = Yin = Negativo = Passivo = Feminino.

A língua portuguesa dá razão ao Tao, pelo menos em relação a esses dois astros: o Sol e a Lua.

As perturbações físicas e psíquicas

A Lua e o cérebro

A influência da Lua sobre o cérebro e, partindo daí, sobre nosso comportamento, nossas emoções, nosso sono etc. era conhecida há muito tempo.

Outrora, essa influência astrológica era tida como natural, pois a astrologia assim o afirmava. Hoje, a astrologia perdeu sua credibilidade, pelo menos nos meios científicos e, no entanto, a Lua continua a exercer sua influência sobre o cérebro. Cirurgiões, criminólogos, enfermeiros, guardas de segurança, todos procuram dar a esse fenômeno uma explicação mais "científica", geralmente baseada na hipótese eletromagnética.

O grande cirurgião Guy de Chauliac,¹ que operou o papa Clemente VI (este sofria de terríveis enxaquecas), célebre pela publicação de vários volumes de cirurgia, evitava "operar nos dias críticos e durante a Lua cheia, já que a influência desta produzia, segundo os astrólogos, aumento do volume cervical, o que multiplicava os riscos de lesão, já que o cérebro ficava, então, ainda mais próximo do crânio" (ver item 56 da Bibliografia, p. 135).

As doenças

O célebre F. A. Mesmer (pai do magnetismo, da psicoterapia moderna e precursor de Freud) escreveu no século XVIII algumas páginas bastante esclarecedoras a respeito da influência dos planetas (*Dissertation physicomédicale sur l'influence des plantes* [Dissertação psicomédica sobre a influência dos planetas], 1766). Pode-se ler ali, junto a constatações "proféticas" sobre a influência das marés terrestres, a seguinte passagem que resume inteiramente, embora de modo agressivo, o pensamento de Mesmer: "Se a Lua pode nos envolver numa atmosfera dez vezes mais elevada, reunir diversas regiões de vapores disseminados sobre todo o horizonte, acumulando-os sobre nossa nuca, se ela pode, portanto, ser causa dos ventos, do calor, do frio, das nuvens, das brumas, das tempestades, pergunto-me: quem não vê claramente que esse astro nos domina?" (ver item 44 da Bibliografia, p. 40).

Mesmer descreve, a seguir, os diversos efeitos visíveis da influência da Lua e termina dizendo que, "quando todas essas coisas forem levadas

1. Guy de Chauliac era tido como o maior cirurgião do século XIV. Muito célebre, esse médico recusava-se, no entanto, a operar quando os astros não se achavam em posição favorável e escreveu um livro dedicado ao aspecto astrológico da prática médica (*Pratica astrolabii*). Com certo humor, o autor do livro denominou-o *Guidon de Chirurgie*, aludindo a seu próprio nome, e também ao papel de guia.

em consideração, seremos compreendidos ao afirmar que uma maré se verifica igualmente no corpo humano, graças às mesmas forças, em consequência das quais o mar e a atmosfera se dilatam, e nossos humores em seus vasos são agitados de diversos modos, perturbados, ampliados e levados em maior quantidade até a cabeça. Nas plantas, aliás, há uma ascensão muito evidente da seiva na fase da Lua cheia".

"Essas coisas coincidem com o que nos ensinam diversas histórias sobre doenças. A epilepsia tende a reaparecer por ocasião da Lua nova e, principalmente, na Lua cheia; por isso alguns denominam-na doença lunática. Marinheiros, no hospital de Saint-Thomas, em Londres, marcaram as Luas nova e cheia por seus acessos epiléticos. Uma jovem [...] tinha o rosto cheio de manchas, e seu aspecto mudava nas diversas fases da Lua. Um caso curioso [...] merece ser relatado: uma mulher francesa tinha um rosto redondo e lindo, por ocasião da Lua cheia, mas quando começava a fase da Lua minguante, seus olhos, nariz e boca voltavam-se para o lado. Assim desfigurada, ela não saía de casa até que voltasse a Lua cheia e readquirisse a beleza facial."

"As manifestações históricas e hipocondríacas têm períodos determinados para se manifestar, conforme testemunham vários casos [...] Os médicos, mais de uma vez, observaram vertigens, paralisias e tremores periódicos [...] Até mesmo o povo sabe que as crises dos maníacos se repetem segundo a revolução da Lua. Os antigos afirmavam que a menstruação das mulheres é desencadeada pela Lua, não segundo um preconceito, mas segundo o resultado de atenta observação, e isso poderia verificar-se em relação a todas as mulheres se, na maioria dos casos, não intervissem outras causas que contrariam as forças desse astro, tais como a alimentação, o tipo de vida, as infinitas diferenças de temperamento e outras formas e influências indefiníveis; acontece que, nas regiões mais próximas do Equador, onde a ação lunar é mais poderosa, como já dissemos, as regras apresentam-se de forma abundante, mas diminuem à medida que o local de habitação fica mais próximo dos pólos. Causa idêntica determina os períodos certos para hemorragias nos homens. Musgrave observou o caso de um rapaz que escarrara sangue durante um ano e meio, e essa perturbação ocorria sempre por ocasião da Lua nova; ele relatou igualmente o caso de um homem, cujo polegar esquerdo sangrava durante a Lua cheia."

"...Certas úlceras evoluem segundo a lei da maré do humor; Baglivi menciona o caso de um homem que apresentava fístula no cólon, que

expelia grande quantidade de secreção durante a Lua crescente; essa quantidade de secreção diminuía regularmente quando vinha a Lua minguante. O célebre Mead acrescenta aí a história de um adolescente que contraiu uma úlcera proveniente de doença venérea, que liberava serosidade purulenta durante a Lua cheia; ao término de uma semana isso desaparecia, para voltar na próxima Lua cheia sempre espontaneamente [...]. "

Mesmer menciona ainda, em sua obra, os trabalhos do célebre Ramazzini que combatia, na província de Módena, a febre hemorrágica, e que anota em seu diário: "Convém observar que essa febre surgia durante a Lua cheia e se atenuava por ocasião da Lua nova." Ramazzini acrescenta ainda que, "durante o eclipse lunar, a maioria dos doentes morria na hora exata do desaparecimento da Lua; e alguns morriam subitamente".

Outros médicos, contemporâneos de Mesmer, descobriram que a peste se agravava sempre durante as Luas nova e cheia, e que a maioria dos doentes refletia de algum modo a influência da Lua.

Em nota registrada em *De Imperio*, Mesmer explica — com os conhecimentos daquele tempo — a suscetibilidade particular das células nervosas à influência da Lua: "Parece-me evidente, escreve, que a influência da Lua seja necessariamente maior sobre o fluido nervoso ou o espírito dos seres animados do que no sangue ou em outros fluidos do corpo. Já que esse fluido nervoso se compõe de partículas extremamente pequenas e elásticas, ele deve ser muito sensível à força de qualquer influência externa."

Enfim, concluindo, Mesmer escreve que "não se deve acreditar que a influência dos astros sobre nós diga respeito unicamente às moléstias. A harmonia estabelecida entre o plano astral e o plano humano deve ser admirada, tanto quanto o efeito inexprimível da gravitação universal, pela qual nossos corpos são harmonizados, não de modo uniforme e monótono, mas como um instrumento musical, munido de várias cordas..."

Se citamos longamente Mesmer e alguns de seus contemporâneos, foi principalmente por serem eles precursores — quase sempre desconhecidos. Veremos nas próximas páginas que as diversas influências descritas por Mesmer — cuja causa ele imaginara — verificam-se hoje, mas não são explicadas!

As perturbações do sono

A Lua exerce uma ação muito específica sobre nosso sono, e muito particularmente sobre as fases do adormecimento e do sono paradoxal. Denomina-se sono paradoxal uma fase do sono durante a qual os músculos se acham relaxados, mas podem — paradoxalmente — produzir nítidos movimentos do globo ocular e também ereção no homem. É durante essa fase (que se repete quatro ou cinco vezes numa noite e ocupa, no total, um quinto do sono), que se manifestam os sonhos. Quando, porventura, lhe suceder não conciliar o sono, ou acordar várias vezes durante a noite, dê uma olhada para a Lua: é bem provável que a Lua cheia esteja para chegar.

Agindo mediante um mecanismo sutil, e ainda desconhecido (mas provavelmente de natureza eletromagnética), a Lua exerce uma influência sobre nosso sistema nervoso central: quando está próxima, e nos envia raios do Sol, ela nos impede de mergulhar nos braços de Morfeu, ao perturbar os circuitos cerebrais que comandam o aparecimento do sono e seu desenrolar em fases harmoniosas, isto é, alternam sono normal com sono paradoxal.

Despertando a pessoa no meio da noite, no momento da fase paradoxal, a Lua impede não apenas que ela tenha o sono reparador, mas também a impede de sonhar. Ora, o sonho não é apenas — segundo a fórmula de Freud — a realização de um desejo reprimido, mas também uma atividade absolutamente indispensável ao equilíbrio do indivíduo. Sem entrar em detalhes, apontemos simplesmente o que já se provou: ao impedir um homem de sonhar (ainda que a duração do sono seja mantida) modifica-se, após algumas noites, seu caráter: ele se torna irritadiço, agressivo, violento. A supressão do sono paradoxal (e, portanto, dos sonhos), durante longo período de tempo, pode até levar a uma doença mental grave (psicose).

A Lua, ao despertar a pessoa que dorme, e ao impedi-la de sonhar, toma-a, pois, mais agressiva, violenta e irritável. Insone e agressivo, o homem, perturbado pela Lua, ocupa suas noites e descarrega sua agressividade cometendo delitos.

Efeitos da Lua cheia sobre os espíritos doentios

A Lua cheia exerce, incontestavelmente, seus efeitos sobre os espíritos fracos. Diz-se que é no período da Lua cheia que se organiza o sabá

das feiticeiras e que os criminosos dão livre curso a seus instintos...

No romance policial, *Tueur à la Lune* [Um assassino ao luar], o escritor August le Breton relata o diálogo de dois policiais:

"— Você acredita na influência da Lua sobre o comportamento de alguns tipos?

— Não se pode negar essa influência, diz Goff. É fato reconhecido, admitido por todos os policiais do mundo."

E durante esse período, o *Tueur à la Lune* opera tranqüilamente!

Uma jornalista, Renée-Paule Guillot, consagrou recentemente um livro de título explícito: *Ler crimes de la pleine Lune* [Os crimes da Lua cheia] (ver item 32 da Bibliografia). Em sua análise, ela menciona todos os grandes criminosos desses últimos anos (Denise Labbé, Gaston Dominici, Lucien Léger, Jaccoud etc.) e mostra que o crime foi sempre cometido na fase da Lua cheia. Voltaremos a esse estudo mais tarde, depois de analisar esse estranho tipo de comportamento.

O grande poeta Shakespeare qualifica a Lua de "soberana, amante da melancolia, que torna os homens insensatos quando se aproxima de nossa Terra".

É exatamente isso que se verifica: os homens se tomam insensatos! Os policiais do mundo e os enfermeiros dos hospitais psiquiátricos tinham o hábito de aumentar sua vigilância quando se aproximava a Lua cheia: os loucos ficavam agitados e os crimes ou latrocínios tornavam-se mais freqüentes. Em 1961, o Departamento de Polícia da Filadélfia apresentava um relatório destinado ao Instituto Americano de Climatologia Médica, dedicado aos efeitos da Lua cheia sobre o comportamento humano. Aí se pode ler que: "Os setenta oficiais de polícia que recebem diariamente os chamados de emergência por telefone afirmam que têm muito trabalho quando se aproxima a noite de Lua cheia. Os desequilibrados agressivos, tais como piromaníacos, cleptomaníacos, criminosos, alcoólatras, pareciam praticar o crime mais freqüentemente na fase da Lua crescente do que na minguante" (ver item 32 da Bibliografia, p. 24).

Essa constatação não havia escapado aos médicos: as notas e recomendações são abundantes. Para dar mais objetividade a tais constatações, três médicos americanos (H. Friedmann, R. O'Becker e C. H. Bachmann) anotaram escrupulosamente durante quatro anos (de 1957 a 1961) todas as hospitalizações em oito grandes hospitais psiquiátricos da cidade de Nova Iorque. Sua conclusão foi de que existe uma semelhança não fortuita entre a periodicidade do astro lunar e a periodicidade das

hospitalizações. Em outras palavras: a Lua afeta o comportamento dos doentes mentais.

Na obra de que já falamos, *Les crimes de la pleine Lune*, R. P. Guillot prova que muitos crimes, tanto passionais como eróticos, rituais ou ainda "ocasionais", são cometidos no momento em que nasce a Lua cheia. Esse estudo, baseado em fatos concretos, traz uma confirmação ao que todo mundo já sabia: a Lua modifica o comportamento de alguns seres e os faz cometer atos pelos quais eles não são totalmente responsáveis. Seria então necessário julgar da mesma maneira como o faziam as cortes inglesas, há dois séculos, quando reconheciam aos criminosos da Lua cheia circunstâncias atenuantes? Notemos de passagem que as cortes inglesas reconhecem hoje — e parecem ser as únicas — que os delitos cometidos pelas mulheres, em certos momentos do ciclo, devem também ser beneficiados por circunstâncias atenuantes!

■ *Ponto de vista médico-legal sobre os crimes da Lua cheia*

Os psiquiatras constatam *esses* crimes ou comportamentos sem os explicar. As únicas tentativas de explicação, muito fragmentárias, baseiam-se no comportamento estranho dos doentes durante a Lua cheia. Pensa-se que esse fenômeno provém, de um lado, da dificuldade que encontram em conciliar o sono; dificuldade que proviria da luminosidade particular, durante as noites de Lua cheia. Essa insônia e a impossibilidade de ocupar o tempo com algum trabalho levariam a comportamentos estranhos que chegam, algumas vezes, a atos hostis.

Evidentemente, essa explicação não é suficiente e, como já demonstramos em outro capítulo, a influência da Lua se manifesta mesmo quando as criaturas vivas (homens ou animais) não podem de modo algum ver ou conhecer o estado do astro lunar.

A Lua e a mulher

A ciência da contracepção é recente, e a descoberta da pílula data dos últimos anos.

As mulheres, no entanto, não esperaram pelo século XX para tentar conhecer melhor seu corpo e seus ritmos pessoais. Desde a Antigüidade, a semelhança existente entre o ciclo lunar e o ciclo feminino foi posta em

evidência. A Lua apresenta, de fato, mudança de posição, e, durante 29 dias e meio, tem dois pontos fortes:

- o desaparecimento do nosso campo de visão, durante três dias: a Lua nova;
- sua revelação total, a Lua cheia.

A visão do astro por inteiro acontece no 14º dia do ciclo lunar.

O ciclo da mulher, mais discreto em suas manifestações, apresenta igualmente dois pontos fortes:

- o fluxo menstrual, geralmente no 28º dia;
- a ovulação ou período de concepção que ocorre, nos ciclos regulares, no 14º dia.

Influência da Lua sobre a menstruação

A duração do ciclo da mulher é muito próxima da do ciclo lunar, já o sabemos. Se o ciclo da Lua foi nosso primeiro calendário coletivo (e ainda o é, em numerosos casos), pode-se dizer quase o mesmo do ciclo da mulher. Em muitas famílias, ele serviu como calendário familiar. Em português, mês e menstruação, aliás, são palavras que têm etimologia idêntica.

Segundo as tradições populares, o mês lunar regeria as menstruações. Vimos que, se hoje isso não mais ocorre, o fato se deve à poluição sonora e visual; esta perturba imensamente nossos centros receptores.

Outrora, segundo as tradições populares, as mulheres menstruavam sempre na Lua nova ou na Lua cheia. Na opinião de Ambroise Paré, esta diferença se explicaria facilmente: "Quanto às jovens, elas têm suas regras na Lua nova e as mais idosas, ao contrário, na Lua cheia ou minguante. O motivo seria o seguinte: a Lua é um planeta que agita os corpos... e, assim, as jovens que têm muito sangue e são mais fortes e dispostas, são facilmente influenciadas no Primeiro quarto e no crescente da Lua nova; mas as mais idosas, tendo menos sangue, precisam de uma Lua forte e vigorosa: assim, elas são influenciadas a terem suas regras somente na Lua cheia ou logo no início da minguante, na qual o sangue, acumulado pela plenitude e vigor da Lua passada, é facilmente incitado a correr e a fluir" (ver item 27 da Bibliografia, p. 124).

Observemos que a vida coletiva favorece a sincronização das regras numa determinada população. Isso se observa, ainda hoje, nos pensionatos,

nos locais de trabalho e assim por diante, onde a maioria das mulheres fica menstruada mais ou menos na mesma data. Atribui-se esse fenômeno a um hormônio ao qual seriam sensíveis as papilas olfativas.

■ *Estatísticas*

As pesquisas realizadas com a finalidade de determinar a exatidão dessa afirmação popular são muito numerosas. Infelizmente, pelas razões já evocadas (influência da poluição externa sobre os ciclos), essas pesquisas não podem ser bem-sucedidas... Só deveriam ser considerados válidos os estudos efetuados entre as mulheres realmente isoladas do mundo e que não tomem nenhum medicamento. Não temos conhecimento de nenhuma pesquisa desse tipo que tenha sido realizada entre as populações isoladas (África, América), nem entre as religiosas contemplativas. Assim, a melhor pesquisa continua sendo aquela efetuada em 1898 (época em que ainda se vivia em contato com a natureza!), por S. Arrhénius. Esse trabalho mostrou que mais de 11.000 inícios de regras ocorrem um dia antes da Lua nova.

A Lua e a contracepção

Essa sincronização das fases da Lua com os períodos passíveis de fecundação influenciaria igualmente os períodos favoráveis ao parto (a sabedoria popular afirma que os nascimentos ocorrem em maior número na Lua cheia). Bastaria, pois, observar a Lua para decidir conceber ou não?

Ouvimos daqui o ranger de dentes dos donos de laboratórios farmacêuticos, grandes produtores de pílulas, minipílulas etc. Mas todo esse ruído não seria mais que um frágil murmúrio em comparação com o suspiro de alívio planetário, emitido por todos os homens e mulheres em idade de procriar.

Um lançar de olhos através da janela ou a leitura do calendário poderia substituir a pílula diária. Adeus esquecimentos catastróficos, efeitos colaterais, tais como enxaquecas, aumento de peso, problemas vasculares.

A Lua libertaria a mulher? O astro feminino teria se tomado feminista?

Louise Lacey, em sua obra intitulada *Lunaception* [Lunacepção] (Ed. L'Etincelle) apóia firmemente tal idéia. Alertada pelo eventual diagnóstico de um câncer no seio, cuja causa seria o consumo regular da pílula, a

escritora decidiu deixar de utilizar qualquer método anticoncepcional químico e procurar um método natural, em harmonia com os ritmos da natureza e do corpo. Suas pesquisas a levaram, através da medicina veterinária e da botânica, a compreender a influência determinante da luz da Lua sobre a concepção.

Nos três dias, ou melhor, nas três noites de Lua cheia, uma luz de fraca intensidade raia no céu. Essa luminosidade, comparável àquela difundida por uma lâmpada de 40 watts, mantida à distância de 15 m, atua diretamente sobre o sistema físico que desencadeia a ovulação. Durante a Lua cheia, a mulher fica, pois, suscetível à concepção.

Para poder confiar nesse sistema de contracepção, no entanto, é necessário que o ciclo da mulher seja perfeitamente regular e que se alinhe totalmente com as variações lunares. A observação dos ciclos de milhares de mulheres demonstra, infelizmente, que a existência de um ciclo regular, enquanto perdura a fecundidade — ou seja, entre aproximadamente 15 e 40 anos — é uma exceção. Segundo um estudo realizado em 1975, entre 2.700 mulheres, apenas uma apresentava um ciclo regular. É mais comum encontrar ciclos que se estendem de 26 a 39 dias. Então, dizemos adeus à "lunacepção"?

Não! Obstina-se Louise Lacey. Se nossos ciclos se apresentam muito perturbados e não respondem perfeitamente às influências da Lua, é porque nossas condições de vida acham-se por demais alteradas. Vivemos (principalmente nas grandes cidades e nas sociedades desenvolvidas) num meio agressivo em que a luz elétrica está presente 24 horas por dia. A obscuridade total tomou-se coisa tão rara quanto o silêncio total. Mesmo que se apague a luz, ela chega até nós pela janela, que deixa passar a iluminação da cidade, pelo interstício da porta, que permite a passagem da luz acesa nos cômodos vizinhos...

A perfeita ocultação do quarto de dormir, alternada com a difusão da luz lunar ou de seu substituto (uma lâmpada de 40 watts, iluminando de modo indireto), durante as três noites de Lua cheia, deveria dar ao ciclo da mulher regularidade e correspondência com os ciclos da Lua. Louise Lacey fez essa experiência e pôde observar que seu próprio corpo retomava um ritmo regular.

A honestidade, porém, a leva a observar que as condições ideais de regularidade só serão obtidas se todo elemento perturbador for eliminado, como a depressão nervosa ou as emoções violentas. Ademais, ela aconselha a acompanhar o método de lunacepção por um controle regular da

temperatura. Esse método simples, natural, mas que exige tempo e continuidade, é conhecido há muito tempo; baseia-se no sistema Ogino, ou método de temperaturas.

A observação da leve mudança de temperatura, que se produz durante a ovulação, permite, de fato, verificar a regularidade do ciclo e a data exata da ovulação. Com o conhecimento dessa data exata e abstinência sexual durante três dias, um bom controle concepcional pode ser realizado.

Portanto, a reposição do método de Louise Lacey infelizmente não permite dizer que em matéria de contraceção... tenha-se descartado a Lua. Além de não ter sido comprovado numa amostra significativa de mulheres, ele exige uma vida verdadeiramente ascética, que implica que, a cada dia, na mesma hora, a mulher verifique sua temperatura e também a luminosidade do lugar em que dorme.

À primeira vista, convém dizer que é mais simples tomar a pílula do que tentar obter essa ocultação perfeita, numa noite de férias, num *camping*... Nada impede, porém, que esse método tenha a vantagem de ser perfeitamente natural e de colocar em evidência nossa integração física com o cosmo.

A Lua, aliás, sempre teve a fama de influir nos acontecimentos da vida da mulher. Estudos foram realizados para provar, para racionalizar o que as antigas civilizações pretendiam conhecer, ou seja, a influência da Lua em relação à data dos partos e quanto ao sexo da criança.

A Lua e o parto

A Lua cheia atrai as crianças, diz a sabedoria popular. Haveria, pois, maior número de nascimentos nos três dias e nas três noites do mês durante os quais a Lua estivesse brilhando com toda sua intensidade.

Por ocasião de um diagnóstico de gravidez, o médico que examina a mãe e o embrião, com o auxílio das informações fornecidas pela mãe (data das últimas regras, ou melhor, da ovulação — há mulheres que o sabem!), ou ainda, graças às medidas da caixa craniana da criança, obtidas pela ultrasonografia, estabelece a data provável do nascimento. Essa data é evidentemente muito importante; ela determina o período em que a mãe tem direito ao repouso pré-natal e permite programar os acontecimentos com o máximo de tranqüilidade: reserva de lugar na maternidade, entre outras coisas.

A data prevista, no entanto, é apenas aproximada. Se os médicos feiticeiros, entre os incas, previam tudo com exatidão, ao tomar o pulso da futura mãe, simplesmente (ver item 7 da Bibliografia), os ginecologistas modernos mostram-se mais prudentes e não consideram uma grande probabilidade de ocorrências de nascimentos nesse curto período de três dias.

Foram, porém, realizados estudos muito preciosos baseados num número considerável de registros de nascimento. Num conjunto de 500 mil nascimentos, ocorridos entre 1948 e 1957 nas maternidades e hospitais novaiorquinos, pesquisadores puderam estabelecer estatisticamente o nível máximo de nascimento por ocasião da Lua cheia.

Ora! Levaria tudo isso a uma ampliação do pessoal que dá assistência médica nos hospitais e maternidades, em função do calendário lunar? Ler-se-á no texto das convenções coletivas e nos contratos individuais de trabalho o parágrafo seguinte: "A enfermeira deverá ficar de plantão um fim de semana e folgar dois, e trabalhar durante três períodos da Lua cheia por ano?" Parece que não. Outras estatísticas não revelaram picos muito comprovadores,.. e também, de algum tempo para cá, as crianças nascem segundo os horários estabelecidos pelos ginecologistas.

Ninguém nos impede, no entanto, de consultar nas efemérides a data da décima Lua que se segue ao período de concepção...

Determinação do sexo da criança

A ciência permitiu o milagre do bebê de proveta, mas não o do bebê sob medida. Nem se pensa hoje em preencher uma ficha no consultório do médico no estilo "Marque no quadradinho: menina ou menino". O problema do sexo da criança que vai nascer, tão velho como o próprio mundo, não evoluiu de modo algum.

Se já se pode demonstrar que a responsabilidade pelo sexo do bebê não cabe à mãe, o resultado disso foi apenas sociológico. Numerosas capelas, santuários e outros lugares de peregrinação não serão mais visitados por esposas infelizes. A crítica freqüente do marido e também da família à mulher, pelo fato de só ter crianças do sexo feminino, levou muitas vezes a mãe a rezar ardentemente para ter um filho homem.

O estágio atual do conhecimento humano permite que se estabeleça melhor a causa do determinismo sexual. Sabe-se que o encontro dos cromossomos XX (menina) ou XY (menino) sé fará em função da rapidez

do deslocamento do esperma e do meio químico da vagina. Os estudos feitos referem-se às possibilidades de influenciar o meio químico do útero. Poderão ser encontrados nas livrarias artigos e obras sobre a dieta alimentar que permitem decidir quanto ao sexo do bebê. (Ler a esse respeito o livro do Dr. M. Lenois, *Choisissez vous-même le sexe de votre enfant* [Escolha você mesma o sexo de seu bebê], Marabout service n° 472). Está em jogo o seguinte princípio: para conseguir um menino, a alimentação consumida deve conter uma porcentagem bastante elevada de sódio e de potássio. A receita para se ter uma menina é uma alimentação rica em cálcio e magnésio. O resultado não é, porém, garantido.

Esse método, baseado num regime alimentar, salgado ou lácteo, já fazia parte de uma coleção de receitas muito conhecidas, antes das experiências científicas. Ele figurava ao lado de outros "truques" na lista de meios úteis para a concepção de uma menina ou de um menino. Um certo Dr. Schenk, professor na Universidade de Viena, no final do último século, teria assim permitido ao arquiduque da Áustria, pai de oito meninas, ser o feliz pai de um menino.

Na Antigüidade, o problema já fora abordado e Hipócrates aconselhava o marido... que amarrasse o testículo direito antes de manter relações sexuais com a mulher. Desse modo, ele poderia estar certo de gerar um menino !

O conjunto dos métodos citados tem por finalidade, aliás, garantir exatamente o nascimento de maior número de meninos — cuidado primordial de nossas civilizações falocratas. A escolha do testículo, o direito, fortalece ainda mais essa vontade. O lado direito sempre foi símbolo do que é positivo; a criança do sexo masculino será colocada do lado direito da futura mamãe. Hipócrates o disse... e todos repetirão suas palavras. Os sinais positivos durante uma gestação serão, aliás, interpretados como o prenúncio de um herdeiro. Se a criança se encontra à direita (?), se ela se movimenta muito, se a mãe tiver uma expressão radiante, em vez da aparência cansada que se atribui à mulher que espera uma menina, então todos dirão que virá um menino...

Outros métodos, menos desagradáveis, ainda são defendidos hoje; a posição amorosa teria influência, e a mulher que se deitasse sobre o lado direito... conceberia um menino. O mesmo ocorreria à mulher, cujo desejo fosse muito violento. Esta última afirmação origina-se no Talmude, e é retomada pelo aforismo do rei da França, Luís Felipe: "se quero uma menina, eu procuro a rainha. Se quero um menino, espero que ela me procure"

Enfim, as relações sexuais mantidas durante a Lua cheia propiciarão o nascimento de um menino. São quatro os dias disponíveis no ciclo lunar para que se consiga o nascimento de um menino, nove luas mais tarde. Será ainda necessário que esses quatro dias correspondam ao período de fecundidade do ciclo feminino.

Ao considerarmos as categorias de ciclos que formam o biorritmo, devemos esclarecer que eles são em número de três. Desses três ciclos (o intelectual com 33 dias de duração; o físico, 23 dias e o emotivo, 28 dias), será importante atentar para o de 28 dias, no caso de se querer conceber um menino; de fato, a criança concebida durante o período favorável da curva biorrímica terá todas as possibilidades de ser um menino. A criança concebida durante o período favorável da curva de 23 dias poderia bem ser uma menina.

A Lua, tão estudada em matéria de fecundidade, acumula três papéis. Na escolha do sexo da criança, ela aparece a um só tempo como símbolo positivo e dinâmico. Desde o início dos tempos, a vinda de um menino ao mundo era sempre motivo de grande alegria. Essa felicidade está ligada à plenitude poética da Lua. Essa plenitude perfeita, mas fugidia, desaparece na espera de um renascimento certo. A ansiedade criada pelo desaparecimento da luz da Lua diminui diante da certeza de sua volta. Seu ciclo está ligado ao da vida, ao do eterno retomo.

■ *Tradições curiosas sobre o sexo das crianças*

Em alguns tratados de magia prática, podem-se ler algumas tradições curiosas sobre as relações entre a Lua e o sexo das crianças. Essas tradições fazem distinção entre o primeiro filho e os seguintes. Contrariamente ao que parece mais "lógico", o sexo da criança será determinado, não pela fase lunar no momento de sua concepção, mas antes pelo aspecto lunar no momento da concepção da mãe (no caso do primogênito) ou da criança precedente.

Eis as tradições, da maneira como são relatadas por Papus em seu *Traité méthodique de magie pratique* [Tratado metódico de magia prática]:

□ *Para o primeiro filho*

A mãe se baseará na posição da Lua por ocasião de seu próprio nascimento (o que poderá ser verificado facilmente por meio de um almanaque do ano em que ela nasceu). Se a Lua tiver se renovado nos nove dias que se seguiram a essa data, o futuro filho será uma menina. Caso

contrário, se não houver Lua nova nos nove dias mencionados, o filho será um menino.

☐ *Para os outros filhos*

Deve-se verificar o dia do nascimento do filho anterior. Se a Lua tiver se renovado nos nove dias seguintes a esse nascimento, haverá um filho de sexo diferente. Caso contrário, o filho que vier será do mesmo sexo do último filho.

As crenças populares

A licanthropia

Licantropia é a metamorfose de um ser humano em lobo. Esse ser humano 'torna-se, assim, um lobisomem: por vezes, o ser humano se transforma num novo ser, perdendo a característica humana; por vezes, o ser humano e o ser fantasmático coabitam o mesmo invólucro, e este último anula o primeiro por um determinado período; por vezes, a vítima se desdobra, seu corpo fica inerte como um cadáver e a alma erra pelos campos, sob o aspecto de lobisomem.

Durante a Idade Média, acreditou-se formalmente nessa transformação, que se produzia na fase da Lua cheia: "Os lobisomens corriam pelos campos, temidos até pelos homens mais intrépidos. Achava-se que esses animais não eram mais que feiticeiros com o secreto poder de se transformar em animais, graças a terríveis encantamentos. Milhares de pessoas, a respeito das quais se desconfiava que passassem por essas diabólicas metamorfoses, foram queimadas. Queimaram-se até certos 'espíritos fortes' que se recusavam a acreditar na existência dos lobisomens, entre eles Guillaume de Lure, em Poitiers!" (A. Ruffat, *La superstition à travers les âges* [A superstição através dos tempos], Payot, PBP, 297, 1977, p. 203). Em 1573, uma sentença do Parlamento de Dôle determinava uma perseguição "com chuços, alabardas, lanças e arcabuzes para expulsar, perseguir, amarrar e matar. o tal lobisomem". Claude Seignolle conta que em Périgord, "certos homens, notadamente filhos de padres, são forçados a cada Lua cheia a se transformar em lobisomens. Durante a noite é que eles são acometidos por esse mal" (ver item 55 da Bibliografia, pp. 301 e 302).

Hoje, considera-se a licanthropia uma doença mental que faz com que o sujeito acredite, realmente, que se transforma em lobo. Essa associação

entre a Lua e uma loucura assassina (o lobisomem é um assassino) é muito antiga: os romanos acreditavam que essa transformação fosse imposta pela Lua àqueles que mereciam castigo. O que nos interessa nessa lenda é a parte de verdade que ela contém. Certamente, a metamorfose jamais aconteceu, mas o fato de ser mencionada em diversas lendas, e em quase todos os povos, confirma que a ação da Lua cheia sobre os homens há muito já fora notada; e o aumento da agressividade durante esse período fora notado de tal maneira que ela foi "institucionalizada" pelas lendas (do lobisomem, do chapeuzinho vermelho etc.).

As "bruxas"

Esse horrível destino — punição de um pecado, marca de uma nociva socialização — não atinge apenas os homens. Como Françoise Loux observou, as mulheres que têm essa marca "são bruxas que, como Saturno, devoram seus filhos ou assistem passivas a esse espetáculo. Ao contrário da história de Gargântua, trata-se aqui da mãe espoliadora ao extremo".

Essas "bruxas", muitas vezes se convertem. Assim, a fundadora da Abadia des Fontenelles, em Vendée, Beatrice, era uma "mulher cruel que gostava de comer criancinhas: para ela, o prato mais delicioso era o coração e o fígado". Mas acabou por se arrepender e, ao contrário, passou a fazer penitência, alimentando-se desde então só de raízes. Por ocasião de sua morte, seu túmulo foi abençoado e, "a cada ano, na segunda-feira de Pentecostes, levam até lá as crianças, das quais tomou-se protetora" (ver item 43 da Bibliografia, p. 167).

Isso traduz muito bem a ambivalência de todo sentimento maternal, misto de impulsos de vida e de morte.

Esses comportamentos demoníacos nos levam, naturalmente, a esboçar, em algumas linhas, as ligações entre a Lua e o diabo.

A Lua e o diabo

Apenas a esse tema, poder-se-ia dedicar um imenso volume. Mas estaríamos fugindo do nosso objetivo: trata-se, aqui, apenas de lembrar os laços estreitos que unem o diabo à Lua, desde Lilith até as atuais tradições populares, passando pela licantropia e a Inquisição.

Lilith, a primeira mulher que se transformou em demônio, representa a Lua negra (ver adiante). À licantria nós já dedicamos algumas linhas e não voltaremos ao assunto.

Durante toda a Inquisição, um dos objetivos (confessados) dos Inquisidores era a procura de provas de comércio com o diabo. As técnicas "refinadas" utilizadas naquela época nada ficam devendo às utilizadas pelos carrascos atuais. É interessante saber que durante toda essa época (muito longa...) acreditava-se firmemente que, nas noites de Lua cheia, havia uma reunião de feiticeiros e feiticeiras. No dia seguinte, o Inquisidor local de serviço procurava obstinadamente, na casa dos suspeitos, o sinal do diabo (o *punctum diabolicum*).

Mais perto de nós, grande número de tradições populares atestam essa sobrevivência. Assim, para dar apenas um exemplo, segundo Claude Seignolle, "na Bretanha (região da França), uma moça ou jovem senhora não deve jamais voltar-se para a Lua, quando satisfaz sua necessidade amorosa, principalmente se a Lua estiver no Primeiro quarto, pois ela se arrisca a conceber, pela influência da Lua, uma criatura lunática, um 'filho da Lua'.

Na região de Morlaix, a mulher que se expõe demais diante da Lua corre o risco de conceber sob sua influência e de dar à luz um ser monstruoso" (ver item 55 da Bibliografia, p. 122).

Essa curiosa lenda lembra estranhamente a de Lilith-Néama, tal qual foi transcrita no Zohar.

Esse rápido apanhado mostra que, fundamentalmente, a Lua sempre esteve associada ao demônio. Notar-se-ão igualmente as relações evidentes entre a demonologia e a criminologia dos assassinos da Lua cheia (cujo crime é sempre ritual). Astro bivalente (simbolizado pelos dois cães do Tarô, o par Lua-Lua negra etc.), a Lua quase sempre tem má reputação e o simples fato de sonhar com ela não pressagia nada de bom.

SIMBOLISMO DA LUA

Seja na linguagem corrente (sob a forma de aforismos), na astrologia (sob a forma de atributos), no folclore, nas tradições populares ou nos sonhos, a Lua possui um simbolismo muito rico no qual se encontram, em quase todas as civilizações, os mesmos temas.

As manchas da Lua (que variam segundo os dias e as épocas) ocuparam o pensamento dos poetas, dos filósofos, dos astrólogos, e mesmo dos sacerdotes. Todo o bestiário (com seu simbolismo próprio) foi identificado em suas manchas e, por vezes, até mesmo o homem, sob a aparência de um velho canibal (entre os tártaros) ou de uma menina (entre os iacutos). A projeção de problemas sobre as manchas lunares faz desse estudo um verdadeiro teste de Rorschach da humanidade. Para os povos antigos, nas tradições populares, a Lua não é um astro morto mas, ao contrário, em plena mutação.

■ Teste de Rorschach da humanidade e, desde então, sujeita a um simbolismo muito variável, *a Lua simboliza igualmente a morte*. De fato, a cada mês, durante três dias (na Lua nova) ela desaparece, para reaparecer (ressuscitar) sob forma diferente. A Lua se torna, assim, o lugar de trânsito dos mortos, a passagem obrigatória para uma nova vida. Na mitologia dos povos, numerosas divindades são, não apenas lunares, mas igualmente funerárias e ctonianas (isto é, subterrâneas e noturnas: ligadas à morte) como, por exemplo, Perséfone, Mên etc.

■ A Lua é também *o símbolo dos ritmos biológicos* e, particularmente, do ritmo de 28 dias. Nós discutimos os ritmos biológicos em relação à Lua num capítulo anterior.

■ A Lua é, igualmente, *o símbolo (direto ou indireto) da fecundidade*. Como símbolo da fecundidade humana ela é estudada na parte consagrada ao controle concepcional lunar; a Lua, como símbolo da fecundidade terrestre, é estudada na parte destinada à astro-meteorologia lunar: as mudanças de Lua sempre anunciam chuva.

A Lua, como símbolo da fecundidade humana, transparece claramente nas tradições dos povos do Norte (finlandeses, estonianos, iacutos) que celebram os casamentos por ocasião da Lua cheia.

Para os chineses, a festa da Lua, festa da colheita, é uma das três grandes festas anuais. Lembremos que os povos asiáticos concedem à Lua um lugar preponderante (ela fixa o calendário, determina o signo astral etc...).

■ Para os judeus, a Lua simboliza o povo hebreu, sempre em busca de nova morada, mudando de lugar perpetuamente. Para os judeus, como para os árabes (e numa certa medida para os cristãos), *a Lua é o regulador dos atos religiosos*. As fases da Lua determinam as datas de grandes festas religiosas.

Observemos, de passagem, que a data da festa da Páscoa, na religião cristã, foi fixada, há alguns séculos apenas, em função de uma fase da Lua. "O cálculo segundo o qual se determina atualmente a data da Páscoa é o seguinte: `Páscoa é o domingo que se segue ao décimo quarto dia da Lua que atinge esse tempo no dia 21 de março ou imediatamente após (...). A celebração no décimo quarto dia da Lua do equinócio fora prescrita muito judiciosamente com o objetivo de impedir qualquer assimilação da Páscoa judaica com a cerimônia cristã" (ver item 31 da Bibliografia).

Assim, segundo as normas do cálculo eclesiástico atual, cujas tabelas teriam sido elaboradas pelo astrônomo jesuíta Clavius, aconselhado pelo papa Gregório XIII, a Páscoa pode ser celebrada em 35 datas diferentes, escalonadas entre 21 de março e 26 de abril! (ver item 2 da Bibliografia).

Os calendários religiosos cristãos, árabes e judaicos não são os únicos calendários que têm por base os ciclos lunares. Sabemos que a civilização chinesa utilizava muito regularmente as fases da Lua para organizar as cerimônias religiosas ou civis. Aliás, o povo celta, gente bastante misteriosa, agia do mesmo modo.

■ Símbolo do tempo que passa, da fecundidade, dos ritmos do povo hebreu, a Lua é igualmente *o símbolo do imaginário*, do sonho e do inconsciente. Essa assimilação simbólica já é suficientemente conhecida (e nós a descreveremos no capítulo astrológico) para que nos detenhamos nela.

■ Concluindo, pode-se afirmar que *a Lua simboliza tudo o que está em mudança*: o tempo que passa, o sonho que foge, o animal ou o homem que se transformam, o ciclo que muda e recomeça etc. Símbolo de desestabilização, a Lua é igualmente o símbolo da esperança, pois anuncia que a cada fluxo segue-se um refluxo, que a morte anuncia a vida e que a esperança é a primeira virtude humana. Jamais uma frase terá tanto significado quanto a pronunciada pelos adoradores da Lua: "A Lua está morta! Viva a Lua!"

A Lua nas tradições populares

Habitualmente, opomos as tradições populares aos conhecimentos científicos. Essa dicotomia não é verdadeira, porque, em muitos casos, uma tradição popular pode chegar a uma comprovação científica; por outro lado, há conhecimentos que, embora não sendo científicos, também não se acham entre as tradições populares. O que distingue essencialmente as tradições populares poderia ser resumido da seguinte maneira:

- tradições não-sistematizadas,
- verificações não-científicas das afirmações.

Assim, os dados da astrologia não se encaixam no grupo de afirmações das tradições populares (os conhecimentos astrológicos são sistematizados), da mesma forma que grande número de afirmações médicas (verificadas e confirmadas pela ciência). Este pequeno capítulo não conterà mais que um conjunto de conhecimentos esparsos que não se encaixam bem em nenhum dos outros capítulos.

A Lua nos sonhos

A interpretação dos sonhos faz parte das mais antigas tradições populares. O sonho — realização de um desejo inconsciente — é também

uma das vias reais para se atingir o inconsciente coletivo; não surpreende, pois, que os povos tenham atribuído muita importância à interpretação dos sonhos, e que, por vezes, essa interpretação se tenha revelado acertada.

■ *Vera Lua em sonho*

Esta visão anuncia um retardamento nos afazeres. A alusão ao simbolismo clássico da Lua aqui parece evidente.

■ *Sonhar com uma Lua obscura*

A Lua, que habitualmente anuncia a hora do Pastor, quando está obscura, anuncia a ausência de prazeres e a ocorrência de tormentos.

■ *Sonhar com uma Lua pálida*

Este sonho assemelha-se ao da Lua obscura: ele anuncia um sofrimento futuro.

Esses três sonhos e sua interpretação (que devemos a Colin de Plancy, em seu *Dicionário infernal*) anunciam invariavelmente aborrecimentos. Classicamente, sonhar com a Lua não é, pois, um prenúncio favorável.

As conjurações

Entretanto, se o sonho espontâneo mostrando a Lua é, freqüentemente, de mau presságio, é possível, por outro lado, utilizar a Lua para favorecer sonhos premonitórios. Assim, se uma jovem pronunciar — no momento da Lua nova — certas conjurações, poderá ver durante o sonho, o rapaz que será seu esposo. Essa conjuração é naturalmente recomendável às meninas casadoiras que não querem perder seu tempo.

Na França, segundo as regiões, essa conjuração varia um pouco:

■ *Na região de Yonne*, é preciso dizer três vezes antes de se deitar:

□ *Salve, belo crescente*, faze-me ver, em meu sono, a quem terei como dono.*

* Adaptação livre do verso popular francês: *Salut, beau croissant, fais moi voir en mon dormant qui j'aurai en mon vivant.*

■ *Na Alta Bretanha*, recita-se cinco vezes o Pai-nosso e cinco vezes a Ave-maria, voltando-se na direção da Lua (crescente) e, a seguir, atira-se na sua direção aquilo que se tiver na mão, dizendo:

□ *Pequeno crescente, verbo branco, faze-me ver, em meu sono, a quem terei como dono.*

Deita-se imediatamente, colocando na cama o pé esquerdo em primeiro lugar. Deve-se deitar do lado esquerdo e recitar, até dormir, as preces recomendadas para as almas do purgatório (ver item 18 da Bibliografia, p. 332).

Em outras províncias da França, as preces são semelhantes; muda apenas o ritual que as acompanha.

■ *Em Poitou*

□ *Lua, minha mãezinha, eu, que sou tua filhinha, faze-me ver em meu sono a quem terei como dono. equeno crescente, verbo branco, faze-me ver, em meu sono, a quem*

■ *Na Flandres francesa*

□ *Crescente, crescente, faze-me ver, em meu sono, a quem terei como dono.*

■ *Em Wallonie*, as mulheres acrescentam às frases da fórmula ritual:

□ *E que ele tenha à mão seu ganha-pão.*

A fórmula tem, naturalmente, muitas variedades, mas sempre se pede à Lua que desempenhe, de um ou de outro modo, seu papel de casamenteira.

Truques lunares

■ *Para ganhar no jogo*

Segundo Colhi de Plancy, o trevo de quatro folhas é uma "erva que cresce sob os cadafalsos. O jogador que o colher depois da meia-noite, no primeiro dia da fase lunar e o levar respeitosamente consigo, pode estar seguro de ganhar todos os jogos" (ver item 50 da Bibliografia, p. 484).

■ *Para tirar verrugas*

Basta dirigir-se à Lua, nestes termos:

□ *Salve, Lua cheia, leve-as consigo (as verrugas) para bem longe daqui (ver item 18 da Bibliografia, p. 163).*

■ *Para exorcizar*

É preciso "cortar um ramo de aveleira, fazer três vezes o sinal da cruz, voltar-se na direção da Lua, quando ela estiver surgindo, e dizer:

□ Lua eu te ordeno, livra-me deste feitiço, em nome do grande Lúcifer" (ver item 18 da Bibliografia, p. 307).

As superstições

A Lua tem inspirado numerosas superstições; mergulhando no folclore, nas tradições populares ou nas lendas dos diversos países, poder-se-ia encontrar para cada etapa da vida, ou para cada profissão, uma superstição diferente. Observemos, contudo, e esse *é o* ponto essencial, que a Lua tem sempre má reputação: *é* preciso esconder-se dela, tentar enganá-la etc...

A maior parte dessas superstições desapareceu, mas permanecem ainda alguns resquícios... Na Espanha, atualmente, "para que um menino se tome bom cantor (ambição de toda mãe andaluza!) *é* preciso cortar as unhas dele atrás da porta de entrada da casa; recomenda-se, ainda, que não se faça isso numa segunda-feira, senão o menino não terá dentes bonitos" (ver item 53 da Bibliografia, p. 269). É inútil insistir sobre quais seriam as relações entre a Lua e a segunda-feira, assim como entre as unhas e os dentes!

Na Europa Central, as superstições ligadas à caça são muito numerosas; assim, no Boêmia, todo caçador prevenido "deve colocar-se sobre um lençol branco, durante a noite de Natal, a atirar na direção da Lua: ele jamais será malsucedido na caça, durante o ano inteiro" (ver item 53 da Bibliografia, p. 285).

O talismã da Lua

Em seu célebre *Traité méthodique de magie pratique* (ed. Dangles) Papus, pseudônimo do Dr. G. Encausse, dedica um capítulo aos diversos talismãs. No que se refere à Lua, pode-se ler que "o talismã da Lua protege os viajantes e as pessoas que habitam uma terra estrangeira. Ele preserva da

morte em naufrágio ou de epilepsia, hidropisia, apoplexia, loucura. Também afasta os perigos de morte violenta, que seriam pressagiados pelos aspectos saturninos registrados no horóscopo.

Para fazer o talismã da Lua é preciso uma placa de prata muito pura, talhada em círculo, nas dimensões de uma medalha comum e perfeitamente polida nas duas faces.

Numa das faces, grava-se, com um buril de ponta de diamante, a figura do Crescente, fechada num pentagrama.

Na outra face, grava-se uma taça, fechada numa estrela de seis pontas e rodeadas de letras formando o nome de Pi-Ioh, gênio planetário da Lua, segundo o alfabeto dos magos.

Deve-se escolher, para iniciar e terminar a operação, uma segunda-feira (*Lunae Dies*), dia consagrado à Lua, porque a evolução lunar, nesse dia, percorre os dez primeiros graus de Virgem ou Capricórnio, e se acha em bom aspecto com Saturno, segundo a teoria do horóscopo".

A seguir, segundo o mesmo autor, deve-se consagrar o talismã; isso "consiste em expô-lo ao vapor de um perfume composto de sândalo, cânfora, aloés, âmbar e semente de abóbora pulverizada, que se queima com raminhos de artemísia, de ranúnculo, num fogão rústico que não tenha sido usado para nenhum outro fim, que deve ser reduzido a pó e levado para algum lugar deserto logo após a operação. O talismã, em seguida, deve ser fechado num saquinho de seda branca, que se coloca junto ao peito, preso por fitinhas do mesmo tecido, que se entrelaçam e se amarram em forma de cruz".

O leitor interessado em possuir esse talismã poderá consultar a obra acima mencionada.

As correspondências lunares

■ *Correspondências entre as fases lunares e as estações*

O Sol se renova em um ano e determina quatro estações. A Lua se renova a cada 28 dias e apresenta quatro fases. A partir dessas observações,

pode-se elaborar um quadro de correspondências entre as estações e as fases da Lua.

- Lua nova*: inverno
- Primeiro quarto*: primavera
- Lua cheia*: verão
- Último quarto*: outono.

■ *Correspondência entre a Lua e os animais*

Em magia, os animais são frequentemente utilizados pelo magnetismo que apresentam. Cada animal tem um determinado poder, um fluido particular, que auxilia a realização de certas operações.

No que se refere à Lua, as operações mágicas serão favorecidas pela utilização dos seguintes animais:

- Pássaro*: coruja
- Mamíferos*: gato e rã (sic)
- Peixe*: *lurus*

Lembremos que as operações de magia não podem ser efetuadas senão na Lua crescente, quando seu poder dinâmico é mais forte.

Utilizados em bom momento e da maneira adequada, esses animais podem prestar numerosos serviços. Papus conta que "a rã e a coruja tornam o homem bem falante, e liberam, principalmente, a língua e o coração. Desse modo, a língua de uma rã aquática posta sob a cabeça faz falar durante o sono, e o coração de uma coruja colocado sobre o peito esquerdo de uma mulher que dorme tem a eficácia de fazer com que ela revele todos os seus segredos" (ver item 49 da Bibliografia, p. 268).

Eis, portanto, uma receita que, se for realmente eficaz, poderá prestar numerosos serviços...

As expressões lunares

A extrema riqueza simbólica da Lua explica por que ela serve de apoio a numerosas locuções que refletem nossas meditações ou inquietações terrenas.

Já vimos que ela personifica não apenas os ritmos biológicos, o tempo que passa, o imaginário, mas também nossos sonhos, e igualmente

certas influências ocultas (no reino dos feiticeiros e dos mágicos, acontecem coisas curiosas durante a Lua cheia!).

Entre as numerosas expressões populares em que a Lua aparece, mencionemos as mais freqüentes:

Durante a lua-de-mel os inhames são sempre doces, diz um provérbio africano. Essa expressão é utilizada para designar a viagem de núpcias e, por extensão, simboliza os primeiros meses (considerados felizes) do casamento. Utiliza-se igualmente essa expressão para designar um bom entendimento: *Eles vivem em plena lua-de-mel* ou, ainda, o fim da harmonia: *Lua-de-mel partida !*

Essa expressão não é a única em que a Lua simboliza a felicidade, a alegria de viver. Pensa-se sempre que a Lua tem uma influência sobre o psiquismo humano: pode-se, então, *estar de boa ou má lua*.

A Lua é inacessível, conforme leva a entender esta expressão muito usada: *Prometer a Lua*. Em Rabelais, significa tentar o impossível: *Agarrar a Lua com os dentes*. Hoje (na época das viagens interplanetárias) pode-se dizer, mais facilmente: *Conquistara Lua*.

Os que fazem demasiadas exigências, *que pedem a Lua*, merecem *encontrar os que prometem a Lua*, e que os façam *ver a Lua ao meio-dia*. Não duvidamos de que muito em breve eles acabem *caindo da Lua* e travem um rude contato com as realidades terrenas. Isso os fará manter com os pés na terra.

O *lunático* que cai do astro não tem o ar maldoso; daí as expressões tão populares: *tolo como a Lua* ou *idiota como a Lua*. A alusão à Lua encontra-se igualmente na expressão *cara de Lua*, quando se faz referência especificamente à forma redonda da Lua.

A vida é como a Lua, às vezes cheia, às vezes vazia, diz um provérbio búlgaro. O ciclo da Lua, facilmente observável pelo homem, simboliza o tempo que passa. A Lua, mesmo renovando-se regularmente, como os amores (*a Lua e os amores, quando não crescem, diminuem*) não é jamais idêntica ao que era, e acaba-se falando do tempo passado, das velhas Luas, mas também das vicissitudes da vida: *quando a Lua está cheia, começa a minguar*.

A suposta luta entre os dois astros (a Lua e o Sol) também é mencionada em alguns provérbios. Lembremo-nos de que a Lua é feminina e o Sol é masculino. *A Lua brilha mas não aquece*, diz um provérbio russo que parece aludir à beleza da mulher. *A Lua fica sombria, quando se*

aproxima do Sol. é um provérbio que pretende atribuir à Lua este sentimento, bastante humano, que é o ciúme.

A Lua e o Sol, o masculino e o feminino, o Yin e o Yang, embora opostos, são complementares. É o que significa este provérbio africano: *se você não aceitar que o Sol bata em suas costas, a Lua não baterá em seu ventre.*

A Lua está ao abrigo dos lobos, diz um provérbio escandinavo. Não é, de fato, incompatível ser tolo como a Lua e sentir-se superior!

Afinal, qualquer que seja o provérbio, é preciso buscar-lhe o sentido... É o que diz, à sua maneira, este provérbio africano: *Eles lhe apontam a Lua e você olha para o dedo.*

A Lua e as religiões

A Lua na religião judaica

Todas as religiões semíticas reservam um lugar muito importante para a Lua. Entre essas religiões, a muçulmana (que possui um calendário lunar) e a judaica (que utiliza, também, um calendário lunar) atribuíram tão grande destaque à Lua, que chegaram a incorporá-la aos ritos.

A Lua é, para Israel, a "luz menor", em oposição ao Sol, que é a "grande luz". A Lua e o Sol, criados de igual tamanho, tomaram-se ciumentos e Deus decidiu tomar um dos astros menor. A Lua foi escolhida porque ela se introduziu ilegalmente na esfera do Sol. O caráter ilegal dessa intrusão baseia-se no fato de que a Lua é, por vezes, visível durante o dia. Deus suavizou a cólera da Lua rodeando-a de estrelas. O objetivo inicial de Deus era fazer com que a Terra fosse iluminada por um só astro, o Sol. Para diminuir o perigo de uma divindade central, ele decidiu, no entanto, utilizar dois corpos celestes.

Os dois astros submetem-se diariamente ao julgamento de Deus. Por ocasião do reaparecimento da Lua crescente, uma prece especial pode ser rezada a partir da terceira noite que segue a reaparição, até o décimo quinto dia do mês lunar. A prece deve ser dita ao ar livre, e ela se dirige diretamente ao astro; não pode ser recitada quando este tem sua claridade oculta pelas nuvens.

Quando a Lua fica escondida por um período relativamente longo (eclipse), isso só pode acontecer porque Deus está descontente com os pecados dos homens (redação de um falso testamento etc.).

■ *Origem do "Sabath"*

A civilização hebraica primitiva colocava-se inteiramente sob o signo das divindades lunares; encontram-se vestígios dessa influência nos nomes de certas cidades e no calendário. Assim, as cidades de Jericó (derivado de Yâreah = Lua) e Hadacha (= Lua nova) sugerem a existência de uma divindade lunar.

O "Sabath", que hoje é a pedra angular da vida judaica, era celebrado, desde o século VIII, pelos israelitas da Palestina. Contudo, segundo A. Lods, grande especialista no assunto, "esse termo deve ter designado antes algo diverso daquilo que mais tarde passou a ser designado pelos judeus. A palavra 'Sabath' era aparentemente derivada do babilônio 'sabattu' ou 'sepattu', que designava a festa da Lua cheia (o dia em que o astro 'cessa' de crescer): o sentido original da palavra hebraica parece ter sido o mesmo. Os israelitas, ao entrarem em Canaã, teriam adotado esse termo para designar uma solenidade que realizavam, sem dúvida, desde os tempos nômades em honra ao astro noturno.

Isso explicaria a estreita associação, estabelecida nos textos antigos, entre 'Sabath' e Lua nova, assim como a ausência desse termo — suspeito de paganismo — nas primeiras legislações javistas e a hostilidade que certos profetas reservam a essa festa" (ver item 42 da Bibliografia, p. 438).

O "Sabath", dia da Lua cheia, dia crítico entre os babilônios, iria, aos poucos, estender-se a todos os dias críticos do mês, ou seja, o 7º, o 14º, o 21º e o 28º. Durante esses dias, era recomendado a certas pessoas — ao rei, ao sacerdote, ao médico etc. — que se abstivessem de qualquer prática. Lentamente, o "Sabath", dia crítico, dia de repouso obrigatório para algumas personalidades, iria tomar-se dia de repouso obrigatório, consagrado a Jahweh. Ainda segundo A. Lods (*op. cit.*, p.439), o "'Sabath', podia, de fato, ser interpretado como designando o dia em que o homem cessa de trabalhar e não mais aquele em que o astro cessa de crescer".

Mais tarde, os dias de descanso semanal foram desligados das fases da Lua, e as semanas constituíram uma cadeia contínua através do ano todo.

■ *A Lua e as tradições*

Observemos, para terminar, que os primeiros legisladores judeus tiveram a mesma dificuldade, com sua religião nascente, que aquelas encontradas pelos cristãos, com respeito a tradições populares: separar o pagão do religioso. Atualmente, a Igreja católica ainda suprime certas cerimônias cujo sentido ou cujas origens possam ser pagãos. Isso explica porque, embora realizadas por todos os israelitas, as festas lunares (e particularmente a festa da Lua nova) não são mencionadas pelos primeiros legisladores que ainda tinham excessiva consciência de seu caráter javista. O profeta Oséias chega a colocar essa festa entre as dos "dias de Baal".

Em suas "tradições populares", os primeiros israelitas atribuíam à Lua uma ação direta sobre a fecundidade do solo, como demonstra a seguinte passagem de Deuteronômio (33, 13-14): "A Terra é abençoada pelo Senhor! Ela possui os dons do céu, o orvalho e o abismo, nas camadas subterrâneas e os tesouros que o Sol produz e os que germinam a cada Lua..." A Lua exercia, igualmente, uma ação sobre as moléstias (Salmos 121, 6). Observemos, de passagem, que os ismaelitas "prendiam ao pescoço de seus camelos 'pequenas Luas', isto é, enfeites em forma de discos ou de crescente: esses objetos deviam ter alguma função profilática, talvez contra os raios da Lua, ou seja, contra as moléstias atribuídas a esse astro" (ver item 42 da Bibliografia, p. 214).

Os diversos pingentes (conchas, crescentes etc.) usados tanto por homens como por mulheres fazem o papel de amuletos, sendo que a concha e o crescente simbolizam a Lua.

Não nos esqueçamos de que os povos da Antigüidade consideravam os astros como seres aos quais poderiam se dirigir; assim, Josué se dirige ao Sol e à Lua, dando-lhes ordens (Josué, 10, 12-13) e, mais próximos de nós, o próprio Cristo e Bernadette Soubirou se dirigem igualmente aos astros e os comandam.

Talvez seja por esse modo de agir para com os astros que os povos tentam obter uma modificação do clima. Os israelitas, os beduínos e os árabes reconhecem na Lua o poder de mudar o tempo, e particularmente de ocasionar chuvas... Da mesma forma que a Igreja católica utiliza ainda preces especiais para conseguir esses resultados.

A Lua entre os cristãos

Já vimos o papel representado pela Lua na determinação das festas religiosas. No que se refere ao que representa para os cristãos, não podemos fazer mais que citar o artigo a ela dedicado por Xavier Léon Dufour, em seu notável *Dictionnaire du Nouveau Testament*: "Sem ser objeto de qualquer culto, a Lua nova (do grego *néomènia*) determina o calendário das festas e exerce real influência sobre os humanos. No dia do juízo final, segundo a narrativa do Apocalipse, ela perderá a sua cor branca e o seu brilho."

Os adoradores da Lua

A Lua — como o Sol — tem seus adoradores. Para se bronzear ou para adorar a Lua, eles ficam nus. Uns preferem as praias, outros os bosques. Todos se reúnem regularmente em Paris... a Cidade Luz.

Guy Breton, num pequeno livro muitíssimo interessante, intitulado *Nuits secrètes de Paris* [Noites secretas de Paris], registrou todos os doces loucos da cidade: os ovobiologistas, os etéreos, os adoradores da cebola e... os adoradores da Lua. Para estes últimos "a Lua é um ser vivo... Um ser que sofre, que chora e que, durante muito tempo, esteve ligado à Terra por um cordão umbilical".

Na qualidade de ser "doce e benfazejo", a Lua possui seus adoradores cujo grupo "foi formado em 1912 por Arpad Pradjick, um búlgaro, que pertencia a uma antiga seita de adoradores da Lua, os febéfilos, ligada ela própria a um grande movimento de renascimento dos mitos gregos. Em 1924, Arpad Pradjick veio à França e se instalou em Paris, onde formou uns círculo de discípulos. Infelizmente, alguns de seus ritos atraíram a atenção da polícia e nossa fundação teve aborrecimentos..."

E, para completar a história dos adoradores da Lua, o encantador guia de Guy Breton acrescenta: "Arpad Pradjick morreu em 1948, deixando como sucessor seu diácono, um homem muito amado pela Lua. Foi ele que, em 1954, deu ao grupo o nome de Testemunhas de Ártemis."

Tudo isso é maravilhoso, podemos ouvir o leitor dizer, mas em que consistem as atividades desse grupo?

Tudo muito simples, segundo a possibilidade de cada um: basta

que, por ocasião da Lua nova de agosto e de setembro, eles fiquem nus e esperem pelos efeitos benéficos dos raios da bela Selene...

O agradável guia de Guy Breton explica a razão dessa nudez e — sem jogo de palavras — pode-se afirmar que ele não esconde nada: "Assim como temos um plexo solar, temos um plexo lunar, cujo papel é muito importante. Ora, quando os raios da Lua tocam esse plexo — desde que se esteja em estado de receptividade — produz-se uma espécie de descarga elétrica e nossa impureza se vai, através dos pés, em direção da terra."

Estar nu sob a Lua não é apenas bom para descarregar nossa energia maléfica, mas também é bom para os cabelos (não se diz que se deve cortar os cabelos na Lua nova, para torná-los mais fortes?...), para recuperar a virilidade etc....

Ainda recentemente os adoradores de Ártemis se alojavam em Paris, na rua Mania... se o leitor simpatizar com a idéia... Boa Lua!

A LUA NAS CIÊNCIAS DIVINATÓRIAS

Para certas pessoas, a influência oculta da Lua é preponderante. O iniciado sabe interpretar os signos lunares ocultos e, a partir deles, as artes divinatórias teriam explicação.

Neste capítulo, relacionamos algumas técnicas divinatórias bastante popularizadas (astrologia, tarô), quiromancia etc.). Também julgamos útil dizer algo sobre astromedicina lunar e acupuntura. Esta última, embora possa parecer surpreendente sua colocação entre as ciências divinatórias, explica-se pelo fato de a civilização chinesa não estabelecer, como a nossa, uma dicotomia entre as diversas ciências: tudo se integra no ciclo do Tao. As linhas que lhe dedicamos completam a parte referente à astro-medicina.

A Lua e a astrologia

Como dissemos na introdução, somente os astrólogos se interessam pela Lua hoje em dia. De tal modo se interessam que descobriram uma

segunda Lua: a Lua negra. Para eles, a Lua é um dos dois luminares (o primeiro é o Sol) e sua influência — por sua proximidade — é considerada mais importante que a de certos planetas.

A Lua exerce uma influência que não se limita à nossa vida psíquica. Agindo, certamente, sobre o inconsciente, os sonhos, o sono, a memória etc., ela exerce uma influência não desprezível sobre nossa vida vegetativa, nossas emoções, nossas reações espontâneas e, assim, sobre nosso relacionamento físico e psíquico com o meio em que vivemos.

A Lua exerce, igualmente, uma influência sobre nossa saúde, enfraquecendo certos órgãos, ou, pelo contrário, tonificando certas funções. As pessoas que têm órgãos frágeis e sensíveis à ação lunar são, naturalmente, as que sentem os fluxos e refluxos do astro celeste.

Teremos ocasião de voltar, com detalhes, às diferentes influências lunares, mas parece-nos importante descrever agora o físico do homem lunariano.

■ *Físico do lunariano*

Da mesma forma que o astro no máximo de seu esplendor, a morfologia do lunariano é toda "redonda"... toda inflada. Seu rosto é redondo (ele tem, dizem, uma "cara de Lua", expressão usada na linguagem popular), seus olhos estão sempre abertos. Sua tez é clara e seus traços, pouco marcados; tem corpo pesado e os movimentos vagarosos.

Estas seriam as características do tipo lunariano; mas sabe-se que, em astrologia, um parâmetro não basta para determinar o caráter. De acordo com seu tipo zodiacal, seu ascendente, a influência das casas celestes etc., esse tipo pode se modificar bastante; no entanto, uma análise séria descobrirá sempre a influência da Lua.

O tema astrológico

Para os leitores pouco habituados com a interpretação de um horóscopo (ou mapa celeste) lembremos as principais etapas do estabelecimento de um tema astrológico:

■ *A data do nascimento* determina o *signo do zodíaco* que descreve as características gerais *estáticas* do nativo.

■ *A hora do nascimento* determina o *ascendente* que assume as características *dinâmicas* do signo.

■ *A posição do ascendente* determina a localização das *casas* que descrevem as diversas relações do nativo do signo com sua família, seus amigos, assim como sua sorte etc.

■ *O estudo do céu* permite determinar a *posição dos planetas e astros* na ocasião do nascimento. As características do nativo serão modificadas em função de suas posições e de seus aspectos.

Nesse capítulo, vamos nos interessar especialmente por essa última etapa: *o estudo do céu*. Nesse estudo (que compreende normalmente o levantamento — e depois o estudo das influências — de todos os planetas e dos dois astros), abordaremos somente a influência da Lua na astrologia.

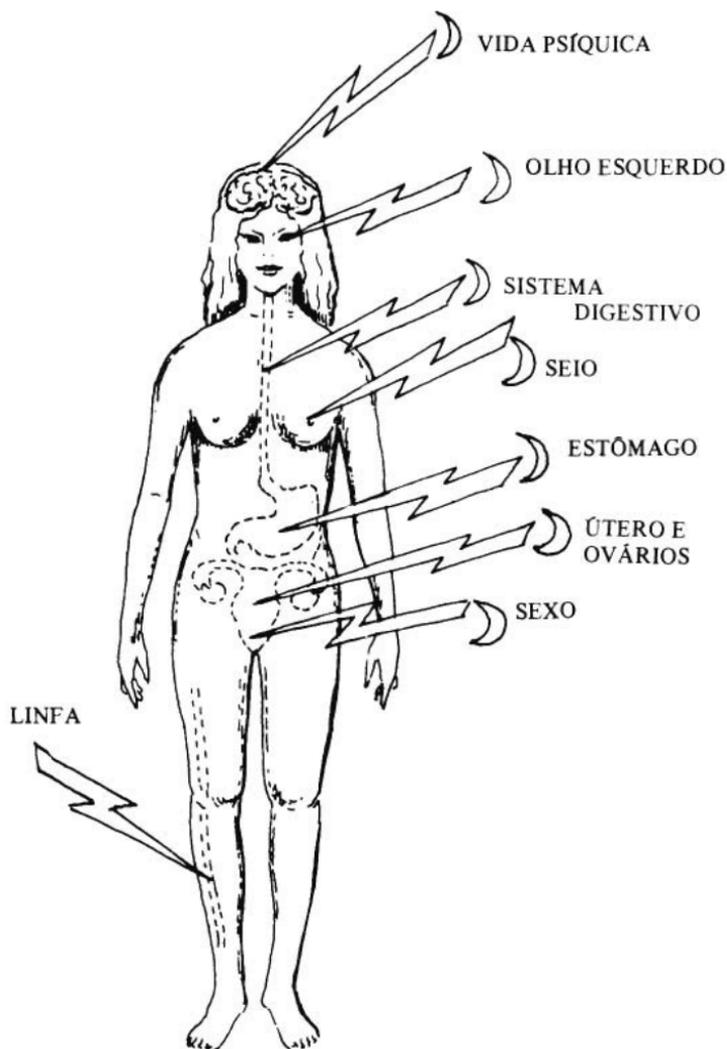
Influência da Lua sobre nosso caráter

A Lua, astro dos poetas, influencia nosso caráter no sentido do idealismo, do misticismo, do sonho e da contemplação. Já dissemos que talvez seja necessário procurar a origem dessa atitude "contemplativa" numa causa física. Freud, uma ocasião, postulou (é a teoria econômica das neuroses) que toda neurose se apóia num fator físico (ele falava também da "complacência somática") e que as diversas etapas do desenvolvimento psicogenético da criança se fundam sobre processos físicos.

O mesmo vale, sem dúvida, para a *caracterologia astrológica*: a determinação psicológica do indivíduo deve muito à sua constituição física. Falta-nos espaço aqui para desenvolver esse interessante assunto (que, acreditamos, jamais foi explorado em astrologia) mas, a partir do que já sabe, o leitor poderá levar em conta as características físicas que nós negligenciamos.

O lunariano é não só um idealista, mas também um emotivo, impressionável, versátil. Ele se compraz imaginando e, muitas vezes, tem grandes problemas para "entrar em ação". É definitivamente um excelente companheiro na vida, calmo e humilde, mas dele não se pode esperar decisões rápidas e paixões ardorosas, pois estas características se encontram mais no nativo de Sol...

No entanto, desde que tudo vá bem, como amigo, ele se revela facilmente altruísta e carinhoso. Apesar disso, seu caráter muda depressa (como as fases da Lua) e ele pode tornar-se frívolo, caprichoso e indolente.



A Lua e nossa saúde

A enumeração dos órgãos e funções sobre os quais a Lua exerce sua atividade demonstra, desde logo, sua importância no tocante às perturbações que podem se produzir na saúde de uma pessoa frágil. Os órgãos-alvo

da Lua são, também, os das perturbações psíquicas e emocionais. Isto requer uma pequena explicação.

Muitas perturbações orgânicas provém da secreção exagerada de certas substâncias químicas ou hormonais. A secreção dessas substâncias depende do cérebro, graças a um jogo sutil de mecanismos químicos e nervosos. Toda perturbação da atividade cerebral pode ser responsável pela hipersecreção de uma dessas substâncias.

O exemplo mais conhecido, e que nos servirá de ilustração, é a hipersecreção gástrica das pessoas ansiosas. Essa hipersecreção é responsável pelos espasmos gástricos e, a longo prazo, pelas úlceras gástricas. A Lua, agindo sobre o estômago e o aparelho digestivo em geral, bem como sobre a secreção dos fluidos, poderá causar numerosas doenças (hipermobilidade e diarreias, hipersecreção e gastrites, muco purulento, úlceras etc.).

Sabe-se também — e aqui, mais uma vez, o bom senso e a astrologia se encontram — que os indivíduos sonhadores e muito intelectualizados freqüentemente sofrem de úlcera no estômago.

Uma Lua em má posição num tema astral deve alertar a pessoa, que toma consciência disso (graças ao seu horóscopo), a controlar particularmente seu sistema de vida, sua alimentação e sua aptidão para exercer certas profissões. Por isso, ela deverá evitar atividades onde o stress aparece com freqüência (agente de câmbio, médico reanimador). O simples conhecimento do próprio tema astral determina, assim, não só uma conduta de vida, mas também um modo de viver, no qual a profilaxia ocupa o primeiro lugar. Há exemplo mais belo da utilidade da astrologia?

A Lua, além de exercer sua ação sobre o aparelho digestivo, influencia outros órgãos, no que se refere a doenças psicossomáticas.

■ *A astromedicina*

A influência da astrologia sobre a saúde dos indivíduos (astromedicina) é ciência muito antiga, hoje redescoberta. A astrologia médica é o estudo detalhado de todos os fatores astrológicos que intervêm na saúde do homem. Este ramo da astrologia (e da medicina!) tem uma dupla função:

- permitir ao homem conhecer melhor seus pontos fracos; e
- permitir-lhe evitar doenças, comportando-se racionalmente, ou seja, adotando uma conduta orientada por suas características astrais.

A Lua, naturalmente, desempenha um papel em todos os signos, mas influencia muito particularmente dois nativos do zodíaco: Câncer e Touro. Com efeito, ela tem seu domicílio em *Câncer* e se apresenta em

exaltação em *Touro*. Por outro lado, ela exerce igualmente uma influência menos favorável sobre os nativos de Capricórnio e Escorpião. De fato, a Lua em *Capricórnio* encontra-se exilada e em queda quando em *Escorpião*.

Para preparar um horóscopo completo, deve-se igualmente levar em conta seu lugar numa casa e a influência que esta pode exercer.

A saúde, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), consiste em equilíbrio físico e psíquico. A Lua intervém numa parte importante desse equilíbrio, uma vez que governa nossa vida psíquica e emocional. Veremos, em outro capítulo, as disfunções intelectuais e emocionais ligadas às fases da Lua.

Por enquanto, lembremos, simplesmente, que a situação da Lua no horóscopo de um nativo determina para sempre suas qualidades psíquicas (forte emotividade, reações ao *stress*, imaginação, tendência à histeria, tendências hipocondríacas etc.). Qualidades que serão, bem entendido, moduladas pelas influências recíprocas dos outros astros, como também pelas agressões da vida.

Do ponto de vista puramente físico, a Lua exerce, muito especialmente, sua ação sobre os seguintes órgãos:

- estômago;
- aparelho digestivo em geral;
- sistema simpático;
- olho esquerdo;
- sangue;
- órgãos sexuais femininos.

■ *A Lua e o nativo de Câncer*

Câncer é a "casa" da Lua: ela tem seu domicílio fixo na casa número 4 de Câncer. Todos os que nascem entre 22 de junho e 22 de julho estão sob sua dependência. Tudo que dissemos da Lua aplica-se particularmente a esses nativos. Lembremos, contudo, que apenas o signo zodiacal não é suficiente para determinar as características de uma pessoa; é preciso considerar o ascendente, a influência dos planetas etc.

Na mitologia grega, Câncer e Lua (Ártemis) são estreitamente ligados. Lembremos que Ártemis, filha de Zeus e de Leto, testemunhou os sofrimentos de sua mãe ao dar à luz seu irmão, Apoio. Por isso ela decidiu não se tomar mãe e solicitou a seu pai autorização para permanecer virgem.

Encontramos aqui descrita muito "humanamente" (como sempre acontece na mitologia), uma das características dominantes das pessoas influenciadas pela Lua. Acrescentamos, para concluir, que a dupla Apolo-Ártemis não é outra senão a dupla Sol-Lua, Yang-Yin.

A Lua exerce uma influência muito importante sobre todos os nativos de Câncer. Para dar conta disso, basta observarmos as doenças a que estão sujeitos os nativos de Câncer¹ em especial:

- problemas respiratórios;
- doenças psicossomáticas, em particular doenças do estômago;
- problemas digestivos diversos (também dores de cabeça ligadas à digestão);
- dilatação abdominal;
- obesidade;
- ansiedade e doenças psicossomáticas;
- síncope e hipotensão...

■ *A Lua e as doenças psicossomáticas*

A medicina classifica no grupo das doenças psicossomáticas aquelas em que a influência do fator psíquico é determinante. O exemplo típico do doente psicossomático é o do intelectual ansioso, preso ao *stress* da vida profissional e incapaz de descarregar sua ansiedade através da prática de esportes, relacionando-se com um ambiente "humano" e sadio. Sempre inquieto, constantemente ansioso e desgastado, ele perde o apetite, o sono e o amor. Contrariamente, substitui a alimentação pelo fumo e pelas bebidas alcoólicas. Este tipo de indivíduo — facilmente reconhecível em nosso meio — poderá apresentar diversas doenças, devidas à sua má adaptação às condições de vida. Ele pode ser afetado na maior parte de seus órgãos: na esfera genital (impotência); digestiva (a gastrite e seu cortejo de distúrbios); cardíaca (palpitações); respiratória (dispnéia etc.). O tipo de doença que apresentar será determinado por diversos fatores ou parâmetros:

- a hereditariedade (que debilita um órgão ou outro);
- o modo de vida (abuso do fumo, pratos picantes...);
- os órgãos-alvo astrais.

É este último ponto que nos interessa. Em função do órgão tomado sensível pelo signo zodiacal ou posição planetária, a sintomatologia da

1. Ver *Guide astrologique de santé* (Câncer), de G. Cyrus, Marabout service n° 604.

doença psicossomática poderá ser bastante variada. No que concerne ao tipo lunar, já vimos que os órgãos-alvo são diversos. Já descrevemos as doenças da esfera digestiva; seria interessante dizer algo sobre as doenças da esfera genital.

A Lua e o sexo

A Lua é feminina (Yin). Ela exercerá, portanto, sua ação principalmente sobre os órgãos Yin (lei dos semelhantes). A Lua exercerá sua ação sobre os órgãos genitais femininos. Entretanto, convém lembrar que não há Yin sem Yang, ou, em outras palavras, que cada um de nós possui uma dupla personalidade, física e psíquica, composta de uma mistura harmoniosa de masculino e feminino. Sendo assim, a Lua também pode exercer influência sobre a sexualidade do homem (sexualidade passiva: a necessidade de carícias etc.).

Além de exercer sua ação sobre os órgãos genitais, ou mais amplamente, sobre a sexualidade, a Lua intensifica as tendências hipocondríacas dos nascidos sob um signo que predisponha às doenças psicossomáticas. Em outras palavras, se a influência da Lua e, por outro lado, o signo zodiacal dispõem às doenças psicossomáticas (como, por exemplo, é o caso dos nativos de Virgem), é preciso ser duplamente prudente.

É essa influência conjugada da Lua e das influências astrais que explica o aparecimento, mesmo em indivíduos saudáveis, de manifestações mórbidas na esfera sexual. A maior parte dessas manifestações são, em geral, psicossomáticas, como no caso dos espasmos uterinos, do medo da gravidez, das disfunções sexuais (impotência, frigidez causada por dispareunia etc.). Às vezes, surgem perturbações mais graves que desembocam em comportamentos anti-sociais (atentados ao pudor, violações, crimes sexuais etc.).

É estranho — e paradoxalmente confortador para o astrólogo — constatar que as análises criminológicas e sociológicas dão, uma vez mais, razão à astrologia. Discutimos, em outro capítulo, essa influência lunar sobre os comportamentos anti-sociais.

A Lua e a morfologia

O leitor atento compreende agora, mais facilmente, por que o nativo de um signo influenciado pela Lua apresenta certas características físicas, que não enganam o astrólogo.

O lunariano, já o dissemos, é "redondo". Isso se explica facilmente quando lembramos que a Lua age sobre os fluidos do organismo. Agindo sobre os fluidos — a circulação do sangue e da linfa — a Lua determina, desde as primeiras horas de vida da criança, as condições particulares às quais o organismo deve se adaptar: a circulação do sangue é mais lenta, as trocas de líquidos menos freqüentes, a perda de calor toma-se mais importante e, assim, o organismo deve se proteger contra ela, para evitar um decréscimo de energia. Mas como? Diminuindo as possibilidades de troca e criando uma camada protetora: a gordura. Daí a "redondeza" do lunariano. O mesmo fenômeno se produz entre os que sofrem de hipotireoidismo: se o metabolismo basal é de baixo nível, o organismo se protege contra a perda de calor aumentando sua quantidade de gordura. Diz-se desses doentes que eles têm "facies lunar".

Essa lentidão da circulação sangüínea explica a palidez dos lunarianos: como a cobertura cutânea é mais espessa, a circulação do sangue é lenta; o rosto e os membros tornam-se pálidos como os de um anêmico.

Talvez deva-se atribuir a essa lentidão circulatória a falta de dinamismo dos lunarianos, do mesmo modo como se atribui àquela a atonia de que sofre toda pessoa anêmica.

Como se vê, é possível prolongar bastante este estudo, sem jamais se encontrar falha na astrologia. É pena que os adeptos dessa ciência aceitem certos fatos sem discussão, quando tudo (ou quase tudo) pode (sob a condição de se aceitar certos axiomas básicos) encontrar uma justificação racional e rigorosa. O sistema astrológico é um bloco homogêneo que — sendo bem compreendido — não apresenta falhas.

Para terminar, assinalemos ainda que o lunariano sofre de frio, teme a umidade, apresenta distúrbios circulatórios nos membros inferiores e sente dores no olho esquerdo. Essas dores se explicam facilmente se se conhece o mecanismo que provoca as enxaquecas (espasmos de vaso-constricção que se sucedem à vasodilatação).

Descreveremos a influência da Lua sobre os órgãos genitais femininos e sobre a maternidade em outro capítulo. Tal influência não é um problema da astrologia, mas o leitor compreenderá rapidamente que o

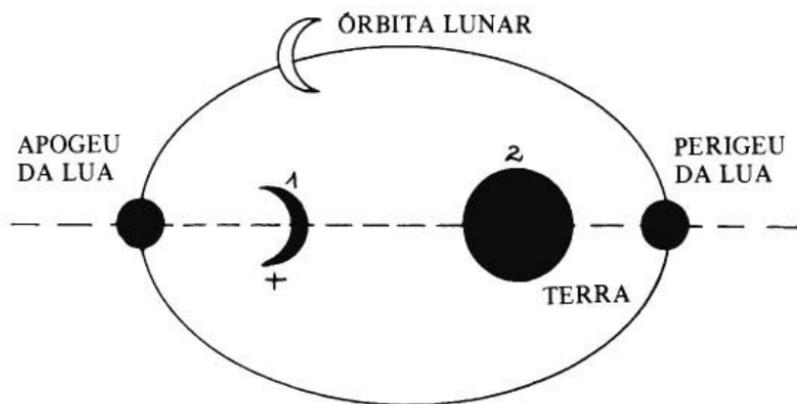
astrólogo já a conhecida antes que a medicina (ou as estatísticas) dela se ocupasse.

A Lua negra

Sabemos que a Lua descreve uma elipse no espaço, na qual um dos focos é a Terra. Os astrólogos caldeus acreditavam que a Terra tinha dois satélites, um dos quais exercia influência nefasta. Esse segundo satélite, essa segunda Lua, recebeu o nome de *Lilith* ou *Lua negra*.

Na astrologia contemporânea, essa Lua negra, Lua virtual, ocupa o segundo foco (livre) da trajetória lunar e representa as influências ocultas da Lua. Num tema astrológico, ela revela o que há de obscuro e dissimulado numa pessoa.

Assinalemos que Lilith, a outra denominação da Lua negra, foi a primeira esposa de Adão. Ela não aceitou sua condição de mulher e desejou conhecer (no sentido bíblico) Adão, colocando-se em situação de superioridade. Dessa incompreensão conjugal nasceria um conflito e Lilith abandonaria Adão, obrigando Deus a destinar a este uma nova companheira: Eva.



*Um dos focos da órbita lunar é ocupado pela Terra (2).
A Lua negra, virtual, ocupa o outro foco (1).*

No Zohar, comentário cabalístico da Bíblia, encontra-se uma interessante passagem referente a Lilith: "A Lua exerce uma influência benéfica durante os dias de seu crescente e uma influência maléfica durante seu minguante. É por isso que ela se compõe do Bem e do Mal... Lilith foi criada durante seu minguante."

Lilith, associada ao demônio, ronda os homens e traz o ódio, o desentendimento e as doenças.

Segundo o Sephar *Ha Zohar*, Lilith não pode ter filhos com os homens: ela é estéril, pois Deus, sempre segundo o Zohar, colocou-lhe o sexo no lugar do cérebro. Assim mesmo, ela descobriu um meio de criar uma progenitura: "ela cria os filhos que os homens têm com Néama. Néama é uma mulher-demônio que aparece aos homens em sonho, sorri para eles e os aquece para excitá-los. Ela se roça neles e basta o desejo dos homens para fecundá-la. Se o homem acorda e mantém relações com a esposa, o filho que nascer será de Néama, pois o desejo do homem era por esta última; apenas o ato foi realizado com a esposa legítima. Com essas relações, o homem causará uma diminuição da Lua. Lilith velará por seu filho. Ela não o matará como aos outros, mas visitá-lo-á a cada Lua nova" (ver item 17 da Bibliografia).

Do ponto de vista astrológico, a Lua negra representa uma parte do nosso inconsciente, a parte oculta e má do nosso temperamento. Os quadros a seguir mostram as efemérides da Lua negra.

Note-se que a Lua negra avança 3 graus por dia lunar e completa a volta ao zodíaco em 8 anos e 8 meses.

■ *Longitude da Lua negra*: posições dadas para 19 de janeiro (ao meio-dia)

anos	longitude	anos	longitude	anos	longitude	anos	longitude
1902	235°47'	1924	50°59'	1946	226°09'	1968	41°15'
03	276°27'	25	91°40'	47	266°48'	69	82°02'
04	317°07'	26	132°20'	48	307°27'	1970	122°42'
05	357°53'	27	172°59'	49	348°15'	71	163°21'
06	38°33'	28	213°00'	1950	28°53'	72	204°02'
07	79°13'	29	254°27'	51	69°34'	73	244°48'
08	119°51'	1930	295°05'	52	110°14'	74	285°27'
09	160°39'	31	335°41'	53	150°59'	75	326°07'
1910	201°19'	32	16°25'	54	191°40'	76	6°48'
11	241°58'	33	57°12'	55	232°21'	77	47°33'
12	282°38'	34	97°52'	56	272°58'	78	88°13'
13	323°24'	35	138°31'	57	313°46'	79	128°53'
14	4°04'	36	179°11'	58	354°24'	1980	169°34'
15	44°45'	37	219°58'	59	35°01'	81	210°19'
16	85°24'	38	260°37'	1960	75°44'	82	250°59'
17	126°14'	39	301°18'	61	116°31'	83	291°38'
18	166°50'	1940	342°01'	62	157°11'	84	332°18'
19	207°29'	41	22°38'	63	197°50'	85	13°05'
1920	248°09'	42	63°22'	64	238°32'	86	53°44'
21	288°55'	43	104°02'	65	279°17'	87	94°23'
22	329°35'	44	144°43'	66	319°56'	88	135°04'
23	10°14'	45	185°29'	67	0°36'	89	175°50'

■ *Avanço mensal*

Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
1	0°0'	1	3°27'	1	6°34'	1	10°02'	1	13°22'	1	16°49'
5	0°27'	5	3°54'	5	7°01'	5	10°28'	5	13°49'	5	17°16'
10	1°00'	10	4°27'	10	7°35'	10	11°02'	10	14°21'	10	17°49'
15	1°34'	15	5°01'	15	8°08'	15	11°35'	15	14°56'	15	18°23'
20	2°07'	20	5°34'	20	8°41'	20	12°09'	20	15°29'	20	18°56'
25	2°40'	25	6°08'	25	9°14'	25	12°41'	25	16°03'	25	19°30'
Julho		Agosto		Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro	
1	20°10'	1	23°37'	1	27°04'	1	30°25'	1	33°52'	1	37°13'
5	20°37'	5	24°04'	5	27°31'	5	30°52'	5	34°19'	5	37°39'
10	21°10'	10	24°37'	10	28°04'	10	31°25'	10	34°52'	10	38°13'
15	21°43'	15	25°11'	15	28°38'	15	31°58'	15	35°26'	15	38°46'
20	22°17'	20	25°44'	20	29°11'	20	32°32'	20	35°59'	20	39°20'
25	22°50'	25	26°17'	25	29°45'	25	33°05'	25	36°32'	25	39°53'

■ *Avanço diário*: 6'30" (aproximadamente)

Quadro das aflições lunares

Lembremos do que se disse: um planeta é aflitivo quando apresenta um mau aspecto. A Lua é aflitiva (ou mal aspectada — os dois termos são sinônimos) quando se apresenta em quadratura planetária ou em oposição.

O quadro seguinte relaciona as principais doenças a temer, quando a Lua estiver mal aspectada com relação a um planeta:

- *Lua em Carneiro*: distúrbios visuais, dores de cabeça, insônia.
- *Lua em Touro*: anginas, abscessos da garganta.
- *Lua em Gêmeos*: distúrbios respiratórios, dores reumáticas nos braços e ombros.
- *Lua em Câncer*: distúrbios digestivos, obesidade.
- *Lua em Leão*: doenças cardíacas, distúrbios visuais.
- *Lua em Virgem*: distúrbios intestinais, tensão.
- *Lua em Balança*: doenças renais, dores de cabeça.
- *Lua em Escorpião*: distúrbios sexuais e urinários.
- *Lua em Sagitário*: distúrbios metabólicos, ciática.
- *Lua em Capricórnio*: reumatismo, doenças da pele.
- *Lua em Aquário*: distúrbios circulatórios, tensão.
- *Lua em Peixes*: doenças dos pés, distúrbios circulatórios. A

Lua astrológica

- *Correspondências*
- *Casa*: quarta.
- *Cor*: cinza.
- *Metal*: prata.
- *Pedras*: opala, nácar, pérola.
- *Geomancia*: *populus*, *via*.
- *Tarô*: 11ª lâmina (Papisa).
- *Divindade*: Ártemis (latina) e Diana (grega).
- *Vida cotidiana*: ritmos e automatismos.

■ *Atributos*

A feminilidade, o negativo, a frieza, a umidade.

■ *Situação*

- Domicílio*: Câncer
- Exílio*: Capricórnio
- Exaltação*: Touro
- Queda*: Escorpião.

■ *Correspondências médicas*:

Inconsciente e subconsciente, olho esquerdo, funções digestivas, fluidos (excetuando o sangue), órgãos femininos internos.

■ *Qualidades*

Adaptabilidade, receptividade, imaginação, plasticidade, intuição.

■ *Defeitos*

Indecisão, timidez, frivolidade, suscetibilidade.

As influências astrológicas da Lua

Já vimos que a influência da Lua poderá ser muito grande. Quem queira beneficiar-se dela deve se compenetrar de seus efeitos. Papus, num pequeno quadro, bastante prático, indica a melhor influência da Lua para a prática de diversas atividades:

Se a Lua está em um signo...

Sua posição é propícia..

da Terra

à arte mágica

do Ar

ao amor

da Água

às coisas extraordinárias

do Fogo

aos grandes empreendimentos, à vitória

A Lua ascendente é favorável a todas as atividades.

A Lua descendente é desfavorável.

A Lua e a acupuntura

Numa obra dedicada à medicina chinesa através dos séculos, P. Huard e Ming Wong lembram que "a medicina chinesa esteve, em todos os

seus períodos, intimamente ligada à filosofia, à religião, mesmo à magia. à alquimia, à astrologia e à geomancia. Ela não poderá ser plenamente compreendida senão como um dos fatores da cultura chinesa e recolocada, em sua posição hierárquica, na enciclopédia da Sabedoria e da Ciência que, no Extremo Oriente, são apenas uma" (ver item 35 da Bibliografia, p. 7).

Por outro lado, para os médicos chineses, o homem é "uma antena colocada entre o céu e a Terra", perpetuamente submisso às leis do universo e, muito particularmente, à influência astral. Não é surpresa, portanto, que a Lua seja freqüentemente encontrada nas obras sobre acupuntura.

A acupuntura baseia-se, antes de mais nada, no conhecimento do ritmo de circulação da energia. Sendo a Lua o principal regulador rítmico (ao contrário do Sol, a cada dia ela muda de forma, oculta as estrelas, modifica o tempo etc., sua presença e suas modificações não podem passar despercebidas), ela, muito cedo, serviu de calendário, não só religioso e civil, mas também médico (periodicidade de epidemias, de doenças, de ciclos hormonais etc.).

O *Nei Tsing Sou Wenn*, primeiro livro médico do mundo (com milhares de anos de existência) é composto de uma série de diálogos entre o legendário Imperador Huang Ti e o médico Khi Pa.

A questão fundamental, formulada pelo Imperador:

"— Quais são as leis que regem a acupuntura?"

Responde o médico Khi Pa:

"— Deve-se seguir a lei do Céu e da Terra. Quando se pratica a acupuntura, deve-se observar o Sol, a Lua, as estrelas, as quatro estações e todas as energias da natureza. Deve-se fazer acupuntura quando a energia da natureza está em equilíbrio. Quando o tempo é bom e quente, o sangue do homem circula rapidamente: a energia é superficial. Quando está escuro e faz frio, o sangue circula menos rapidamente: a energia é profunda.

Quando a Lua cresce, o sangue e a energia aumentam de intensidade. Quando a Lua está cheia, o sangue e a energia estão em plena atividade. Quando ela decresce, o mesmo acontece com o sangue e a energia, que perdem intensidade. É preciso regularizar o sangue e a energia de acordo com a evolução da energia na natureza. Não se deve fazer acupuntura quando está muito frio. Não se deve dispersar na Lua nova, tonificar quando ela é cheia, nem fazer acupuntura quando ela decresce.

O grande trabalhador sabe observar todos esses fenômenos da natureza: ele sabe ver o invisível...

O trabalhador medíocre só sabe tratar quando diante da doença..."

Continuando a interrogar o médico, diz o Imperador:

"— Quando se deve tonificar e dispersar?"

Khi Pa responde:

"— Deve-se dispersar quando a energia está em sua plenitude, isto é, quando a Lua começa a crescer..." (ver item 9 da Bibliografia, pp. 108 ss.).

Essa pequena passagem do *Nei Tsing Sou Wenn* ilustra perfeitamente a importância que os médicos chineses atribuem à influência dos astros e à da Lua em particular. As dimensões deste livro não nos permitem estudar mais sua influência na medicina chinesa.² Notemos, todavia, de passagem, que a mesma obra "bíblia" dos chineses, afirma que o "Céu e o Sol representam o Yang, a Terra e a Lua o Yin" (ver item 9 da Bibliografia, p. 459). Essa concepção da dupla Terra-Lua, já de milênios, confirma não só as formulações mais modernas da astronomia, como também as afirmações da astrologia.

A Lua na astrologia chinesa

A astrologia chinesa, ou mais exatamente sino-vietnamita, não se baseia, como a nossa, num calendário solar. Ela utiliza, como fazemos para as festas religiosas, e como é também tradicional na religião judaica, um calendário lunar. Esse calendário é deveras complexo, pois não compreende o mesmo número de meses num ano, nem também o mesmo número de dias num mês. Além disso, não começa na mesma data a cada ano: tão versátil quanto a Lua, foi contudo bem codificado pelos povos asiáticos.

A astrologia, parte integrante da civilização e da medicina chinesas, integra-se perfeitamente no Tao.³ Cada período de duas horas, como cada ano, caracteriza-se por um animal emblemático. Os doze animais emblemáticos são, pela ordem:

2. Para um aprofundamento na acupuntura, ler na mesma coleção, *Le guide pratique de l'acupuncture à l'acupressing*, do Dr. G. Grigorieff, Marabout service n° 422, 1981, pp. 247 ss.

3. Ver "Les cinq éléments en astrologie chinoise", do Dr. Nguyen Phuonc Dai, in *Revue française l'acupuncture*, n° 4, outubro de 1975, pp. 27-44; *Votre horoscope chinois*, Marabout Flash, n° 435.

Rato — Boi (ou Búfalo) — Tigre — Lebre (ou Gato) — Dragão — Serpente — Cavalos — Carneiro — Macaco — Galo (ou Galinha) — Cão — Porco.

Cada animal está relacionado com uma hora, um mês ou um ano.

Para caracterizar um horóscopo chinês (etapa extremamente importante para os povos da Ásia), é necessário precisar o animal emblemático da hora, do mês e do ano. A isso, junta-se, como entre nós, o estudo do mapa celeste e a influência própria e recíproca dos planetas.

Assim, por exemplo, uma criança nasce no ano do Cão, no mês do Dragão, na hora do Carneiro.

Esses três parâmetros são determinados pelos dois astros: o Sol e a Lua. Ao contrário do que acontece em nossa astrologia, é a Lua (que determina o ano e também o mês, pois o ano começa numa data variável) que é, aqui, determinante.

O Dr. Nguyen Phuonc Hai (no artigo citado) dá-nos um exemplo do tema astral; são dele alguns elementos que usaremos para ilustrar a importância da Lua e o modo de raciocínio: "Uma pessoa nascida em 1949 tem o ano lunar de Búfalo (Boi), ano Yin (feminino) pertencente ao elemento Fogo... seu mês de nascimento é, por exemplo, o oitavo mês lunar (Galinha)... esse mês pertence ao elemento Metal. Se essa pessoa é do sexo masculino, já se pode ter uma idéia sobre a sua longevidade: trata-se de um homem nascido em ano e mês femininos; há uma discordância, pois é necessário nascer e viver em harmonia com a natureza, essa discordância diminuirá seu tempo de vida; resta saber de quanto e de que maneira." Não reproduzimos as explicações que se seguem a esses conceitos porque supõem noções que nos afastariam do nosso assunto (ciclo gerador em acupuntura, energias etc.).

De qualquer modo, seria interessante notar que, partindo de outros axiomas (principalmente lunares), os chineses conseguem determinar com extrema precisão as características físicas, psíquicas, mentais etc., de um indivíduo, em função de seu tema astral.

Em matemática, partindo-se de diferentes axiomas, é possível chegar a uma solução idêntica. Em astrologia, é verossímil que, através de caminhos diferentes, chegue-se a uma idêntica descoberta: o homem é um microcosmo dentro do macrocosmo.

A Lua no tarô

O tarô constitui um dos ramos da adivinhação através das cartas (ou cartomancia). Entretanto, distingue-se dela por não apelar somente para o acaso, mas basear-se, igualmente (e talvez sobretudo...), num conhecimento profundo do simbolismo e dos fenômenos psíquicos. O tarô, ligado à astrologia, mergulha também nas raízes do inconsciente coletivo humano, denominadas arquétipos por Jung. Estes, que surgem na mitologia, nas lendas, nas religiões, no simbolismo e nos sonhos, desempenham um papel primordial no tarô. Este último, por sua vez, sofreu numerosas modificações durante o curso dos séculos, modificações das quais não falaremos aqui. Também não falaremos a respeito das diversas maneiras de tirar as cartas ou de interpretá-las.

O tarô inicial, chamado ainda *simbólico ou tarô dos imagistas da Idade Média* (atualmente *tarô de Marselha*) é composto de 78 cartas ou lâminas, ou ainda arcanos. Distinguem-se nele 22 arcanos maiores e 56 menores. A 18ª lâmina dos arcanos maiores é a Lua.

Essa lâmina, extremamente rica em símbolos, contém os seguintes elementos:

- o disco lunar;
- deste partem longos raios amarelos e curtos raios vermelhos;
- o disco é rodeado por 19 manchas de cor, em forma de lágrimas;
- no disco lunar está representado um crescente, cuja concavidade contém um rosto de mulher;
- sobre o disco: duas torres, dois cães que parecem uivar (para a Lua), um caranguejo.

O simbolismo desta carta não passará despercebido a nenhum leitor. Lembremos apenas que a Lua é Diana Hécate (porta do céu e porta do inferno) representada pelas torres; que a leitura das manchas lunares sempre fascinou o homem, que nelas viam seres humanos e animais; que o caranguejo (ou câncer) é um animal lunar — em astrologia, aprendemos que a Lua tem seu domicílio em Câncer —, cuja marcha curiosa lembra a Lua e cuja fecundidade é legendária; que o cão é amigo da Lua: os dois uivadores da Canícula, o Grande Cão e o Pequeno Cão da esfera celeste, "uivam para impedir que a Lua transponha o limite dos trópicos, porque esse astro fantasista afasta-se constantemente da linha da eclíptica traçada pela imutável marcha do Sol. Os Cães transformam-se nos Cérberos,

encarregados da defesa das regiões proibidas, onde a imaginação se transvia" (ver item 60 da Bibliografia, p. 230).



O disco lunar tem a cor prateada e a imagem feminina que nele se destaca é embaçada. inchada.

Sabemos que a Lua é Yin, símbolo da fecundidade, mãe universal. A explicação para o rosto deformado já foi mencionada no capítulo sobre astrologia médica.

As cores dos raios atribuem à Lua grande poder no domínio material (raios amarelos), mas pequeno poder de raciocínio (raios vermelhos).

A compreensão do simbolismo das lágrimas requer um retorno às lâminas precedentes do tarô e envolve a idéia de que a Lua se nutre da energia dos homens: sendo perigoso — como afirma a tradição popular — dormir exposto aos seus raios.

Notemos que uma teoria "espiritualista" moderna afirma que a Lua se nutre dos acidentados nas estradas. Esse símbolo da Lua devoradora de gente ainda sobrevive !

No jogo do tarô, a interpretação divinatória desse arcano maior só é possível em associação com outras lâminas. Demonstramos aqui, simplesmente, que essa interpretação repousa sobre o inconsciente coletivo — geralmente alimentado pela Lua — e que não se trata de pura invenção. destituída de qualquer valor.

A Lua na quiromancia

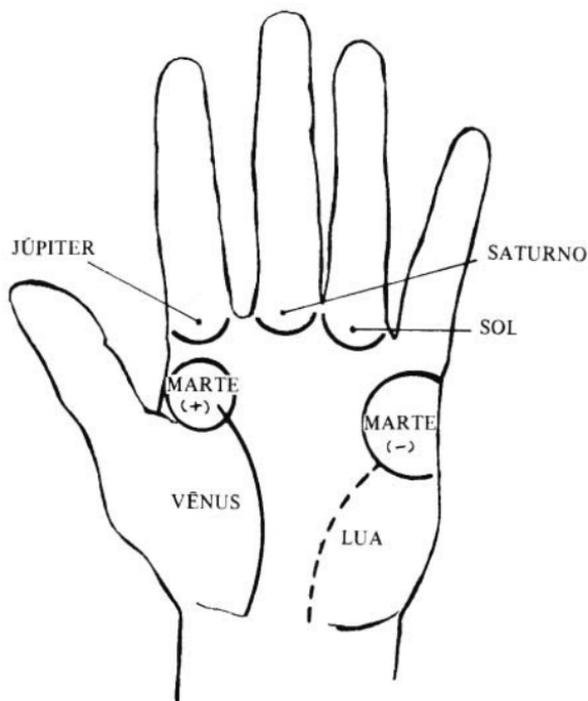
A quiromancia é o estudo do homem e do seu destino, através da leitura e interpretação das linhas da sua mão. Esta proporciona um verdadeiro mapa de sua vida. A quirologia possui laços estreitos com todas as outras ciências. Historicamente, teceu relações privilegiadas com a astrologia, primeira tentativa de sintetizar os conhecimentos desconexos — referentes ao homem e ao cosmo — numa ciência. Não é de admirar que se descubra, na quirologia, a influência dos astros, cada dedo sendo influenciado por um planeta. Neste capítulo, forçosamente sumário, só analisaremos a influência da Lua e os meios de diagnosticá-la pelo estudo da mão.

Como os dedos, as diferentes partes carnudas (ou fofas) da mão recebem um nome indicador do astro que as influencia. Essas partes recebem, em quiromancia, o nome de montes. Os principais estão representados na figura ao lado.

Note-se o *Monte da Lua* situado na face ântero-interna ⁴ ou cubital da mão, perto do punho (em anatomia, essa massa carnuda chama-se

4. Em anatomia, por convenção internacional, as partes do corpo são designadas tomando-se por modelo o homem de pé, palmas das mãos abertas, polegares para fora.

eminência hipotenar). Esse monte está associado ao misticismo, à vida psíquica, ao imaginário e às viagens.



Qualquer análise da mão necessita de uma comparação séria e minuciosa dos principais montes que a constituem. A importância de um ou de diversos montes determina as características do indivíduo. Assim, quando o Monte da Lua predomina e sua consistência é firme, temos o tipo lunariano puro.

As características do lunariano puro, na quiromancia, são idênticas às descritas pelos astrólogos, como aparecem no capítulo sobre astrologia. Para ilustrar isso, reproduzimos algumas linhas de uma obra sobre quiromancia dedicada ao tipo lunariano: "O lunariano se distingue por sua estatura elevada. Geralmente volumoso, tem ventre saliente, pernas grossas e pés grandes. Robusto, porém não musculoso nem firme. Sua cabeça é

redonda, relativamente pequena, bem formada. A testa é baixa, os cabelos finos e claros..." (ver item 3 da Bibliografia, p. 96).

É interessante verificar quê todo o texto dedicado ao caráter e à saúde do lunariano corresponde rigorosamente ao que aprendemos em astrologia.

O tipo lunariano é raramente puro; por isso é necessário comparar o aspecto do Monte da Lua com os outros relevos. Mir Bashir nos ensina que se o Monte da Lua é normal, "bem desenvolvido, revela uma imaginação fértil, a pureza e a poesia do espírito. O indivíduo inclina-se à solidão e ao misticismo, embora seja inquieto e goste de viajar. Introspectivo e silencioso, ama o lazer, tende à resignação e ao sonho". No entanto, se o Monte da Lua é exagerado, o caráter é "caprichoso e irritável. O indivíduo é melancólico, descontente, e sua imaginação é desenfreada". Enfim, um Monte da Lua pouco desenvolvido ou ausente "denota frieza, falta de imaginação e de idéias. A alma é pobre, o intelecto ocioso. O indivíduo, incapaz de apreciar a bondade e o sentimento, leva uma vida vegetativa".

Uma análise completa desse monte deve levar em consideração sua posição (ele está deslocado? na direção de qual monte?), sua consistência, a presença de certas linhas e sinais (triângulo, quadrado, grade etc.), a pilosidade, o calor etc. Esse estudo ultrapassa os limites deste livro.

Para terminar, lembramos que a presença de um quadrado sobre o Monte da Lua é excelente sinal de sorte... Esperamos que muitos o descubram!

A LUA E OS VEGETAIS

De algum tempo para cá, os cientistas (baseados em provas) reconhecem nas plantas certas qualidades e gostos (as plantas são sensíveis à música, emitem radiações etc.), coisas que anteriormente só se atribuíam ao homem e aos animais evoluídos.

Por que as plantas, como o homem e os animais, são sensíveis aos efeitos da Lua? Nada se opõe a essa hipótese, que não é recente, pois até Aristóteles escreveu belas páginas sobre a influência da Lua no crescimento dos vegetais.

A percepção intuitiva dessa simbiose entre a Lua e os vegetais chegou até nós através de numerosos ditados populares. A maior parte deles refere-se à Lua ruiva, à meteorologia e às fases lunares. Tendo já, separadamente, examinado a meteorologia, aqui nos interessaremos apenas pelos aspectos da Lua (fases e cores).

Provérbios da sementeira

Estes provérbios consistem em bons conselhos dirigidos aos que plantam. Assinalemos que, em linguagem popular, chama-se *Lua tenra* à primeira parte da revolução sinódica e *Lua dura* à segunda parte. A fase que prepara o crescente (isto é, o período decrescente) é denominada *Lua preguiçosa*.

- ❑ *Não semeie durante o crescente, ele ceifará antes de você. O Para uma boa colheita/ Semear na Lua cheia.*
- ❑ *Todo grão semeado na Lua nova perde-se pela metade.*
- ❑ *Quem semeia em Lua tenra/ Nada de bom espere.*
- ❑ *Semeie o grão no minguante/ Ele sempre germinará.*
- ❑ *Plantas que dão grão, semeiam-se no crescente/ As que dão raízes, no minguante.*
- ❑ *Quando a Lua decresce/ Nada semeie.*
- ❑ *Semear sempre enquanto a Lua cresce/ Cortar ou colher enquanto ela decresce.*

Mas nem todos os agricultores crêem na influência da Lua... O ditado seguinte (que tem o mérito de apelar também para a simbologia lunar) é de Olivier de Serres, célebre agrônomo do século XVIII:

- ❑ *O homem demasiado crente na Lua, de frutos não encherá sua cesta.*

■ *E a verdade?*

É muito difícil concluir sobre a verdade desses provérbios. Ninguém até o presente pôde confirmar ou invalidar, com argumentos convincentes, as teses dos lunistas. Entretanto, podemos tentar explicar de que modo esses ditados surgiram na tradição popular e quais são seus fundamentos "científicos".

Semeadura

A regra básica é muito simples (é a regra de semelhanças que encontramos quase sempre: na astrologia, na medicina) mesmo duvidando-se de sua eficácia !

1. *Tudo o que brota sobre a terra deve ser semeado na Lua crescente (até a Lua cheia).*
2. *Tudo o que brota sob a terra deve ser semeado na Lua minguante (do dia seguinte ao da Lua cheia até a véspera da Lua nova).*

Assim, o agricultor "avisado" sabe quando deverá semear para obter o maior proveito da influência lunar.

■ *Na Lua crescente* (para obter um rápido aumento de grãos, após um rápido crescimento) semear ou plantar:

- cereais
- leguminosas
- verduras
- árvores

■ *Na Lua minguante* (para evitar a germinação e o crescimento de grãos) semear ou plantar:

- alface
- beterraba
- cenoura
- cebola
- rabanete
- batata
- repolho etc.

■ *Na Lua cheia* (para obter bom rendimento) semear ou plantar:

- hortaliças
- ervas (grande produção de grãos)
- endívia (escarola)

A colheita

Não se devem colher legumes e frutas em qualquer fase lunar: cada planta possui seu próprio ciclo.

- Em geral, a colheita se faz na Lua minguante quando se quer evitar que as plantas brotem (como no caso das batatas).
- Os cereais devem ser colhidos no último quarto, para se evitar que rachem.

Pastagens

A cronobiologia nos ensina que as células têm seu próprio período de receptividade. Ignora-se ainda o que determina a receptividade de uma

célula aos agentes químicos, físicos e cósmicos, mas pensa-se que a Lua desempenha um papel nesse processo. No que se refere à pastagem, aconselha-se formá-la no período de maior receptividade, ou seja, no *Primeiro quarto da Lua*.

Limpeza do terreno

Para desembaraçar a terra de ervas daninhas, executar o trabalho na Lua crescente.

Corte de madeira

No que se refere à influência da Lua neste assunto, Papus, a quem já citamos, conta-nos que "um rico industrial, *bon vivant* e cético quanto a preconceitos, explorava a madeira de um bosque no Jura. Ao perceber que seus vizinhos não cortavam árvores no período da minguante (da Lua cheia à Lua nova), ele riu muito dessa superstição e aproveitou-se da mão-de-obra disponível para explorar largamente o seu trabalho. Dois anos mais tarde, nosso industrial tomou-se mais supersticioso que os outros; pois toda a madeira cortada naquele período de luação não tardou a apodrecer... ninguém sabe porque, ele nos disse, pois é dele que temos a história".

Resumindo

Se as regras acima enumeradas parecem difíceis de memorizar, retenhamos simplesmente estas duas regras básicas:

- 1) tudo o que signifique intervenção (formação de pastagem, corte de madeira, desfolhamento etc.) deve ser realizado na Lua crescente;
- 2) tudo que represente mutilação (colheita, corte de galhos ou folhas) deve ser realizado na Lua minguante, para limitar a perda de seiva (atenção: certas Luas minguantes são bastante "perigosas" e, nelas, deve-se evitar o corte de plantas).

Notemos, ainda, que certos vegetais são mais "sensíveis" à Lua que outros (exatamente como os seres humanos...). Entre as plantas de maior sensibilidade à Lua, destacam-se as *trepadeiras* (campainha, madressilva, glicínia...).

As virtudes curativas da Lua

Os vegetais utilizam — sabe-se desde há muito — a luz da Lua para crescer. Aristóteles, em sua *História natural*, já escrevera que sua falta "priva a planta de mil benefícios". Entendamos por isso que a planta fica privada de um verdadeiro banho de juventude.

Robert Frederick, que publicou duas obras a respeito de plantas, e que as conhece muito bem, diz que a Lua tem "uma ação terapêutica sobre os vegetais. As radiações luminosas, sobretudo na gama do azul e do violeta (as outras franjas do espectro são absorvidas pela atmosfera) são suaves e estimulam as células vivas. Esta ação é mais sensível no mundo vegetal, uma vez que as estruturas são menores e permitem uma ação mais profunda, o que não acontece com os homens e animais superiores" (ver item 24 da Bibliografia, p. 166).

Essa massagem pela vibração magnética e luminosa da Lua tem efeito curativo sobre pequenos traumatismos. Desta constatação aprendemos que se deve podar as plantas antes da Lua cheia: elas cicatrizarão mais depressa.

O ritmo lunar

Descrevemos, em outra parte deste volume, a influência do ritmo lunar sobre o homem e os animais. Essa influência também se manifesta sobre os vegetais. Algumas vezes, nos admiramos ao constatar que, numa mesma região, em lugares a algumas horas de distância, todas as plantas (e árvores) da mesma espécie florescem; isso acontece, mesmo que existam microclimas locais. O ordenador supremo não é unicamente o Sol; a Lua também intervém. O professor japonês N. Yarishi estudou longamente a influência da Lua sobre os vegetais, em particular sobre o bambu. Constatou que sua floração é das mais caprichosas, segundo as espécies e variedades (algumas florescem regularmente, outras uma só vez na vida; umas florescem no inverno, outras no verão etc.). Mas "o que é notável e desconcertante é que, onde quer que se encontrem pelo mundo, em seu meio natural ou aclimatados em outros, ... todos os bambus da mesma variedade florescem ao mesmo tempo, dentro do espaço de uma hora! Essa defasagem corresponde exatamente ao tempo necessário para que uma influência

de maré repercute no conjunto dos dois hemisférios" (ver item 24 da Bibliografia, pp. 167-68).

A correspondência entre a Lua e as plantas

Embora tenha ação sobre todas as plantas, a Lua tem suas predileções. Assim, já vimos que *a campainha* é muito sensível à luz da Lua. Essa mesma sensibilidade apresentam todas as trepadeiras (a glicínia, a madres-silva, a clematita etc.).

Também a encontramos nas plantas da grande *família das palmeiras*, das quais se dizia que cada ramo corresponde a uma hora da Lua. Citemos, ainda, por sua sensibilidade particular, as *plantas aquáticas*, especialmente o *nenúfar* (*Nymphaea alba*/ e o bifo d'água).

Se alguém tiver em casa plantas sensíveis à luz da Lua, é preciso não esquecer de lhes dar, o mais freqüentemente possível, um banho de Lua...

Nas obras de magia, tais plantas são denominadas lunares, e sua utilização é recomendada na prática de certos ritos ou de certas operações mágicas.

Treze Luas por ano

Como cada luação dura menos de um mês, há aproximadamente treze ciclos lunares por ano. Cada um desses ciclos influenciará os vegetais de maneira particular, em conjugação com os efeitos do Sol, da luz e das condições meteorológicas. Analisaremos brevemente as diversas luações.

Primeira luação

Ela começa na Lua nova da primavera, ou seja, *entre o começo e o fim do mês de março*.

Responsável, entre outras, pela data da Páscoa, essa Lua tem um papel dos mais importantes com relação às plantas da primavera.

Acelerando o ritmo da natureza, impelindo a seiva, desenvolvendo os brotos, essa Lua nova provoca a eclosão das primeiras folhas e, às vezes, até das primeiras flores. Essa influência é bem visível na forsítia que passa, em alguns dias, da nudez hiberna à exuberância primaveril. No espaço de algumas dezenas de horas, ela se cobre de múltiplas flores amarelas, sendo um dos primeiros sinais visíveis da chegada da primavera.

Geralmente, o primeiro arbusto a florescer, a forsítia não é, na verdade, a única a se beneficiar da influência lunar.

Depois desse arbusto, os primeiros vegetais a florir são as *roseiras*, as *ameixeiras*, as *árvores frutíferas* (aveleiras, macieiras etc.) e as *plantas vivazes*.

Durante essa luação, assiste-se igualmente à floração maciça de *crocus*, *freesias*, *primaveras*, *narcisos* etc.

Essa primeira luação que inicia a primavera e desencadeia o mecanismo da subida da seiva é, às vezes, responsável por terríveis desgastes nos jardins; é, com efeito, a época que precede a Lua ruiva. A esta dedicaremos um capítulo à parte.

Segunda luação

Esta é, ainda, uma luação da primavera. Em função da data da primeira luação, ela se estende por todo o *mês de abril, abrangendo março e às vezes maio*. Aqui, a Lua ruiva poderá fazer seus estragos... Essa luação merece uma atenção especial, pois é extremamente importante para os vegetais: a seiva sobe, as raízes se fortificam, os grãos se formam, as flores desabroçam. Essa luação concerne especialmente aos vegetais a seguir:

- flores*: rododendro, camélia, magnólia.
- frutas*: cerejas, framboesas.
- cereais*: todos.

Este é o período da "terra amorosa". Quase tudo o que o jardineiro cuidar dará frutos. É o momento de limpar a terra das ervas daninhas, de cortar (sebes, buxos, aucubas, loureiros), de pinçar, amarrar, semear etc.

Deve-se dar atenção especial às *plantas de apartamento*, cujas folhas devem ser limpas e cuja terra deve ser fertilizada.

Começar-se-á a desconfiar da Lua minguante.

Concluindo, lembremos, então, de que esta segunda luação é

propícia a todos os trabalhos, mas é preciso suspeitar da Lua ruiva e das Luas minguantes.

Terceira luação

Esta luação, que se estende por *abril e maio*, é também de grande importância, por diversas razões que dizem respeito à Lua crescente (bastante favorável) e à Lua minguante (desfavorável).

■ Com efeito, *a Lua crescente* é benéfica para todos os vegetais. Dela dependem o celeiro e a adega. É durante esse período que desabrocha a maioria das flores, que os frutos amadurecem e os grãos crescem. Esta Lua é, da mesma forma, extremamente favorável a todas as flores: é o momento ideal para plantar as flores de verão. A Lua ruiva está bem distante, a terra é amorosa, o clima, sereno, e a lua, favorável, provoca um rápido enraizamento de todas as plantas e uma rápida germinação dos grãos. Os dias que precedem a terceira Lua cheia são particularmente benéficos aos trabalhos de jardinagem. Preste bem atenção a esse período.

■ *A Lua minguante* é tão desfavorável quanto a Lua crescente é favorável. Não se deve ferir um vegetal durante esse período: toda operação (mesmo benigna) será, então, rigorosamente proscrita e isso até as imediações da Lua nova (Quarta luação). Conquanto não se deva regar e arrancar ervas daninhas, poder-se-ia aconselhar o jardineiro a deixar (provisoriamente) seu jardim aos cuidados da senhora Natureza... Igualmente, deve-se cuidar atentamente das plantas ornamentais.

Quarta luação

Esta luação, que se estende por maio e junho, é igualmente importante para o jardineiro.

Após os dias de repouso na Lua minguante precedente, ele poderá se lançar ao trabalho transplantando, limpando as plantas do jardim ou do apartamento. É o momento de se decidir por uma nova disposição dos canteiros no jardim. As plantas não sofrerão com o deslocamento. Essa luação coincide com o solstício de junho (que marca o início do verão

no Hemisfério Norte) e, nela, a atração lunar é mais forte (conjugando-se à atração solar). É o período em que, por efeito das duas forças conjugadas, a planta se desenvolve: os troncos se fortalecem, os ramos se multiplicam etc. A circulação da seiva atinge o ápice; sob o efeito da atração lunar, a pressão da seiva (como a força das marés) atinge o paroxismo: a seiva escorre de certas árvores e toma-se mais fácil recolher a resina das coníferas.

Essa luação é extremamente favorável aos seguintes vegetais: *resinosos*, *leguminosos* (maturação da ervilha, feijão, fava etc.), *oleaginosos*, às *flores* (dormideira, rosas, campânulas etc.).

Entre estas, a *campainha lunática* (*Convolvulus sepium*) que, não obstante sua grande sensibilidade aos fatores externos, permanece aberta aos raios lunares. Talvez a luz do luar atue, como pensam alguns especialistas, sobre o ciclo sexual da planta. O mistério continua, todavia.

No que se refere à Lua minguante (Lua cheia no Último quarto), ela é relativamente indiferente. Ao jardineiro tudo se permite, graças à resistência das plantas.

Quinta luação

É uma luação de transição. Estende-se, habitualmente, pelo mês de *julho*, invadindo, às vezes, *junho e agosto*.

A seiva encontra-se num nível relativamente estável e os vegetais, desde então, não recebem grande coisa. Os melhores dias para todos os trabalhos são os que se situam em torno da Lua cheia.

Já falamos do poder cicatrizante da luz da Lua; parece-nos até que ela tem um poder anticéptico. Por esta razão, os bulbos das plantas primaveris (*tulipas*, *narcisos*...) são submetidos a um verdadeiro banho de Lua.

No que concerne às flores usadas para buquês, aconselha-se nunca cortar as hastes durante o dia, mas sempre no fim deste. A flor viverá mais tempo e a cicatrização será mais rápida.

No jardim, como no interior das casas, todos os trabalhos de jardinagem serão permitidos.

Sexta luação

Essa luação concerne especialmente ao mês de *agosto*. A subida da seiva cessou e as forças da planta serão utilizadas para esperar o inverno.

Os vegetais estocam provisões, em vista de dias piores. Os banhos de Lua são favoráveis a todos os vegetais: os raios lunares "frios" vão retardar a subida da seiva, cicatrizar as feridas, aceptizar a terra e os órgãos aéreos das plantas.

Proceder-se-á, durante essa luação, a todos os trabalhos que preparam para o inverno. A atividade do vegetal está como que estacionária, e isto favorece as "operações estéticas". É o momento de enxertar, de mudar de vaso, de pulverizar contra parasitas etc. Dever-se-ia pensar também em reintroduzir nas casas certas plantas ornamentais. Os bulbos serão submetidos ainda a banhos de Lua. Como a Quinta luação, esta é uma luação de transição: luação de mudança, que exige grande atenção à saúde das plantas. Estas, por motivo das mudanças que começam a se operar em seu metabolismo, tomam-se mais sensíveis.

Sétima luação

Esta luação estende-se, em sua maior parte, sobre o mês de *setembro*. É a luação do *equinócio de outono*. Particularmente violenta, apresenta muitos excessos. A natureza exhibe — em apoteose — suas últimas forças. Os vegetais, sobretudo no momento em que a Lua se eleva no horizonte, exalam forte odor: a seiva ferve em seus últimos impulsos. Não é momento de se fazerem incisões ou qualquer gênero de corte nos vegetais: eles não poderão se tratar ou regenerar-se antes do inverno.

Durante esse período, é preciso dispensar grande atenção ao cuidar dos vegetais e ao meio em que vivem. Todos os trabalhos devem ser efetuados com calma e com uma precisão de costureira, evitando-se incisões.

Certos tipos de flor desabrocham principalmente nesse período como, por exemplo, os *gladiolos*, as *dálias*, os *crisântemos*. Na Lua crescente, podem-se colher todas essas flores.

Durante a Lua minguante, deve-se evitar até mesmo tocar nas plantas e flores; essa é a Lua mais nefasta do ano.

A Sétima luação presta-se, sobretudo, ao trabalho da terra: lavar, repor o adubo etc. É preciso se abster de perturbar o instável equilíbrio biológico das plantas e, à exceção das plantas de floração tardia, evitar-se-á tudo o que possa traumatizar a planta.

Oitava luação

Esta luação corresponde essencialmente ao mês de *outubro*. É um período de repouso para os vegetais.

Devem-se aproveitar os raios lunares por seu poder vitalizante, cicatrizante e anticéptico. A vegetação repousa; cá e lá, assiste-se, todavia, a um ligeiro pico da subida da seiva, felizmente fugaz! É a ocasião própria para se colher os *frutos de inverno*, bem como para arrancar as *batatas* e as *beterrabas*. Serão colhidas as últimas flores, os vegetais que se deseja conservar secos durante o inverno (erva-dos-pampas, lisimáquia).

Faz-se a limpeza das árvores, e a preparação do leito para o sono hibernal (higiene da terra) será apreciada por todos os vegetais.

Durante a Lua minguante, dá-se o último corte nas árvores ornamentais e nas sebes. Os campos e jardins serão trabalhados e fumigados, para que os raios lunares penetrem o solo, agindo sobre os órgãos subterrâneos (hastes e raízes), fortalecendo-os e aceptizando-os.

Este período é favorável também à derrubada de árvores.

Nona luação

É a luação de *novembro*. Toda a natureza repousa. A seiva não circula e, portanto, as plantas são menos sensíveis às diferenças entre a Lua crescente e a minguante.

Este período é de repouso para a natureza, mas não para o jardineiro, que deverá arrancar, transplantar, limpar etc., sem ter de se preocupar com a fase lunar.

Décima luação

Esta luação estende-se, na maior parte, durante o mês de *dezembro*. Ela corresponde ao *solstício de inverno* e, por isso, a atração e o magnetismo lunar são muito importantes. Contudo, aqui também não há nítida

diferença entre a Lua crescente e a minguante. Aconselha-se, contudo, a plantar durante a Lua crescente diversos *bulbos* (aceptizados por banhos de Lua...), bem como árvores transplantadas.

Décima primeira luação

É a Lua de *janeiro*. Lua de repouso total. O jardineiro fica em casa e não se interessa pelos efeitos da Lua; esta, porém, continua a agir obstinadamente sobre o ciclo da vida vegetal.

Décima segunda luação

É a luação de *fevereiro* (que se estende do fim de janeiro ao começo de fevereiro).

A diferença entre as fases crescente e minguante da Lua retoma sua importância. A subida da seiva nas *campainhas brancas*, no *açafrão*, no *ciclame* se exterioriza por uma floração invernal. O jardineiro assiste à germinação dos brotos: a natureza desperta aos poucos.

As plantas ainda são muito frágeis e não suportam qualquer intervenção durante a Lua minguante. Há uma regra a observar: nunca tratar das plantas com temperatura inferior a zero grau centígrado, sobretudo durante a Lua minguante.

Décima terceira luação

Esta luação não acontece todos os anos e é tratada com o mesmo humor, respeito e simpatia reservados ao dia 29 de fevereiro.

A seiva está em ascensão e a diferença entre as fases crescente e minguante é fundamental.

O bom jardineiro se precaverá contra as geadas e não contará com a Lua para corrigir seus equívocos.

Conclusão

Poder-se-ia escrever um alentado volume consagrado à influência da Lua sobre os vegetais. Este volume deveria considerar a sua influência

sobre cada um deles em particular... como existem milhares, impõe-se uma escolha. Para quem desejar aprofundar as noções esboçadas neste curto capítulo, recomenda-se o livro de Robert Frederick, *L'influence de la Lune sur les cultures* [A influência da Lua sobre as culturas] (Éditions Maison Rustique). Vale como guia, do dia-a-dia, para a maior parte das plantas ornamentais, legumes, árvores e frutos europeus.

Nosso objetivo foi descrever brevemente as constatações principais e as grandes regras que se adaptam aos vegetais.

Concluindo, lembramos que as regras do crescimento dos vegetais também contam para seu futuro. Nossas avós sabiam que nunca se devem colocar as compotas e os legumes em conserva, senão durante a Lua minguante. Com efeito, em outro período o açúcar subiria à superfície a cada luação: as conservas fermentam e se tornam ácidas.

Notemos ainda que a mesma regra se aplica à cidra e aos vinhos. Deve-se engarrafá-los na Lua minguante. Caso contrário, eles se ativarão a cada nova luação.

A LUA E A PESCA

Todos os pescadores estão convencidos de que a Lua exerce uma influência não desprezível sobre os peixes. As vezes, sem explicação, os peixes se lançam aos anzóis: estes é que são fígados mais rapidamente; noutras vezes, a isca só atrai botas velhas que vagam pelo rio ou alguns tristes peixes suicidas; e esta pesca "milagrosa" desola o neófito, que não entende mais nada.

Na realidade, os pescadores sabem — e alguns, desde há muito, por experiência ou ciência — que basta urna olhada para a Lua e o enigma estará desfeito.

Para nós, que sabemos tanta coisa a respeito da Lua e dos habitantes do mar, não há nada de excepcional nisso... o que não diminui em nada o mistério.

A influência da Lua se faz sentir não só quanto à pesca nos mares, mas também nos lagos e rios. O efeito da Lua no mar é visível através das marés. Pode-se desde logo imaginar que elas exercem influência sobre os peixes. A ação da Lua sobre os lagos e rios, bem menos perceptível, não é por isso menos certa.

Já vimos que, mesmo longe do seu habitat natural, os seres marinhos ainda são influenciados pela Lua. Tal influência deve ser então mais sutil que um simples efeito das marés.

A Lua cheia, de modo especial, exerce um fascínio sobre os habitantes do mar: como que hipnotizados, os peixes são atraídos em direção ao astro lunar e se lançam sobre tudo o que flutua, deixando-se fígar.

Daí afirmar-se que os dias próximos à Lua cheia são dias de festa para os pescadores.

Essa influência da Lua ainda não foi cientificamente explicada, mas é, segundo parece, dupla.

■ *Atração dos peixes para a superfície*

Essa atração corresponde à grande lei da atração universal. Como outros corpos, os peixes também sofrem a atração lunar. Entretanto, como o peso de seus corpos na água é nulo (segundo o princípio de Arquimedes), essa atração é bem mais intensa.

■ *Aumento do metabolismo dos peixes*

Esse aumento metabólico provoca nos peixes maior necessidade de energia e, em consequência, mais fome. O exemplo do camarão é típico.

Durante a Lua cheia, é suficiente em certas regiões munir-se de uma rede para juntar alimento a fim de abastecer, por toda uma semana, uma família inteira.

Sob a conjugação desses dois efeitos, atração para a superfície e procura de alimento, o peixe morderá mais facilmente o anzol.

A. Lieber, em seu trabalho sobre as forças lunares, diz que "os conhecimentos ancestrais dos pescadores sobre animais marinhos foram modernizados por John S. Haddock, que publicou um calendário para pescadores, indicando as horas em que os peixes mordem a isca. De acordo com esse calendário, o apetite dos peixes é estimulado quatro vezes por dia. Esses estímulos não se produzem nunca na mesma hora, pois o dia lunar é um pouco mais longo que o solar. O calendário Haddock afirma que as pescas mais fartas coincidem com os períodos em que o apetite dos peixes é estimulado. Deve-se notar que o tempo solar não fornece indicação desses horários" (ver item 40 da Bibliografia, p. 78).

O pescador europeu só poderá lamentar o fato de esse calendário ser reservado apenas aos americanos... contudo, se ele conhece as regras acima referidas, podemos afirmar-lhe que nunca voltará para casa com o cesto vazio.

Calendário de dias propícios

Não há necessidade de cálculos complicados... Os peixes amam a Lua cheia e tornam-se sensíveis a ela 48 horas antes de seu aparecimento, e assim permanecem 48 horas depois do seu apogeu. Há, portanto, em cada mês, um mínimo de 5 dias inteiros para pescas milagrosas:

- Dois dias* antes da Lua cheia.
- O dia* da Lua cheia.
- Dois dias* depois da Lua cheia.

A LUA E A METEOROLOGIA

A influência da Lua sobre o tempo é conhecida desde a Antigüidade. Os primeiros hebreus, como os chineses ou as civilizações pré-colombianas, reconheciam ao astro lunar o poder de modificar o tempo. Tanto no Antigo como no Novo Testamento encontram-se algumas alusões a essa propriedade da Lua.

Certamente, o estudo das tradições populares representa a maior fonte de informações a respeito desses supostos poderes. Tais tradições se exprimem através de festas populares e de provérbios.

As festas populares têm, muitas vezes, por origem, uma manifestação lunar (imaginada no calendário e nas festas dos chineses, dos judeus e mesmo dos cristãos), mas, atualmente, toma-se difícil relacionar certos ritos (para obter chuva etc....) com as fases lunares.

Os provérbios

Em contrapartida, os provérbios alusivos à Lua e a seus supostos poderes sobre o tempo são numerosos. Muitos deles referem-se à chamada Lua ruiva; a estes dedicaremos uma seção à parte.

- Se a Lua é nova e faz bom tempo, antes de três dias choverá*
- A Lua devora as nuvens.*
- Se as extremidades da Lua estão voltadas para o mar, haverá enchente durante o ano.*
- Lua pendente, terra seca.*

- Quando a Lua é nova e o tempo, bom, choverá antes do sétimo dia; quando ela é nova e o tempo, mau, fará bom tempo três dias depois.*
- Lua pálida é sinal de chuva*
- Lua cercada de nuvens vermelhas anuncia chuva.*
- Lua avermelhada anuncia sempre uma grande ventania durante o dia*
- Lua pálida à tarde ou de manhã provocará chuva.*

Esses ditados que escolhemos são originários das províncias francesas. Poderíamos prolongar a lista (ocupando um livro inteiro) dedicada unicamente aos adágios lunares; mas parece-nos mais interessante propor uma certa sistematização para eles... E, quem sabe, poder-se-ia talvez, desse modo, prever com quase tanto sucesso quanto a meteorologia do país — o tempo que fará amanhã!

Para uma previsão do tempo, as tradições populares baseiam-se nos seguintes critérios, que analisaremos:

- 1) aspecto;
- 2) fases;
- 3) épocas.

Os aspectos da Lua

■ *A cor da Lua*

Deve-se observar a Lua como um médico observa seu paciente, ou a mãe observa seu filho: a coloração da face é já uma excelente indicação sobre a saúde e, desde logo, um prognóstico para dias futuros.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> <i>Se a Lua está...</i> | <input type="checkbox"/> <i>O tempo será...</i> |
| — branca e clara | — bom |
| — pálida e embaçada | — chuvoso |
| — avermelhada | — ventoso |
| — vermelha ou escurecida | — tempestuoso |

■ *As extremidades da Lua*

Somente a cor não é suficiente... Se a Lua se apresenta com as extremidades próprias do crescente, é preciso examiná-las. Notar-se-á que:

- "Uma boa Lua é aquela na qual se pode tomar uma cafeteira..."* ou, como diz o ditado: *ua pendente, terra seca.*

☐ *"Crescente de pé, marinheiro deitado; crescente deitado, marinheiro de pé."*

☐ *Se as extremidades estão...*

- nítidas e claras
- pálidas e embotadas
- deitadas

☐ *O tempo será...*

- bom
- chuvoso
- bom

■ *O halo*

Quando a Lua tem a face "confusa", quando apresenta um halo ou auréola, o prognóstico é geralmente mau. Um célebre ditado afirma:

☐ Quando a Lua tem anel, cairá chuva do céu.

☐ *Se o halo é...*

- leve
- bem nítido
- malformado
- duplo
- triplo

☐ *O tempo será...*

- variável
- chuvoso
- ventoso
- tempestuoso
- catastrófico

As fases da Lua

Numerosos provérbios são consagrados às fases lunares e bem particularmente aos primeiros dias da luação. Atribui-se a esses dias (bem como aos primeiros dias do ano religioso — que começa no Natal — ou do ano civil) uma importância toda especial. Nas *Geórgicas* de Virgílio, pode-se ler a seguinte passagem, bastante exata sobre a questão.

☐ *No quarto dia, este augúrio é certo: se seu arco é brilhante, se sua face é serena, durante o mês inteiro, após esse belo dia, do céu não cairá chuva, o aquilão não soprará, no oceano não haverá tempestade.*

Para Virgílio, a Lua é a melhor das cartas meteorológicas, desenhada por Júpiter, o próprio pai dos deuses: "Para que pudéssemos conhecer, através de sinais seguros, os calores e as chuvas, bem como os ventos precursores do frio, o próprio Pai determinou o que anunciariam as fases da Lua (...), quais indícios, muitas vezes repetidos, levariam os fazendeiros a manter seus rebanhos mais próximos dos estábulos." E acrescenta: "Se observares (...) as fases sucessivas da Lua, jamais o tempo de amanhã te

enganará; nem jamais te deixarás cair na armadilha de uma noite serena" (ver item 58 da Bibliografia, pp. 107, 110).

Se Virgílio tinha certeza a respeito da influência lunar, todos aqueles que se interessam pela Lua e pela meteorologia não lhe conferem, todavia, o mesmo crédito: a batalha verbal entre lunistas e antilunistas ainda hoje prossegue furiosa. Dentre os primeiros, destaca-se o marechal Bugeaud.¹ Este (a quem devemos, igualmente, a célebre rã meteorológica!), havia descoberto, no Museu Militar de Argel, a cópia de uma antiga lei meteorológica que ele praticava, tendo-a completado com êxito. Ei-la: "O tempo se comporta, onze vezes em doze, durante o período lunar, como se comportou no quinto dia da Lua, se o sexto se assemelha ao quinto. E ele se comporta, nove vezes em doze, como o quarto dia, se o sexto dia se assemelha ao quarto."

Lei que se aproxima desta quadra, bem conhecida, da Idade Média:

☐ *Primus, secundus, tertius, nullus; Quartus, aliquis; Quintus, sextus qualis; Tota luna talis.*

Quadra que o abade Moreux assim traduziu: "O primeiro, o segundo, o terceiro dia não têm qualquer influência sobre a seqüência da luação e o mesmo vale, aproximadamente, para o quarto dia; entretanto, será o tempo como foi no quinto e no sexto dia" (ver item 46 da Bibliografia, p. 34).

Essa regra conheceu, infelizmente, numerosos reveses... e para não abandoná-la, juntaram-se a ela algumas exceções, como, por exemplo:

☐ *Qualis quarta, talis teta, nisi mutetur in sexta* (O tempo será como no quarto dia, a menos que se modifique no sexto).

Essa correção, não se mostrando suficiente, teve-se o cuidado de acrescentar-lhe ainda outras... o que nos motiva a citar a seguinte:

☐ *Mentirá com freqüência quem predisser o tempo.*

Quanto aos agricultores, eles sabem que:

☐ *Quando a Lua é clara na missa de meia-noite, não haverá ameixas* (ver item 11 da Bibliografia, p. 270).

☐ *Se no dia de Natal, a Lua estiver no seu 10° 11°, 12° ou 13° dia, as colheitas não chegarão à metade* (ver item 21 da Bibliografia).

Às vezes, apesar de tudo, a Lua é favorável:

1. Para aprofundar o assunto, ler do mesmo autor, o *Guide Marabout dela météorologie e des microclimats*, Marabout service 452, 1981, 352 ss.

❑ *Se no dia de Natal, a Lua estiver num de seus nove primeiros dias, o ano seguinte será de grande fertilidade (nem muito úmido, nem muito seco)* (ver item 21 da Bibliografia).

Note-se que o estudo do aspecto e das fases da Lua refere-se essencialmente ao tempo, enquanto os provérbios que se referem à época têm por objeto a agricultura. Esta influência da Lua sobre a agricultura é mais aparente nos adágios que se referem à Lua ruiva.

■ *Essas regras e ditados podem ser resumidos do seguinte modo:*

❑ *Na chegada...*

- da Lua nova
- da Lua cheia
- do Quarto crescente
- do Quarto minguante
- da Lua cheia
- do 59 dia da Lua

❑ *Haverá...*

- invariavelmente mudança de tempo
- mudança certa de tempo
- provável mudança de tempo
- mudança certa de tempo
- diminuição do vento
- indícios sobre o tempo do mês

A Lua no calendário

As tradições populares nos ensinam que certas Luas são favoráveis ("boas luas"), enquanto outras não o são ("mas luas"), sem que se saiba, muitas vezes, por quê. A mais desfavorável é a Lua ruiva, mas outras não o são menos. Assim:

❑ *Se o dia de Natal cair do 149 ao 199 dia da Lua, o ano será estéril e seguir-se-á grande penúria.*

❑ *Se a Lua cair na segunda-feira (o próprio dia da Lua) não espere nada de bom durante o período lunar.*

Ciência e experiência confirmam os provérbios

A maior parte dos provérbios referentes ao aspecto da Lua podem ser facilmente explicados pelos meteorologistas ou, mais simplesmente, por aqueles que conhecem bem os sinais do céu (marinheiros, principalmente, mas também agricultores, camponeses etc.). É claro que as estações meteorológicas, nacionais e mundiais, trazem conhecimentos inestimáveis a

todos os que delas se utilizam (mesmo ao cidadão comum), mas tais informações referem-se apenas aos aspectos globais do tempo.

No nível de uma aldeia, de uma cidade, de uma ilha, de qualquer microclima, as informações devem ser corrigidas, confirmadas ou não. Somente a leitura "complementar" do céu permite fazê-lo. Para os que não conhecem os diversos mecanismos atmosféricos, os provérbios constituem regras (ou lembretes) que contém uma parte importante da verdade.

Numa reportagem, Joe Klipffel (Comodoro dos Old Gaffers) escreveu: "No curso dos três anos que durou meu cruzeiro de Saint-Malo às Antilhas, fiz questão de navegar pela interpretação dos ditados e tiradas dos antigos navegadores sobre a previsão do tempo e cheguei a assimilá-los, o que me permitiu estabelecer minha própria meteorologia" (ver item 37 da Bibliografia, p. 14). Se ele teve êxito e publicou sua reportagem, é porque os ditados, freqüentemente, estão com a razão... Sua obra é rica deles, muitas vezes saborosos e não resistimos ao prazer de lhe tomar emprestado um, que aliás já citamos sob outra forma:

□ *Lua crescente, clara e brilhante, numa ponta penduras teu capote, na outra teu chapéu; bellissimo tempo.*

Como dissemos, a maioria dos ditados pode ser explicada cientificamente (ainda que se trate de aforismos populares). Já desenvolvemos o assunto em outra obra: *Le guide Marabout de la météorologie et des microclimats* [Guia Marabout da meteorologia e dos microclimas] (Marabout service n° 452). Tomaremos aqui apenas um exemplo.

■ *Os halos*

Os halos são anéis brumosos e coloridos observáveis, às vezes, em torno do Sol ou da Lua. A presença de um halo anuncia, de acordo com os adágios, uma piora de tempo, com precipitação de chuva. Não aparecem, com efeito, senão quando há no céu nuvens formadas por cristais de gelo. Estes produzem fenômenos de decomposição, refração e reflexão da luz. As nuvens que contêm cristais de gelo são da espécie dos cirros, fáceis de distinguir por seu aspecto de fibras ou cabelos (na meteorologia popular, são chamados de barbas de gato!). Sua aparição anuncia mau tempo. Assim, o halo em torno da Lua, provocado pelos cirros, indica chuva.

A Lua e a chuva

Simbolicamente, a Lua é associada à chuva e faz parte da tríade *Lua — Água — Chuva*.

Seria inútil tentar determinar as razões científicas desse simbolismo, uma vez que ele não aparece igualmente nos ditos e em certas cerimônias religiosas. Assim, *o Dictionnaire des Symboles* [Dicionário de símbolos] nos informa que a "associação Lua-Águas-Primeiras Chuvas-Purificação aparece claramente nas cerimônias celebradas entre os incas, por ocasião da festa da Lua (Coya Raimi, de 22 de setembro a 22 de outubro). Como esse mês marca o fim da estação seca, os estrangeiros, os doentes e os cães eram expulsos da cidade de Cuzco, antes do início das cerimônias, para chamar as primeiras chuvas. Na Índia, diz-se da mulher fértil que ela é a chuva, ou seja, a fonte de toda a prosperidade" (ver item 14 da Bibliografia, p.32).

Em todas as civilizações e em todos os tempos, os homens notaram ou acreditaram notar que as fases da Lua modificam o tempo. Esta simples observação reduz a nada a suposição (de qualquer modo bastante sensata) de G. Walusinski em obra recente: "A França, exposta às correntes oceânicas, vê depressões e anticiclones alternarem-se. É raro que uns e outros permaneçam sobre nós mais que uma semana. Uma semana, duração de uma fase da Lua. Disso deduz-se prontamente: mudança de fase, mudança de tempo" (ver item 59 da Bibliografia, p. 82). Essa explicação seria convincente se a influência da Lua não tivesse sido notada igualmente nas regiões onde, a atmosfera não é sujeita a mudanças freqüentes. Nada impede que a citação de Pascal continue válida: "Quando não se conhece a verdade sobre determinada coisa, torna-se útil que um erro comum se fixe no espírito dos homens, como no caso da Lua, à qual se atribui as mudanças de estações, o progresso das doenças etc." Nos meios científicos, chama-se a isso uma hipótese de trabalho! Partindo de uma tal hipótese, três pesquisadores americanos (ver item 5 da Bibliografia) debruçaram-se sobre as estatísticas: "Examinando os arquivos de 1544 estações meteorológicas americanas, reunindo um total de 50 anos de observações, eles registraram os dias de pluviosidade máxima sobre todo o território dos Estados Unidos. Constataram que, durante os 29,53 dias do mês lunar sinódico, esses dias de máxima pluviosidade não se repartiam ao acaso. Sua conclusão: 'Na América do Norte, as grandes precipitações se observam, sobretudo, no meio da primeira e da terceira semanas do mês

sinódico e mais particularmente entre o terceiro e o quinto dia depois da Lua cheia e da Lua nova. Em contrapartida, o segundo e o quarto quartos da Lua são pobres em grandes chuvas!." Uma verificação foi levada a efeito, no outro hemisfério, por dois pesquisadores australianos; eles obtiveram os mesmos resultados. As chuvas mais intensas observadas por 50 estações da Nova Zelândia, de 1901 a 1925 e "registradas do mesmo modo que na América do Norte, colocam em evidência o fator lunar nos dias que se seguem à Lua cheia e à Lua nova" (ver item 28 da Bibliografia).

As estatísticas parecem-nos formais: a Lua exerce uma influência sobre as chuvas. Resta saber através de que mecanismo: as escolhas não faltam (marés atmosféricas, modificação da eletricidade atmosférica, perturbação do campo magnético etc.). A época em que o homem poderá fazer chover de acordo com sua vontade está próxima, mas resta-lhe compreender exatamente todos os parâmetros que intervêm na formação dos pingos de chuva. Quando se compreender totalmente o mecanismo, a influência exercida pela Lua será igualmente esclarecida.

Meteorologia lunar

- Aspecto do céu:* negro.
- Atmosfera:* nenhuma.
- Ventos:* nenhum.
- Efeito de estufa:* nenhum.
- Temperatura:* de +150°C a -100°C.

A Lua ruiva

Já discutimos a respeito da cor da Lua nos capítulos dedicados à meteorologia — a cor da Lua como bom sinal de previsão do tempo — e ao estudo da astrologia lunar (Lua negra).

Dentre todas as luas "perigosas", a Lua ruiva ocupa um lugar especial... Com efeito, ela deve seu nome não à cor que apresenta, mas às conseqüências que provoca nos vegetais.

Que vem a ser, então, essa Lua ruiva, que inspirou tantos adágios e suscitou tantos tenores?

Por definição, a Lua ruiva é a Lua cheia da primeira luação depois da Páscoa. Ela pertence assim à segunda luação e se situa entre 5 de abril e 6 de maio.

Hoje em dia, todos os jardineiros conhecem essa Lua e lhe atribuem certos poderes.

Imagine-se o desespero do camponês, do jardineiro ou do cidadão comum que, no dia seguinte a uma Lua cheia de primavera, descobre que todos os novos ramos das árvores frutíferas, ou os brotos das plantações, estão como que "queimados" por uma estranha luz. Consultando o termômetro, vê que a temperatura caiu abaixo do zero fatídico. Em sua raiva e desespero, atribui o acontecimento à Lua; sabe que ela tem a propriedade de causar tais prejuízos. E no entanto, já veremos por que, a Lua é inocente!

Os romanos e os gregos já conheciam bem essa Lua e suplicavam a seus deuses que protegessem os vegetais temporões.

Entre as primeiras e as segundas *Vinalia* (23 de abril a 10 de maio) suplicava-se a Júpiter, a Vênus e às Plêiades que protegessem os brotos da vinha. "Tais rogos, neles compreendidos as *Robigalia* (25 de abril), quando se pedia ao céu pela preservação do trigo jovem; e as *Floralia* (28 de abril a 3 de maio), quando eram celebrados os jogos em honra de Flora, pela proteção das flores em geral e das árvores frutíferas em particular, tinham todos por finalidade evitar as temíveis geadas dessa época, ou seja, a 'queima' (robigo) dos brotos, das folhas novas e das flores" (ver item 11 da Bibliografia, p. 269).

Sábios embaraçados...

Esses conhecimentos dos antigos não sobreviveram ao passar do tempo, a não ser na memória e na tradição camponesas. Assim, num pequeno volume dedicado aos ditos meteorológicos, Luis Dufour relata o embaraço de um sábio, quando interrogado a respeito dessa Lua: "Em 1827, ao receber os membros de uma comissão científica, o rei Luis

XVIII perguntou ao seu presidente, o astrônomo Laplace, o que era de fato a Lua ruiva e qual seu efeito sobre as colheitas. Colhido de surpresa, o grande astrônomo responde que tal Lua não ocupava lugar algum nas teorias astronômicas e se retira, bastante confuso. Foi falar disso com Arago; este, não sabendo mais que o próprio Laplace sobre a questão, vai informar-se com os jardineiros do *Jardin des Plantes*. Soube deles que a Lua queimava os brotos nessa época do ano, quando a temperatura do ar estava a vários graus abaixo do ponto de congelamento, o que não ocorria quando o céu se encontrava encoberto pelas nuvens. Daí a crença de que nosso satélite, durante essa luação, é dotado de um poder de congelamento suficiente para 'queimar' os brotos e plantas jovens" (ver item 22 da Bibliografia, p. 42).

Numa comunicação do ano seguinte, publicada no Anuário da Comissão de Longitudes, Mago reconhece a influência da Lua ruiva, apresentando, porém, uma explicação a respeito: "É, portanto, verdadeiro que, de acordo com a opinião dos jardineiros, em circunstâncias atmosféricas absolutamente iguais, uma planta poderá se congelar ou não, conforme a Lua seja visível ou esteja oculta pelas nuvens. Mas, dessa observação, derivam-se falsas conseqüências: a luz da Lua não produz, no caso, efeito algum; ela indica simplesmente um céu límpido, sem as nuvens que poderiam reter o calor sobre a Terra, evitando, assim, uma queda acentuada de temperatura."

Qual é o mistério da Lua ruiva?

É relativamente fácil explicar o efeito da Lua ruiva. Seu mistério reside apenas no fato de ela chauscar os rebentos e os brotos, quando o termômetro indica uma temperatura inferior a 0° centígrado. Isto, para o camponês, indicava ter essa Lua da segunda luação a propriedade de trazer o "frio".

Desde que se tornaram melhor conhecidos os diversos mecanismos de propagação do calor, sabe-se que ele se expande quando o céu está livre de nuvens. Assim, a temperatura ao nível do solo, com a perda de seu calor, pode vir a ser inferior em alguns graus à temperatura do ar. Ao contrário, um céu nublado corresponde a uma espécie de cobertura que impedirá o calor de se difundir.

Assim se esclarece o mistério da Lua ruiva. O que não impede ser conveniente desconfiar dessa segunda luação, capaz de queimar, em poucas horas, sob o clarão da Lua, todos os brotos. É necessário lembrar que nesse período a seiva está em circulação e, conseqüentemente, os vegetais são mais frágeis.

Como se proteger da Lua ruiva

Desde que se conheça bem o mecanismo de ação dessa Lua, será fácil proteger-se: basta cobrir com um plástico os vegetais. Esse plástico funciona do mesmo modo que as nuvens do céu: impedirá a radiação da Terra.

Enquanto o mecanismo de ação dessa Lua não foi elucidado, a Igreja — retomando uma tradição antiga — recomendava aos camponeses a recitação de preces, a fim de se obter a demência do céu. Essas preces eram endereçadas a numerosos santos, dentre os quais: *São Jorge* (23 de abril), *São Marcos* (25 de abril), *São Vital* (28 de abril), *Santo Eutrópio* (30 de abril), *São Tiago* (1º de maio), *Santa-Cruz* (3 de maio) e *São João* (6 de maio).

É, aliás, durante a segunda e a terceira luações (também perigosas) que se registra o maior número de Santos meteorologistas (os célebres *Santos do Gelo*).

Provérbios

A Lua ruiva (que esvazia bolsas...) muito preocupou os camponeses; não admira, portanto, que se tornasse objeto de numerosos provérbios:

- Lua ruiva, bolsa vazia.*
- A Lua ruiva, sobre a semente/Tem grande influência, ordinariamente.*
- Lua ruiva/Nada brota.*
- Colheita não sai/Se a Lua ruiva não se vai*
- As geadas da Lua ruiva/Da planta queimam os rebentos.*
- Enquanto dura a ruiva Lua/Os frutos ficam sujeitos à sorte.*
- Não acredite em fim de inverno/Se a Lua de abril não chegou à plenitude.*

CONCLUSÃO : O PODER ECONÔMICO DA LUA

Examinamos, ao longo de todo este trabalho, os efeitos da Lua sobre a Terra, sobre o homem, os animais, os vegetais. A Lua, portanto, coloca em ação certas energias em nosso planeta. Não seria possível utilizar essa energia que, de algum modo, "nos cai do céu"? Cientistas e técnicos já examinaram esse problema e alguns resultados foram obtidos. É provável que a Lua esconda recursos que um dia nos seja possível explorar.

Mas é também provável que a Lua conserve, ainda por muito tempo, seus segredos e que os homens de ciência e de imaginação continuem a especular a seu respeito.

A utilização da força das marés

Bilhões de litros de água se deslocam, diariamente, sob a ação da Lua e do Sol, enquanto essa gigantesca energia permanece inaproveitada; parece um imenso desperdício. E o que será isso, afinal?

A energia das vagas varia, naturalmente, de acordo com os climas e as latitudes, mas foi possível calcular que, na França, cada quilômetro de frente de vaga (a vaga típica apresenta três metros de altura, 150 metros de comprimento, donde uma velocidade de deslocamento de 55 km/h e uma frequência de 6 por minuto) desenvolve uma energia de 90 mW.

Um cálculo simples demonstra que "não mais de 5 milímetros de frente de vaga são precisos para fornecer o consumo anual de um

européu" — claro, se a energia pudesse ser totalmente aproveitada!¹

Diversas experiências com maquetes demonstram que se pode esperar um aproveitamento entre 60 e 80%... A energia das marés — energia essencialmente lunar — poderia facilmente substituir o petróleo em sua utilização industrial.

Desde que os vários projetos japoneses e britânicos alcancem êxito, pode-se esperar que, num futuro próximo, a Lua nos forneça o essencial de nossa energia!

Numerosas usinas movidas pelas marés já funcionam em diversos países; considerando-se as importantes marés que se encontram na França, este país está na vanguarda nesse campo. A *Usina de Rance*, na Bretanha, é a maior do mundo no gênero (Quid 1982. Laffont). Projetada em 1943, concluída em 1966, custou 420 milhões de francos. Sua potência total é de 240.000 kW e a energia média líquida obtida por ano é de 544 milhões de kWh.

Convém ainda assinalar o *projeto Cacquot*, na baía do monte Saint-Michel, cuja usina produzirá de 30 a 40 bilhões de kWh por ano.

No Canadá, foi construída, em 1981, em *Passaquoddy*, na baía de Fundy, uma usina cuja produção é de 50 milhões de kWh.

Para terminar, assinalemos a construção de uma usina experimental para aproveitamento da energia das marés, em *Kislogoubaskaia*, na URSS.

A Lua e a ecologia

A ecologia é simplesmente a história natural de nossos livros escolares. Em linguagem mais científica, é a ciência que estuda a interação entre as espécies e o meio em que vivem, ou mesmo a interação entre as próprias espécies. Apenas depois que o homem começou a influenciar artificialmente essa interação, em grande escala, com a introdução de numerosos poluentes (químicos, físicos etc.) passou-se a ter um interesse especial pela ecologia e pelos efeitos nefastos da poluição sobre a natureza.

Os ecologistas também se interessam pela Lua. Sabemos que as tradições populares garantem que a Lua exerce uma ação sobre o

1. François Séguier, in *La recherche sur les énergies nouvelles*, Points sciences, 1980, p. 294.

crescimento (e a saúde) dos vegetais. Porém esta tese vem sendo fortemente criticada, desde o advento da moderna sociedade técnica e industrial. Por felicidade, "um adepto da agricultura biológica, Rudolf Steiner, retomou essa idéia ancestral e favoreceu o desenvolvimento de numerosas teorias *lunares* em agricultura; com efeito, provou-se que a luz da Lua poderia ter uma influência positiva sobre a germinação e a floração de certas plantas" (ver item 26 da Bibliografia, p. 168).

A agricultura antroposófica de Steiner atingiu grande sucesso.²

Convém igualmente notar que a Lua, através das marés, exerce uma ação decisiva sobre os biótopos das margens oceânicas.

Apostamos que, se os ecologistas se intrometerem no assunto, não se findará tão cedo de falar sobre a Lua!

Trabalharemos na Lua?

Durante os anos gloriosos de 1960 a 1975, quando a pesquisa espacial parecia marchar para um brilhante futuro, quando tudo parecia possível, chegou-se a imaginar a probabilidade de se "colonizar" a Lua.

Pensava-se instalar ali, não só bases militares e laboratórios científicos, mas também indústrias. A ausência de atmosfera, a fraca atração lunar, a suposta ausência de germes patogênicos, eram fatores favoráveis à realização desses projetos. Em 1970, Francis Gérard publicou uma obra bem documentada: *Nous irons travailler sur la Lune* [Iremos trabalhar na Lua] (Denoël Ed.), que enumerava as muitas vantagens da industrialização de nosso satélite.

No entanto, os programas espaciais para a conquista da Lua encontram-se hoje suspensos... Renunciou-se à continuidade da exploração? Ou será que algum dia os terrestres se beneficiarão dos recursos lunares?

A Lua: satélite artificial?

Anunciamos, na Introdução deste volume, que muitas das questões nele examinadas permaneceriam sem solução. No curso dos últimos

2. A respeito de R. Steiner, ler o excelente artigo publicado na *Encyclopédie de l'inexpliqué*, R. Cavendish (dir.), Elsevier Séquoia, 1976, 303 páginas.

capítulos, tentamos demonstrar que em todas as civilizações e em todas as épocas, a Lua sempre foi respeitosamente considerada. Esse respeito provinha dos poderes a ela atribuídos: o exercício dos mesmos era às vezes favorável ao homem (Lua crescente) e outras vezes desfavorável (Lua minguante).

A atitude do homem para com o satélite da Terra foi, desde o começo, ambivalente: a Lua era versátil, capaz do melhor e do pior. Se a Lua é versátil, teria ela vida?

Estas últimas páginas acrescentam ainda um mistério a todos os que já evocamos: *seria a Lua habitada?*

Há alguns anos (em 1976), um jornalista americano ligado à NASA publicou *Ils n'étaient pas seuls sur la Lune* [Eles não estavam sozinhos na Lua] (ver item 39 da Bibliografia), livro que encontrou grande ressonância. Sua finalidade era demonstrar que a Lua não só já está colonizada há muito tempo por seres inteligentes, como também que, na realidade, é um satélite artificial!

Para afirmar tal coisa, o autor se baseia nas dezenas de milhares de fotografias tiradas pelos diversos engenhos que sobrevoaram a Lua ou que nela pousaram. Antes de se descrever — sucintamente — as descobertas do autor, convém refletirmos alguns minutos sobre esta simples questão: por que a exploração lunar se deteve subitamente?

As escassas informações de que dispomos sobre as descobertas e o programa da NASA e de seu homólogo soviético não nos permitem responder a essa questão. O homem, depois de muitos esforços, coroados de sucesso, mas que custaram muitas vidas humanas, chegou à Lua há mais de dez anos. Esta primeira experiência deveria ser seguida por numerosas outras (todo um programa fora determinado).

Sem que sobreviesse qualquer acidente grave, a exploração da Lua foi detida (ou suspensa?). E segundo George Leonard, porque ela é habitada!

Sem querer entrar numa longa polêmica a respeito das teses de Leonard, de seus detratores e da interpretação das fotos (a obra compreende aproximadamente 40 delas, de página inteira) parece-nos interessante assinalar as "descobertas" dos partidários da Lua habitada.

Já dissemos que para os físicos e os biólogos a Lua é um astro morto. Tal nem sempre foi a concepção dos *experts* sobre a Lua, que nela viam um lugar de retiro para as almas dos mortos, uma espécie de vasta antecâmara, anterior a outro destino. Hoje, sabe-se que a Lua,

longe de ser um astro morto, apresenta sinais de atividades bastante numerosas:

- aparição de estranhas luzes em tomo das crateras;
- existência de atividade sísmica;
- surgimento de "jatos" de gás em determinados lugares.

Deve-se ainda acrescentar certo número de fenômenos estranhos como, por exemplo, a duração extremamente longa das vibrações da Lua em seguida ao impacto de um objeto, ou também certas anomalias magnéticas.

Os cientistas não explicam, até o momento, esses fenômenos curiosos, mas isso não impede jornalistas e mesmo sábios de afirmarem que a Lua é um satélite artificial oco.

■ *Estranhas descobertas através das fotos lunares*

Até o momento, a NASA tirou mais de 100.000 fotografias da Lua. Ao estudar algumas delas, cientistas, jornalistas ou simplesmente espíritos curiosos, descobriram coisas estranhas. Uma lista completa dessas coisas ultrapassaria as possibilidades deste pequeno volume. Todavia, aqui apresentamos uma relação abreviada de fenômenos mais evidentes:

- objetos manufaturados (espécie de gruas enormes, autômatos em forma de cruz etc.);
- uma "nave espacial", estranhamente semelhante a um OVNI;
- construções em forma geométrica;
- sinais de mudanças não imputáveis à erosão;
- estranhas pistas;
- marcas de "reparos" na Lua;
- nuvens de poeira (lembramos que a Lua não possui atmosfera, portanto nem vento, nem nuvens!);
- luzes ou clarões em certos lugares bem precisos (essas claridades já foram descritas por Aristarco e Platão!);
- marcas sobre o solo;
- a existência de "pontes".

A conclusão dos autores das descobertas desses sinais é de que a Lua é habitada, é uma base de OVNI's e lá o homem foi declarado *persona non grata*; daí a brusca interrupção das experiências americanas e soviéticas.

ANEXOS

Pequeno dicionário da Lua

Pareceu-nos útil completar este volume com um pequeno dicionário sobre a Lua. A Lua ocupa em nossa vida um lugar mais importante do que geralmente se acredita. Como, anteriormente, já dedicamos um capítulo aos adágios e expressões lunares, não os mencionaremos aqui; entretanto, indicaremos a maior parte dos símbolos ligados ao astro da noite. Além disso, retomaremos — resumidamente — certas noções desenvolvidas no texto, de modo a fazer deste pequeno dicionário também uma espécie de guia da Lua. Enfim, o leitor encontrará aqui certos termos raros ou específicos, cujo sentido às vezes lhe escapa.

Para organizar a lista dos símbolos lunares, consultamos numerosas obras, em particular o excelente *Dictionnaire des symboles*, publicado sob a direção de Jean Chevalier, Edições Seghers (1973, 4 volumes). Essa obra é uma referência indispensável, tanto para o pesquisador como para o leigo curioso.

A luz do luar

De acordo com alguns ocultistas, a célebre canção popular francesa deveria conter uma mensagem e um lamento. A mensagem poderia ser decomposta do seguinte modo:

- ❑ *A luz do luar*: alusão à Lua cheia.
- ❑ *Meu amigo Pierrot*: O Pierrot lunar.
- ❑ *Empresta-me tua pena para escrever uma verso*: durante a Lua cheia as

radiações são mais intensas e a mensagem poderá ser captada por um médium e transcrita em runas (escrita secreta).

☐ *Minha candeia está morta*: lamento de um fiel que não tem mais um guia.

☐ *Abre-me a pana, pelo amor de Deus!* : oração.

Adoradores de Ártemis

Seita cujos membros se reúnem em certas épocas do ciclo lunar para adorar a Lua, expondo-se nus aos raios lunares.

Água

A água é símbolo lunar já entre os egípcios. O simbolismo da água se inscreve na relação clássica Lua-Águas-Chuvas-Fecundação-Fertilidade.

Apocalipse

Consta no Apocalipse (obra do século I d.C.) que no último dia, a Lua perderá sua cor branca e seu brilho (Ap. 6, 12; 8, 12; 12, 1 e 21, 23).

Ártemis (ver também Diana e Hécate)

Filha de Zeus e de Lato, irmã gêmea de Apoio, era uma das três deusas virgens do Olimpo (Vesta, Atena e Ártemis).

Em Roma era chamada Diana.

Deusa ambivalente, ora aparece como a "Diana protetora" (ela protegia sobretudo as crianças e mulheres grávidas), ora como "Diana vingadora", virgem vingativa, que sacrificava quem se lhe opusesse, transformando seus opositores em animais, que seus cães devoravam.

Irmã de Apolo (o Sol), ela correspondia à Lua. Daí ser denominada, às vezes, Phená ou Selene.

Identifica-se, igualmente, com Hécate, a deusa de três formas: Selene nas nuvens, Ártemis na Terra e Hécate nos infernos. Essa transformação da bela Diana Caçadora na cruel e ectoniana Hécate nada tem de surpreendente. Tal transformação é habitual e significa claramente a ambivalência dos desejos humanos.

Virgem, ela é, paradoxalmente, a deusa dos partos e, como tal, deusa lunar. Virgem mas protetora das crianças, ela é representada, às vezes, com vinte seios.

Nota-se que seu culto sobreviveu até o século VII d.C., o que é confirmado pela maneira como os concílios reagiram contra ele.

Bíblia

O Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de alusões e referências à Lua. Os especialistas em religião acreditam que a religião mosaica seja a herdeira de um muito antigo culto lunar. Quanto à religião católica, é herdeira da cosmologia do Oriente Médio. Além disso e apesar de tudo, recebeu contribuições de numerosos cultos pagãos. Assim, até o século VII, nas comunidades cristãs, era ainda celebrado o culto de Diana.

Bilocação (ver também *Lua negra*, *Licantropia*)

Em psiquiatria, esse termo significa desdobramento da personalidade, enquanto em magia equivale a um desdobramento do corpo, com a projeção, à distância, do duplo, que se materializa (ectoplasma). Tais fenômenos não são raros e, segundo as tradições, teriam lugar sob a influência da Lua cheia ou da Lua negra. Jean Louis Bernard relata um curioso caso de bilocação "de uma dama italiana (do princípio do século), fina, elegante, culta; imprevisivelmente, o fenômeno ocorria durante a Lua negra, fase que exalta a sombra das pessoas. A dama se esquecia instantaneamente de si mesma, transformava-se na própria sombra e, como uma mulher vulgar, entrava num outro contexto, dirigia-se à cidade baixa para se encontrar com seu amante, um chefe de bandidos. Voltando a si, depois de curto transe, ela esquecia o amante e retomava sua vida cotidiana sem problemas de consciência, não se lembrando da aventura, que, no entanto, voltaria a viver" (*Les Archives de L'Insolite*).

Calendário (ver também *Ciclo de Meton*)

A Lua foi o primeiro calendário dos homens. O ciclo lunar, com sua regularidade, permitiu a elaboração de um primeiro calendário religioso. Entre todos os povos da Antigüidade (judeus, chineses, babilônicos etc.) a Lua nova (Neomênia) era ocasião de festas. Mais tarde, o calendário religioso serviu de base para a elaboração de um calendário civil (como existe ainda em Israel).

Cão

O cão é amigo da Lua. O cão (Cérbero) era o guardião dos infernos, protetor e amigo do astro lunar. A associação Cão-Lua encontra-se em numerosas lendas e também no arcano lunar do tarô

Caracol

Símbolo lunar universal, o caracol exhibe e esconde seus chifres, como a Lua aparece e desaparece. É símbolo da regeneração periódica e da fertilidade. "Como tal, o caracol toma-se o lugar da teofania lunar, como nas antigas religiões mexicanas, que representavam o deus da Lua, Tecçiztecatl, dentro de uma concha de caracol" (Mircea Eliade).

Caranguejo

É um símbolo lunar desde a mais alta Antigüidade. Aparece ligado à Lua no tarô e na astrologia, porque pode andar tanto para a frente como para trás, assemelhando-se nisso às fases lunares.

Chuvas

Segundo as tradições populares (que hoje parecem confirmadas) as fases da Lua seriam responsáveis pelas mudanças do tempo e, principalmente, pelas chuvas. Como já salientamos, a Lua acha-se inscrita na associação Lua-Águas-Fecundação-Primeiras Chuvas-Mulher. A chuva, portadora da fecundidade, é naturalmente um símbolo lunar.

Entre os incas, a festa da Lua celebrava o fim da estação seca. Durante essa festa os cães eram expulsos das cidades (sem dúvida, porque suscitariam a atenção de sua amiga, a Lua...) e começavam as cerimônias para chamar as primeiras chuvas.

Cinérea (luz)

Pouco antes ou depois da Lua nova, apenas um reduzido crescente da Lua é visível, mas distingue-se facilmente o restante do astro com sua cor pálida, cinzenta. Essa luz acinzentada — cuja origem foi explicada por Leonardo da Vinci — é provocada pela luminosidade da Terra (clarão da Terra); Flammarion falava do "reflexo de um reflexo".

Concha (ver também *Pérola*)

É um símbolo lunar associado à trilogia Lua-Águas-Fecundidade.

Cornos de Ísis

Ísis é a principal deusa egípcia, deusa suprema e universal. Sua cabeleira representa o crescente da Lua nova, sobre o fundo do disco lunar. Os cornos de Ísis, as duas partes do crescente, simbolizam a influência do bem sobre o mal. Com efeito, eles se opõem à Lua negra, cuja influência

é maléfica. Nos países mediterrâneos, conjura-se a má sorte (pela qual a Lua negra seria responsável) estendendo-se o braço, com o polegar e o dedo mínimo para a frente: isso representaria os cornos de Ísis.

Criminosos da Lua

Certos doentes mentais são bastante perturbados durante a Lua cheia e, por isso, suscetíveis de cometer crimes ou delitos sob a influência lunar; alguns autores tentaram provar que os delitos da Lua cheia são cometidos sob a ação de uma força irresistível.

Ditados

Os ditados consagrados à Lua são muito numerosos. Ver, neste livro, o capítulo dedicado à meteorologia lunar.

Espelho

Do ponto de vista que particularmente nos interessa (a simbologia do espelho é por demais importante para que possamos, ainda que brevemente, examiná-la aqui) o espelho é símbolo lunar e feminino. O espelho — como a Lua — reflete uma luz que não lhe pertence. Na China, o espelho simbolizava o par real, no qual cada parceiro era uma das partes do espelho (Yin e Yang). No momento da Lua cheia, um espelho partido deveria ser reconstituído: o par real deveria se unir para garantir a descendência. O espelho era, como a Lua, uma representação do Tao. É conhecida a importância da Lua na civilização chinesa.

Acrescentemos ainda que o espelho, como a Lua, é um mentiroso: a imagem que ele nos dá é invertida.

Fecundidade

A Lua é o símbolo da fecundidade. Sabe-se de sua presença nos mitos sobre partos e sobre o sexo dos nascituros. Como influencia as chuvas, é também o símbolo da fecundação da terra.

Foice

Em razão de sua forma, a foice é associada ao crescente lunar. Para os druidas, servia para cortar outro símbolo lunar, o visgo. Símbolo lunar e instrumento de colheita, a foice é essencialmente ligada à fertilidade e ao renascimento.

Gabriel

Em magia e na cabala, o anjo Gabriel seria o regente da Lua, o anjo da segunda-feira (dia da Lua).

Hécate

Deusa lunar e ectoniana, é habitualmente representada com três cabeças e três corpos, cada um representando as três fases do ciclo lunar (crescente, minguante, desapareição) bem como as três etapas da vida (infância, juventude, maturidade) e ainda os três níveis do mundo (Céu, Terra, Inferno). Os psicólogos a interpretam como a representação tópica da atividade psíquica (consciente, pré-consciente e inconsciente). Os três corpos corresponderiam ao Ego, ao Id e ao Superego. Como deusa lunar, é associada ao ciclo da fecundidade, à morte e ao culto da fertilidade.

Lebre (coelho)

Ela é o animal lunar por excelência. Na Ásia é freqüentemente associada à Lua e os filósofos a localizam nas manchas lunares. Há uma bela lenda referente a ela: "Buda ter-se-ia reencarnado sob a forma de uma lebre numa de suas existências passadas e teria oferecido sua carne, por compaixão e extrema caridade, a um viajante esfaimado. Desde então, a imagem desse animal, muitas vezes designado como coelho da Lua nos contos e tradições populares, está como que impressa no disco lunar, onde pode ser vista nas noites claras" (*Dictionnaire des mythologies*, Flammarion, 1981; art. "Lune").

No simbolismo do bestiário lunar, a lebre é animal emblemático por diversas razões: é extremamente prolífico; como a Lua, é símbolo de fertilidade, dorme durante o dia e anda à noite; aparece e desaparece no mais completo silêncio. Isso explica, no Taoísmo, sua ligação com o preparo da droga da imortalidade.

As tradições populares européias confirmam o que nos ensina o estudo das mitologias, que consideram a lebre como um animal lunar. Esta cantiga de roda, muito célebre, é um dos múltiplos exemplos:

*Eu vi na Lua
três coelhinhos pequeninos
que comiam ameixas
e bebiam vinho.
Muitos...*

Na China, os ferreiros utilizam sua bÍlis para afiar as lâminas das espadas. Preparadora da droga da imortalidade, a lebre era tida como portadora de força e eternidade à lâmina. Na Anatólia, os camponeses xiitas não a comem, porque crêem que a lebre é a reencarnação de Ali, intercessor entre Má e os crentes. Encontra-se proibição semelhante no Levítico e no Deuterônimo: a lebre é tida como animal não comestível, impuro.

O simbolismo sexual da Lua e da lebre confunde-se com numerosas proibições: na China, a mulher grávida não podia olhar para a Lua, sob pena de dar à luz um cara-de-lebre. Na mitologia egÍpcia, OsÍris, que foi esquartejado e atirado às Águas do Nilo para assegurar a regeneração periódica é, muitas vezes, representado sob forma de uma lebre.

À semelhança da Lua, a lebre é um animal ambivalente, que representa ao mesmo tempo as forças da vida (fecundidade, feminilidade) e as forças da morte (infamo).

Licantropia (ver também ***Lobo*** e ***Bilocação***)

Doença mental que provocaria um desdobramento de personalidade.

A pessoa afetada toma-se por lobo e se comporta como tal. Os fenômenos de licantropia são, hoje em dia, raros, mas no século XVII realmente se acreditava nessa transformação, que se produzia sempre durante a Lua cheia.

Lilith

De acordo com os cabalistas, seria a primeira mulher de Adão. Em astrologia lunar representa a Lua negra, cuja influência seria maléfica.

Lobo (ver também ***Cão***, ***Licantropia***)

O lobo é um animal solar e lunar. Como animal lunar, ele está associado à fecundidade e ao inferno. Como seu homólogo, o cão, ele desempenha o papel de psicopompo, isto é, de condutor das almas mortas.

Na Anatólia, as mulheres estereis invocam o lobo para engravidar. Em certas regiões da Ásia, uma vez por ano, faz-se de um feixe de feno a imagem de um lobo. Essa imagem é conservada durante o ano todo, para que ele case as moças da aldeia.

Do mesmo modo, uma loba deu origem à grande civilização romana. Em certas mitologias, o lobo é considerado parente do coelho.

Lua cheia

É o momento em que o astro lunar exerce seus efeitos mais importantes. A ação da Lua cheia se manifesta sobre os vegetais (crescimento, cicatrização de incisões), sobre os animais (principalmente na pesca), sobre o homem (crimes, insônia, nascimentos, hemorragias etc.) como também sobre as marés e a atmosfera (modificações do clima).

Marés

Distinguem-se marés de água, atmosféricas (responsáveis pelas mudanças do tempo) e terrestres (responsáveis — talvez — por certos tremores de terra). As marés são sempre provocadas pela atração da Lua.

Meteorologia

Existem numerosos provérbios meteorológicos que colocam em evidência a influência da Lua sobre as mudanças de tempo e especialmente as chuvas. Um capítulo inteiro deste livro é dedicado à meteorologia lunar.

Meton

Astrônomo ateniense do século V. Inventou uma regra (ciclo de Meton) que faz a concordância dos anos solares com os ciclos lunares, regra esta ainda utilizada no cômputo eclesiástico.

Neomênia (ver também *Lua nova*)

Do grego *neos* (novo, nova) e *mené* (Lua). Esse termo é geralmente utilizado num contexto religioso ou folclórico. A Lua nova tem lugar de grande importância no calendário de todos os povos da Antigüidade.

A Neomênia, nas diversas religiões, determinava o calendário das festas. Entre os judeus, celebrava-se, no início de cada mês, o rito da Lua nova. É ainda a Lua nova de setembro que marca o início do ano (Rosh Hashaná).

Segundo as imagens apocalípticas, ela perderá, no último dia, sua cor branca e seu brilho.

Orações

As preces à Lua são numerosas. Atualmente, no judaísmo, ainda se recitam orações para o astro lunar.

Orvalho (ver também *Chuvas*)

O simbolismo do orvalho, como o da chuva, inscreve-se na clássica associação Lua-Águas-Fecundidade. É, mais que a chuva, símbolo de fecundidade. "Orvalho lunar chinês esclarece a visão e permite atingir a imortalidade. Lie-Tseu narra que os Imortais da ilha de Hotcheou nutrem-se de ar e de orvalho, tirados da Lua com a ajuda de uma grande concha. Ainda se recolhe o orvalho, como o imperador Wou des Han, numa taça de jade, para bebê-lo misturado com pó de jade" (*Dictionnaire des symboles*).

Osíris

Plutarco insistia sobre o paralelismo entre o ciclo lunar e a vida desse deus (paixão e ressurreição).

A título de exemplo, assinalemos que, para os egípcios, a morte de Osíris aconteceu num dia 17, porque nesse dia a Lua minguante toma-se visível. Além disso, Osíris viveu 28 anos. Sua vida e morte estão plenas de acontecimentos ligados às três cifras lunares: 4, 7 e 28.

Peixes

Durante os dias que se seguem ou precedem a Lua cheia, não são raras as pescas miraculosas. Isso resultaria da atração lunar sobre a água e as espécies que a habitam, de um aumento do metabolismo dos peixes (estimulando sua fome) e de uma atração em direção à claridade da Lua.

Pérola

A universalidade da pérola como símbolo lunar foi demonstrada por todos os etnólogos. O simbolismo sexual da pérola é manifestado pela sua oferta à mulher amada. A pérola, nascida de uma concha, participa da trilogia Lua-Água-Mulher. Isso explica as numerosas manifestações simbólicas, bem como as diversas propriedades psíquicas, sexuais, ginecológicas etc., que lhe são atribuídas.

Na Europa, a pérola era utilizada no tratamento de doenças mentais (demência, epilepsia etc.). Era utilizada, ainda, como afrodisíaco e no combate à esterilidade. Colocada num túmulo, ela assegurava ao morto a sobrevivência, inserindo-o no ciclo da vida, simbolizado pelas fases da Lua: crescimento, maturidade, declínio, morte, renascimento. Este costume se encontra — com diversas variantes — em todas as épocas e civilizações.

Porca (ver também **Seth**)

O porco é considerado um animal impuro. E o porco negro, símbolo de Seth, também representa a Lua negra. A porca, ao contrário, é considerada como um animal divino, símbolo da fecundidade. "Divindade selênica é a mãe de todos os astros que ela engole e expele alternativamente, segundo os astros diurnos ou noturnos, para os deixar viajar pelo céu" (*Dictionnaire* das *symboles*).

Prata

No quadro das correspondências astrológicas, a prata se associa à Lua. Além disso, tradicionalmente oposta ao ouro, a prata é feminina, passiva, lunar, branca e aquática; o ouro é masculino, solar, amarelo e celeste.

Em magia, para se beneficiar dos poderes da Lua, usa-se sempre nos rituais uma peça de prata.

Roda

Antes de tornar-se símbolo solar, a roda, simbolizando um ciclo sem fim, representava a Lua, cujas fases engendram igualmente um ciclo interminável. O sistro de Ísis ou de Diana representa o disco lunar. Também a roda céltica é lunar. A roda zodiacal possuía, antes, um sentido lunar (os babilônios a denominavam Casas da Lua) e somente mais tarde ela assumiria um significado solar.

Rorschach

O teste de Rorschach, utilizado regularmente em psicologia, consiste em observar certas manchas sobre um papel e dizer o que se vê nelas. O simbolismo das manchas permitiria uma aproximação inicial do inconsciente e de seus problemas. As manchas lunares são, de algum modo, um teste de Rorschach para a humanidade. Algumas civilizações viam nelas um coelho, outras, um homem, outras ainda, um cão, um urso, uma raposa etc. Esse bestiário lunar, confrontado com os mitos e lendas de um povo, permite uma aproximação daquilo que Jung denomina inconsciente coletivo. É esta simbolização diversificada da Lua que exige uma decodificação dos sonhos, em função da origem de quem sonha.

Ruiva (Lua)

A Lua ruiva é a Lua cheia da primeira luação depois da Páscoa. Segundo as tradições populares, ela teria influência sobre as folhas novas e os brotos.

Sabath

Etimologicamente é o dia em que a Lua pára de crescer (Lua cheia). Primitivamente o Sabath se confundia com a Neomênia e era ocasião festiva; mais tarde foi celebrado em cada uma das fases do ciclo. Como, na primitiva religião judaica, o Sabath ligava-se estreitamente ao culto lunar, isso explica as imprecisões dos profetas, como Oséias e Isaías, contra ele.

O Sabath das feiticeiras ligava-se a essa festa primitiva: enquanto Deus repousa, os demônios dançam!

Seth

Divindade egípcia. Era representado como um porco negro que devorava a Lua, na qual a alma de seu irmão Osíris se refugiara. Seth simboliza as forças do mal, enquanto Osíris simboliza o bem. O porco negro simboliza a Lua negra.

Sin

Deus lunar primitivo, de origem incerta. Geralmente se pensa que seu culto estivesse, talvez, na origem das principais religiões do Oriente Médio. Seu culto existiu sobretudo em Ur na Mesopotâmia. Era um deus masculino (sua esposa Nin-gal era chamada a "mãe de Ur"). Mais tarde, antes que a Lua se tomasse feminina, o deus lunar tomara-se bissexuado. Em Harran, cidade da Mesopotâmia, a Lua era "adorada sob a forma de uma pedra sobre um crescente, a quem se atribuíam os dois sexos. Em dias determinados, se lhe ofereciam sacrifícios, especialmente de touros. No dia 24 de janeiro, era celebrada a festa solene de seu nascimento, durante a qual degolavam-se oitenta animais. Parece que, às vezes, eram-lhe oferecidos até sacrifícios humanos" (*La Lune, mythes et rites*, p. 204).

De Sin derivou-se Selene, em grego, que, perdendo a primeira sílaba, transformou-se em Luna.

Sol

O Sol é oposto e complementar à Lua. Nessa dualidade entre os dois astros, a Lua é Yin, em relação ao Sol. De acordo com o Tao, o Yin engendra o Yang inversamente, como no céu a Lua se sucede ao Sol. Não há Yin sem Yang, o que explica a presença, às vezes, da Lua e do Sol no mesmo céu. Simbolicamente o Sol corresponde ao coração e a Lua ao

cérebro. O Sol é o profeta e a Lua o ímã, pois este — como a Lua — recebe do primeiro sua luz.

Sonho

Segundo Freud, o homem que melhor conhecia os sonhos, para que um desejo inconsciente possa se exprimir num sonho, é necessário que o mecanismo de censura transforme esse desejo, de maneira que ele não seja alterado e não acorde quem sonha. Uma das condições para essa transformação é que o sonho tome a aptidão uma figuração; isto é, o conteúdo do sonho deve transformar-se em imagem. Para transformar o desejo em imagem, o inconsciente baseia-se naturalmente em símbolos. Os símbolos lunares são muito numerosos e é natural a presença freqüente da Lua nos sonhos. Já mencionamos neste livro alguns sonhos típicos.

Tarô

É um jogo de cartas divinatório composto de 78 cartas, lâminas ou Arcanos. Distinguem-se 22 Arcanos maiores e 56 menores. A 18 carta dos Arcanos maiores corresponde à Lua.

Tartaruga

O simbolismo da tartaruga tem origem nas suas particularidades físicas e fisiológicas. Esse animal tem um papel de primeiro plano nas narrativas que se referem à cosmogonia. Animal terrestre que vive no mar; seu dorso é redondo e côncavo (imagem do céu), seu ventre, quadrado e achatado (imagem da Terra), animal lento de grande longevidade etc.

Entre os maias, o deus da Lua era representado coberto de uma couraça com aspecto de casco de tartaruga.

Thoth

No Egito é o mais importante dos deuses lunares. Nos textos das Pirâmides é claramente designado como a Lua: "Apareces no céu como Rá, atravessas o céu como Thoth..." É muitas vezes denominado o "touro entre as estrelas" ou o "touro do céu".

Tipo lunar

O lunariano é feminino, introvertido, primário, sensível, lento. Sua vida interior é intensa. Fisicamente é roliço ("cara de Lua"), seus traços são pouco marcados, sua tonalidade é clara.

Touro

O simbolismo do touro é extremamente rico. Demos apenas um exemplo: ele é animal emblemático tanto na astrologia ocidental (a Lua está em exaltação durante o signo de Touro!) quanto na oriental.

O touro é também um animal lunar, ligado ao simbolismo da chuva, da tempestade e da fecundidade. Nas lendas e tradições de muitas populações, encontra-se touro associado à Lua. Os vestígios do Neolítico (tais como desenhos em cavernas) atestam a antiguidade dessa associação. Sin, um dos primeiros deuses (de origem obscura, mas do qual provém Selene), é, muitas vezes, representado como um touro. O mesmo se fazia com relação a Osíris, deus lunar egípcio. No Egito, aliás, a Lua era o Touro das Estrelas. Na Pérsia, acreditava-se que a Lua conservava a semente do touro primitivo que teria engendrado o mundo.

A origem dessa associação deve estar nos chifres do touro, que lembram facilmente o crescente lunar. Assim, o corno perfeito de Siva é o crescente lunar. A palavra Aleph, que designa a primeira letra do alfabeto hebraico (símbolo da Lua) designa também o touro.

Urso

Na mitologia grega, o urso aparece associado a Ártemis, ou porque a acompanha, ou porque a deusa se reveste de sua forma durante suas aparições. Para os psicólogos, o urso representa nosso instinto, ou mesmo o aspecto perigoso do inconsciente. É curioso que, entre muitos povos, as mulheres sofrem proibições relacionadas com o urso: não podem participar da caça, nem mesmo seguir suas pegadas. Por esta razão, a pele do urso não é jamais introduzida pela porta de entrada da habitação, porque as mulheres utilizam essa porta.

Nas regiões setentrionais, o urso é assimilado à Lua, pois desaparece no inverno e reaparece na primavera.

Vaca

Como a Lua, a vaca é um símbolo da feminilidade e da fecundidade. Em certas tradições antigas, a Lua é representada com dois chifres de vaca.

Vegetais

É grande a influência da Lua sobre o crescimento e bom estado dos vegetais. Para aproveitar ao máximo a influência lunar, deve-se levar em conta não só as fases da Lua, como também a época do ano (lunação).

Algumas lunações são mais perigosas, porque a seiva dos vegetais está em circulação, enquanto outras não fazem diferença.

Visgo

Na religião céltica, o visgo era o símbolo lunar por excelência: era colhido durante uma grande cerimônia religiosa, no sexto dia da Lua. "Escolheu-se esse dia, porque nele a Lua já apresenta uma forma considerável, embora ainda não esteja no meio de seu curso. Depois de preparar o sacrifício ao pé da árvore, trazem-se dois touros brancos e amarram-se os seus chifres pela primeira vez. Vestindo roupas brancas, o sacerdote sobe na árvore, ferindo-a com uma foice de ouro, para colher o visgo num tecido branco. Imolam-se as vítimas, rogando à divindade que torne o sacrifício aproveitável aos que o oferecem. Os celtas acreditavam que o visgo, tomado como bebida, daria fecundidade aos animais estéreis e serviria de antídoto contra os venenos" *Dictionnaire des symboles*).

Yang (ver **Yin**)

No Tao, o Yang é oposto e complementar do Yin. Este representa tudo o que é feminino, frio, passivo; enquanto o Yang representa tudo o que é masculino, quente, ativo. Entre os pares de luminares opostos e complementares, o Sol é Yang e a Lua é Yin.

Yin

Yin é complementar e oposto do Yang: representa o que é feminino, passivo, cerebral. É o símbolo da fecundação. A Lua é Yin, em oposição ao Sol, Yang.

História da Lua em algumas datas

- *Há bilhões de anos*: nascimento da Lua.
- *Há milhares de anos*: surge a astrologia lunar (Suméria, Babilônia, Egito).
- *2200 a.C.*: primeira observação escrita de um eclipse lunar.
- *600 a.C.*: os filósofos gregos (escola de Pitágoras) supõem que a Lua é o refúgio dos mortos.
- *400 a.C.*: Platão crê que a Lua é uma bola de fogo.
- *200 a.C.*: Hiparco calcula a distância da Terra à Lua.
- *200 a.C.*: Ptolomeu escreve o *Almageste*, que será a base para toda a astronomia durante 14 séculos.
- *1543*: Copérnico estabelece o sistema heliocêntrico.
- *1609/19*: leis de Kepler.
- *1614*: primeiro desenho da Lua (J.C. Locher).
- *1627*: invenção do telescópio.
- *1630*: mapa lunar (Zupe e Fontana).
- *1647*: Hevelius publica *Selenografia*; propõe nomes para os acidentes lunares.
- *1651*: Riccioli dá nomes definitivos aos acidentes lunares.
- *1687*: Newton publica as leis da gravitação universal.
- *1772*: Euler estuda os movimentos da Lua.
- *1840*: primeira fotografia da Lua (Draper).
- *1865*: Júlio Verne publica seus romances de ficção sobre a Lua.
- *1949*: utilização do radar para obter um eco da Lua (Bay, Hungria).
- *1959*: a sonda *Lunik II* (URSS) atinge a Lua. *A Lunik III* tira as primeiras fotos da face invisível da Lua.
- *1964*: o *Ranger VII* (USA) envia mais de 4.000 fotos da Lua.
- *1966*: o *Luzia IX* (URSS) pousa suavemente na Lua. Primeiras imagens de televisão. O *Luna X* torna-se o primeiro satélite artificial da Lua.
- *1967*: o *Surveyor III* (USA) analisa as rochas lunares.
- *1968*: primeiro vôo tripulado em torno da Lua (*Apollo VIII*, USA).
- *1969*: a tripulação da *Apollo XI* desembarca na Lua.
- *1970*: a *Apollo XIII* volta para a Terra tragicamente (explode seu reservatório de oxigênio).
- *1972*: último vôo da série Apollo (*Apollo XVIII*).

BIBLIOGRAFIA

- 1 - Antarès G. *L'art de l'interprétation en astrologie*. Ed. Flandre Artois, 1979. 414 pp.
- 2 - Arend S. *La stabilisation de la fête de Pâques*. Revista *Gel et Terra*, 1961 n° 9 & 10.
- 3 - Bashir Mir. *Le guide Marabout de la chiromancie*. Marabout Service n° 374, 1980. 250 pp.
- 4 - Berget A. *Le ciel, nouvelle astronomia pittoresque*. Larousse, 1923. 310 pp.
- 5 - Brandley D., Woodbury G. & Brier G. *Lunar synodical period and widespread precipitation*. Science 137.748, 1962.
- 6 - Brau J. L. *Dictionnaire de l'astrologie*. Larousse, 1977. 222 pp.
- 7 - Braun P. *Médecins et sorciers des Andes*. Ed. et Publications premières, 1971. 231 pp.
- 8 - Breton Guy. *Nuits secrètes de Paris*.
- 9 - Chamfrault A. (Dr.). *Traité de médecine chinoise*. Tomo II. Editions Coquemard, 1973. 575 pp.
- 10 - Collectif. *Dictionnaire des sociétés secrètes*. Culture, Art, Loisirs, 1971. 478 pp.
- 11 - Collectif. *Dictionnaire des proverbes et dictons*. Les usuels du Robert, 1980. 658 pp.
- 12 - Collectif. *Encyclopédie Nagel de la Lune*, 1970. 179 pp.
- 13 - Collectif. *Almanach Cousteau de l'environnement*. Laffont, 1981. 587 pp.
- 14 - Collectif (Chevalier J. Gheerbrant A....) *Dictionnaire des symboles*. Seghers, 1981. Tomo 4.

- 15 - Collectif. *Encyclopédie de la divination*. H. Veyrier, 1973. 544 pp.
- 16 - Collectif. *La Lune, mythes et rites*. Sources orientales. Seuil, 1962. 373 pp.
- 17 - Collectif. *Nouveau dictionnaire de sexologie*. Encyclopédie française de poche, 1972. Tomo V.
- 18 - Collectif. *Le livre des conjurations et sortilèges*. R. Morei, 1964.
- 19 - Colombet P. *Secrets et techniques de l'astrologie*. Ed. Famot, 1979. Tomos I e II
- 20 - Couderc Paul. *L'astrologie*. Que sais-je? PUF, 1974. 127 pp.
- 21 - Delsol Paula. *La météorologie populaire*. Ed. Sélect, Canadá, 1973. 153 pp.
- 22 - Dufour L. *Les dictons météorologiques*. Marabout, 1973. 185 pp.
- 23 - Flammarion C. *Astronomie populaire*.
- 24 - Frederick R. *L'intelligence des plantes*. Dargaud, 1982. 288 pp.
- 25 - Frederick R. *L'influence de la Lune sur les cultures*. Flammarion, 1978.
- 26 - Friedel H. et al. *Dictionnaire de l'écologie et de l'environnement*. Larousse. 1980. 282 pp.
- 27 - Gauquelin M. *Rythmes biologiques, rythmes cosmiques*. Marabout Université, 1973. 256 pp.
- 28 - Gauquelin M. *Nos rythmes vitaux*. Retz, 1979. 221 pp.
- 29 - Gleadow Rupert. *Les origines du zodiaque*. Stock, 1971. 290 pp.
- 30 - Granet M. *La civilisation des Chinois*.
- 31 - Grosjean RP. P. *La date de Pâques et le Conde de Nicée*. Revista *Ciel et Ferre*, 1962. N° 1 & 2.
- 32 - Guillot R. P. *Les crimes de la Pleine Lune*. Ed. Alain Lefevre. Col. Connaissance de l'étrange 1979. 252 pp.
- 33 - Hades. *Manuel complet d'astrologie médicale*. Ed. Niclaus, N. Bussière Succ., 1979. 224 pp.
- 34 - Halbronn J. *Clefs pour l'astrologie*. Seghers, 1976. 214 pp.
- 35 - Huard P. & Ming Wong. *La médecine chinoise au cours des siècles*. Dacosta, 1959. 307 pp.
- 36 - Israel Guy. *L'exploration du système solaire*. Hachette, 1977. 287 pp.
- 37 - Klipffel J. *Prévoir le temps par les dictons marins*. Arthaud, 1976. 245 pp.
- 38 - Lacey L. *Lunaception*. Ed. L'Etincelle, 1976. 167 pp.
- 39 - Leonard G. *Ils n'étaient pas seuls sur la Lune. Le dossier secret de la NASA*. Belfond, 1976. 208 pp.

- 40 - Lieber A. & Agel G. *Les pouvoirs de la Lune*. Laffont, 1979. 204 pp.
- 41 - Link F. *La Lune*. Que sais-je? PUF, 1981. 128 pp.
- 42 - Lods A. Israel, *des origines au milieu du VII siècle avant notre ère*. Albin Michel, 1969. 595 pp.
- 43 - Loux F. *L'Ogre et la dent*. Arts et Traditions populaires. Berger-Levrault, 1981. 186 pp.
- 44 - Mesmer F. A. *Le magnétisme animal* Payot, 1971. 407 pp. 45. Moran R. *Prévoir le temps*. Olivier Orban, 1979. 59 pp.
- 46 - Moreux Abbé Th. *Les influences astrales*. Doin, 1942. 204 pp.
- 47 - Needham J. *La tradition scientifique chinoise*. Berram'. Col. Savoir, 1974. 306 pp.
- 48 - Nosar J. *Le soleil avec nous*. L'air du temps. Gallimard, 1977. 180 pp.
- 49 - Papus. *Traité méthodique de magie pratique*. Ed. Dangles. 639 pp.
- 50 - de Plancy Colin. *Dictionnaire infernal*. Marabout, 1973. 508 pp.
- 51 - Rey A. & Chantre= S. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Les usuels du Robert, 1979. 946 pp.
- 52 - Rousseau P. *Notre amie la Lune*. Hachette, 1943. 254 pp.
- 53 - Ruffat A. *La superstition à travers les âges*. PBP. N. 297, pp.
- 54 - Segurier F. *La recherche sur les énergies nouvelles*. Points sciences, 1980. 332 pp.
- 55 - Seignolle Cl. *Les Evangiles du Diable*. Belfond. Poche Club, 1967. 381 pp.
- 56 - Velter A. & Lamothe M. J. *Les outils du corps*. Bibliothèque Médiations (Gonthier/Denoel), 1978. 311 pp.
- 57 - Virgatchik I. *Météorologie et micro-climats*. Marabout Service n° 452, 1981. 344 pp.
- 58 - Virgile. *Les Bucoliques. Les Géorgiques*. Garnier-Flammarion, 1967. 252 pp.
- 59 - Walusinski G. *Ciel passé présent*. Études vivantes. Montréal, 1981. 222 pp.
- 60 - Wirth Oswald. *Le tarot des Imagiers du Moyen-Âge*. Tchou, 1966. 374 pp.

Leia também

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA E OS QUATRO ELEMENTOS

Stephen Arroyo

Tendo como epígrafe a seguinte afirmação de Jung: "*A Astrologia merece o reconhecimento da Psicologia, sem restrições, pois representa a soma de todo o conhecimento psicológico da Antigüidade*" — este livro trata da relação da Astrologia com a moderna Psicologia e do uso da Astrologia como método prático para compreender de que modo nos sintonizamos com as forças do Universo. Ele mostra claramente como abordar a Astrologia e inclui uma instrução prática para a interpretação dos fatores astrológicos com mais profundidade do que comumente é encontrada nos manuais que tratam dessa ciência.

Destinado ao leigo em Astrologia, aos estudiosos da matéria, aos profissionais e a todos os que, de algum modo, se dedicam às artes de aconselhamento, este livro explica, em sua I Parte, como a Astrologia pode ser um instrumento do maior valor para a compreensão de nós mesmos e dos outros, enquanto na II Parte são explicadas as técnicas e significados tradicionais dentro de uma perspectiva que se preocupa em entender as energias inerentes a todos os processos da vida.

O autor, Stephen Arroyo, é um dos pioneiros na introdução da Astrologia como disciplina integrada no curriculum escolar de algumas Universidades norte-americanas.

EDITORA PENSAMENTO

O CICLO DE LUNAÇÃO

Dane Rudhyar

A astrologia moderna dá singular importância ao dia do nascimento da pessoa cuja vida e caráter estão sendo estudados. As revistas de astrologia, obrigadas a se apoiarem em dados simplificados e generalizados, têm sido em parte responsáveis pela excessiva ênfase dada ao que chamamos de "signo solar". Por isso, desenvolveu-se entre as pessoas o hábito de dizer: "Sou de Áries", ou "Sou de Virgem" — significando que, na data do seu nascimento, o Sol estava localizado no signo zodiacal de Áries ou de Virgem, como se mais nada existisse ou se movesse por ali.

No entanto, cada momento do mês ou do dia pode ser significativamente caracterizado pelos ciclos de luação, que constituem o resultado da combinação dos movimentos periódicos do Sol e da Lua entre os demais corpos celestes. Assim sendo, podemos também dizer: "Sou do primeiro quarto da Lua", ou "Sou da fase da Lua cheia", com a mesma razão com que dizemos: "Sou de Libra".

Tendo em vista esses aspectos, os seres humanos podem ser divididos de conformidade com o significado simbólico dos períodos mais importantes dos ciclos de luação. E, quando isso é feito, o fator básico usado como alicerce para essa classificação não é apenas o Sol, mas o relacionamento Sol-Lua.

Em *O ciclo de luação*, Dane Rudhyar — um dos astrólogos mais conceituados da atualidade — ensina como classificar astrologicamente as pessoas de acordo com os ciclos lunares e ilustra suas considerações examinando os mapas de nascimento de grandes nomes da História mundial, que se destacaram na política, nas ciências, nas letras, nas artes e na religião, como Roosevelt, Kennedy, Stalin, Marx, Freud, Jung, Walt Withman, Goethe, Litz, Joana d'Arc, Sri Aurobindo e Alice Bailey, entre outros.

EDITORA PENSAMENTO

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 83-3141

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-5236

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP
Fone 270-3033

Outras obras de interesse:

O CICLO DE LUNAÇÃO

Dane Rudhyar

A MUTAÇÃO DO MUNDO

Yves Christiaen

CICLOS ASTROLÓGICOS

E PERÍODOS DE CRISE

John Townley

PLANETAS RETRÓGRADOS

E REENCARNAÇÃO

Donald H. Yott

SIGNOS INTERCEPTADOS

E REENCARNAÇÃO

Donald H. Yott

ASTROLOGIA PARA TODOS

Edward Lyndoe

ASTROLOGIA: RITMOS E CICLOS CÓSMICOS

J. F. Goodavage

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA

E OS QUATRO ELEMENTOS

Stephen Arroyo

A ASTROLOGIA E A PSIQUE MODERNA

Dane Rudhyar

GUIA PRÁTICO DE ASTROLOGIA

Bel-Adar

GUIA PRÁTICO DO ZODÍACO CHINÊS

Melanie Claire

VOCÊ E A ASTROLOGIA (12 vols.)

Bel-Adar

ZODÍACO CHINÊS (12 vols.)

Catherine Aubier

A SORTE REVELADA PELO HORÓSCOPO CABALÍSTICO

F. W. Lorenz

SONHOS, SIGNOS E SUCESSO

Doris Kaye

ASTROLOGIA CABALÍSTICA

Warren Kenton

INICIAÇÃO BÁSICA

À ASTROLOGIA ESOTÉRICA

Rosabis Camaysar

Peça catálogo gratuito à

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374 — Fone: 63 3141

04270 São Paulo, SP

A LUA: SUA INFLUÊNCIA SOBRE O HOMEM E A NATUREZA

Ilya Virgatchik

A Lua sempre exerceu grande fascínio sobre o homem. Certas influências lunares são evidentes, outras são 'apenas pressentidas e ainda não receberam uma explicação convincente. Este livro examina pormenorizadamente:

- o que é a Lua: as fases, as rotações, os eclipses, as marés;
- os efeitos da Lua cheia sobre o comportamento humano e sobre os ritmos biológicos do homem: a licanthropia, as perturbações durante o sono, os ciclos femininos;
- a Lua na Astrologia: sua importância nos signos, o ciclo da Lua Negra;
- as fases da Lua e o crescimento dos vegetais, a vida dos animais, os períodos de pesca;
- a ação da Lua sobre a meteorologia e o mecanismo da famosa Lua Vermelha.

Nas fronteiras da Astronomia e da Astrologia, eis um livro original que, além do mais, faz uma apreciação sobre todas as crenças populares ligadas ao nosso satélite.

EDITORA PENSAMENTO